Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 1973 — N.º 18129 — ANO 53.º — PREÇO 1$50

O Instituto Superior Técnico reabre no dia 20

-Exames do 1.º semestre na primeira quinzena de Julho

Os portões do Instituto Superior Técnico estarão abertos no próximo dia 20 — quarta-feira — a fim de que os alunos «possam tirar dúvidas, consultar o calendário e colher os esclarecimentos desejados» para os exames da 2.ª época — 1.º trimestre que se vão realizar de 1 a 15 de Julho, segundo informa o director daquele estabelecimento de Ensino em circular enviada a todos os alunos. Ainda no mesmo documento afirma-se que o próximo ano lectivo, começará no dia 1 de Outubro e que as instalações da Associação de Estudantes serão desseladas no dia 20, além de que estão a ser enviados esforços «no sentido de se realizarem na segunda quinzena de Julho as eleições dos órgãos dirigentes da Associação, garantindo assim a continuidade da sua existência». (Pág. 8).

Ultimato de Campora aos guerrilheiros

BUENOS AIRES, 14 — (F.P. e U.P.I.-A.N.I.) — O presidente Hector Campora apresentou praticamente um ultimato aos guerrilheiros peronistas, para que a partir da próxima quarta-feira, quando regressar de Madrid com o general Juan Perón, cessem as suas acções de violência — revela-se em círculos governamentais.

Campora formulou a advertência ao receber 20 componentes de três grupos guerrilheiros que actuam em nome do peronismo, os quais posteriormente declararam a sua «plena identificação» com o novo Governo.

Jamais um homem de Estado terá sido recebido na Argentina como vai acontecer com o antigo presidente Juan Perón, que chega dentro de oito dias a Buenos Aires, terminando um exílio de 18 anos.

Três milhões de peronistas estão convocados para o aeroporto. O Parlamento, entretanto, apresenta-se a reintegra-lo, dando-lhe a patente de tenente-general que lhe tinha sido tirada. As rádios e televisões oficiais e particulares difundem constantemente «slogans» a favor de Perón e repetem uma nova canção que está a espalhar-se por todo o país «Bienvenido compañero, bienvenido general». Nas administrações, nas escolas, nos páteos das fábricas, enfim de onde tinham sido apeados, estão a levantar-se de novo os bustos de Perón e de Eva Perón. Os retratos de Evita e Perón retomam os lugares que tinham tido nas paredes das faculdades ministérios, hospitais, etc..

NOVAS CIDADES VELHOS PROBLEMAS

A modificação do estatuto administrativo de três ex-vilas irá concretizar-se em alterações de fundo com vista à melhoria das condições de vida das comunidades locais? Aqui está uma questão mais interessante do que o facto de Almada, Espinho e Póvoa serem ou não cidades. É a ela que pretendemos responder em parte, na série de reportagens que hoje iniciamos, em Almada. (Pág. 12).

A reunião da NATO dominada pelos aspectos políticos da actualidade

COPENHAGUE, 14 (Telex de Nuno Rocha) — A reunião anual da NATO, que esta manhã começou no Bella Center, sob as discretas medidas de segurança habituais (o país que recebe os delegados à reunião vê-se obrigado a protegê-los cuidadosamente para salvar o seu prestígio), terá como temas principais assuntos pendentes e assuntos candentes da actualidade política europeia.

Depois do esboço de desentendimento provocado por Henry Kissinger após as conversações de Reykjavik, quando deu a entender que os Estados Unidos iam patrocinar a realização sistemática de consultas bilaterais, surgiram na Europa outros factores de natural interesse para os bastidores da NATO. Não é na Holanda, a pasta dos Negócios Estrangeiros passou a estar na posse de um socialista muito à esquerda — Nax Von Der Stoel — o que constituiu, como observamos hoje, o motivo de preocupação esperando-se da sua acção uma tentativa para forçar a descompressão entre o pacto do Atlântico e o pacto de Varsóvia, política que na prática não agrada a um número considerável de «partenaires» da NATO. Mas a reunião da NATO decorrerá, hoje e amanhã, dominada ainda por outro problema, o qual interessa também a Portugal. Referimo-nos à «guerra do bacalhau», desencadeada pela Islândia e que atinge por via económica a unidade política da NATO, pois o acordo torna-se difícil. Um outro problema candente vai ser o que se relaciona com a circulação turística existente na Grécia, depois

Continua na pag. 20

O presidente líbio Gaddafi discursando durante um comício que assinalou o terceiro aniversário da evacuação das tropas americanas do país. Alguns dirigentes árabes estiveram presentes à reunião, durante a qual a multidão reclamou a nacionalização das companhias petrolíferas. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL)

EDIÇÃO DE 44 PÁGINAS INCLUINDO SUPLEMENTO LITERÁRIO

Inflação: "tratamento de choque"

O presidente Nixon impôs a noite passada um novo congelamento de preços, por 60 dias, que incide virtualmente sobre todos os produtos dos Estados Unidos. A medida, a que se chamou «dramático tratamento de choque», destina-se a combater o recrudescimento da inflação no país.

Esta foi a segunda ordem de congelamento de preços decretada pelo presidente Nixon em menos de dois anos e os observadores pensam que se trata de uma confissão do fracasso da política económica encetada em Janeiro passado — também destinada a combater a inflação — e que dependia de moderação voluntária quanto a preços e salários. (R. e DL).

A Tass desmente rumores sobre outros desastres com o Tupolev

MOSCOVO, 14 — (R.) — O principal responsável pela construção do avião soviético supersónico TU-144, que caíu nos arredores de Paris há 10 dias, desmentiu ontem notícias da Imprensa estrangeira de que outros modelos do aparelho se haviam despenhado anteriormente.

A agência noticiosa soviética Tass, numa reportagem da capital francesa, citou o engenheiro Alexei Tupolev como tendo afirmado que essas notícias — que segundo a Tass apareceram na Imprensa britânica e de outros países — eram um «absurdo».

Seis membros da tripulação e nove residentes franceses da pequena cidade de Goussainville, nos arredores de Paris, morreram em consequência do desastre.

LEIA AMANHÃ

Entre os temas que «Mesa Redonda» lhe propõe:

A AVENIDA DA LIBERDADE E O FUTURO DE LISBOA — algumas propostas de estratégia urbana, a propósito do novo plano directivo da Avenida.

ENSINO BASICO E ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL, por Calvet de Magalhães.

FAVORITISMOS NA TRANSFERÊNCIA DOS «ATRASADOS» DO ULTRAMAR.

ESCOLAS DE ALTERNATIVA E CRISE DE ENSINO NA AMERICA, por Frédéric Gaussen.

DL/GERAL

OBJECTO NÃO IDENTIFICADO NO CÉU DA RÉGUA

RÉGUA — Na terça-feira, pelas 22 e 30, várias pessoas residentes no estaleiro da barragem da Régua avistaram no céu um rasto luminoso de cor alaranjada, deslocando-se a uma velocidade vertiginosa na direcção Sul-Norte aparentando 50 a 60 metros de comprimento e aproximadamente cinco de largura. Segundo essas mesmas pessoas, o fenómeno assemelhava-se a um combóio elécrico iluminado e que, passados um ou dois minutos depois da sua aparição se dividiu em duas partes, seguindo uma na direcção do poente e outra na direcção nascente.

FERREIRA DE CASTRO

Está em Macieira da Cambra, num período de repouso, o escritor Ferreira de Castro, a quem, recentemente, no seu 75.º aniversário, os amigos e admiradores prestaram significativa homenagem.

Festival Internacional do Filme Publicitário

De 17 a 23 deste mês decorre, em Cannes, o Festival Internacional do Filme Publicitário.

É a 20.ª edição do importante certame, que reune representado no júri internacional, por Luiz Lagrifa, director-geral da Agência L. Lagrifa, que seguiu para Cannes, a fim de participar nos trabalhos preliminares do Festival.

ALMIRANTE FERREIRA DE ALMEIDA

Foi louvado, pela relevante acção exercida enquanto secretário-adjunto da Defesa Nacional, o contra-almirante Eugénio Ferreira de Almeida, que vai exercer o cargo de chefe do Estado-Maior da Armada.

"Brincadeiras" da Comuna

Chama-se «Brincadeiras», mas é um espectáculo teatral a sério aquele que a Comuna vai apresentar, a partir do princípio da próxima semana, no número 115-A da Avenida Almirante Reis, mesmo ao lado da cervejaria Portugália.

O espectáculo foi escrito e encenado colectivamente pelo grupo no âmbito das actividades de pesquisa a que se votou desde a sua formação.

A entrada, para maiores de 14 anos, tem o preço único de 20$00.

CONCURSO MUNDIAL DE "COCKTAILS"

Pela primeira vez Portugal estará representado no Campeonato do Mundo de «Cocktails», que se realiza em Los Angeles. A nossa representação será constituída por três elementos escolhidos na final de um concurso cuja organização esta a processar-se há vários meses e cuja final está prevista para a última semana do corrente mês.

O Clube de Barmen de Portugal, para a presença dos seus representantes, na fase mundial de Los Angeles, vai organizar um voo especial, para o qual se associará com os colegas espanhóis e com todos os que, de Portugal e Espanha os queiram acompanhar.

Doutor Jofre Ribeiro de Amaral Nogueira

F A L E C E U

Sua esposa, mãe, filhos e restante família, cumprem o doloroso dever de participar a todas as pessoas de suas relações e amizade o falecimento de seu muito querido marido, filho, pai e parente e que o seu funeral se realiza dia 15, pelas 11 horas, no cemitério do Prado do Repouso, no Porto.

AGÊNCIA MIGUÉIS
Telefs. 637567 - 641835

cozinhas
Diana

mobiliário
NOBEL

A **FIL/73** foi escolhida para apresentar, pela primeira vez ao público, as novas linhas de cozinhas **Diana** e de mobiliário **NOBEL**.
Em 180 m² os visitantes da **FIL** podem apreciar as últimas novidades, com modelos e desenhos especialmente estudados para as exigências e os gostos portugueses e a preços acessíveis a uma larga camada da população.
Pela primeira vez também, uma importante organização nacional oferece garantias exclusivas de qualidade, através de um Gabinete próprio de Estudos e de controlo de qualidade, composto por uma equipa dinâmica de engenheiros, agentes técnicos, arquitectos, designers e instaladores especialmente seleccionados pela GIC (GESTÃO INDUSTRIAL E COMERCIAL).
Visite o nosso Stand na **FIL**,

Nº 234/249 - Pavilhão CD

onde instalamos o nosso mobiliário no seu ambiente verdadeiro e onde poderá apreciar, comparar e avaliá-lo como se estivesse já instalado na sua casa.
Ficará surpreendido com o que já se faz no nosso País neste sector industrial.

HOJE, INAUGURAÇÃO DO **STAND DE EXPOSIÇÃO** DO PORTO, NA RUA DE SANTOS POUSADA, 1271.
Horas de funcionamento: das 9 às 12 e das 14 às 19 horas. Nos dias 14, 15 e 16 de Junho, nocturnas até às 24 horas.

GARANTIA GIC CONTROLO DE QUALIDADE

Todos os nossos produtos são controlados pela:
GIC-(GESTAO INDUSTRIAL E COMERCIAL) responsável pela qualidade nos mercados nacional e internacional de algumas das mais representativas marcas portuguesas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Parracho Almeida, Lda. «Livraria Caju» Av. Heliodoro Salgado, 29 SINTRA

DL/OPINIÃO

O COMPROMISSO DA SAÚDE

No discurso que pronunciou por ocasião do acto de posse do novo director-geral dos Hospitais, referiu-se o secretário de Estado da Saúde àqueles que «ainda tentam pintar de negro o pano de fundo» da assistência médica e hospitalar do nosso País. Sem demasiada pretensão, e tendo apenas em conta as vezes que neste mesmo lugar encontraram algum reflexo as inúmeras dificuldades da saúde portuguesa, somos levados a incluir-nos, por nosso próprio pé, naquele renitente grupo... Escusado seria dizer quão grande será o nosso gosto se houver um dia motivo para usar, não o negro das sombras e da melancolia, mas as cores festivas do arco-íris, de que hoje já alguns fazem uso abundante, mas não cause espanto se mesmo então mais avultar aqui a deficiência ocasional do que a regularidade exemplar da estrutura: o bom serviço não tem de ser louvado, pois para essa mesma bondade é que existe.

Dá no entanto algumas e certas esperanças o discurso do secretário de Estado, precisamente por aqueles pontos em que não foge a enfrentar deficiências que ainda são de estrutura e em que, por assim dizer, não se furta a colocar também no dito pano de fundo as negras pinceladas que as realidades impõem. Procede assim, por exemplo, quando claramente enuncia o problema da formação dos especialistas e a sua distribuição (melhor: concentração) no País: «Nota-se uma tendência para identidade de preferências (dos candidatos), por parte dos concorrentes, sobrecarregando algumas especialidades, o que tem causado alguns inconvenientes e dificuldades, a começar pelas que resultam do mal-estar da inevitável competição individual, pela necessária selecção». E mais adiante: «Se quisermos ultrapassar os critérios empíricos que temos adoptado e que explicam porque é que t o d a a gente tem razão quando clama, teremos que mudar completamente a nossa atitude e apetrecharmo-nos com meios de decisão que nos faltam». Na verdade, a chave destes e muitos outros problemas nacionais está na dupla fórmula: «mudança completa de atitude» e «meios de decisão», devendo porém reconhecer-se que o facto de o saber não é sequer meio caminho andado...

Irrecusavelmente, vamos de viagem. Representam uma radical declaração de falência de um esquema, palavras como estas do secretário de Estado: «Quem poderá estranhar, pois, à face da presente conjuntura, que os médicos, após a conclusão do seu internato geral, já de si algo irregular e pouco disciplinado, renunciem de imediato às pretensas regalias de uma vaga posição de médicos de saúde pública, oferecida pelos centros de saúde? Que alternativa temos nós para, conscientemente, virarmos os médicos, especialistas ou não, para a província, para trabalho digno, útil e satisfatório?»

Considera o secretário de Estado ser de difícil execução o plano que resolverá este problema, mas entende que está «inteiramente ao nosso alcance». Assim seja, embora não compartilhemos de tão confiante optimismo, que, como é de geral conhecimento, certas incómodas realidades desmentem a toda a hora: veja-se o caso do relativo malogro do recente concurso para colocação de médicos na província, projectado para uma primeira fase de 80 vagas e que obteve menos de seis dezenas de inscrições... Muita água terá de correr ainda por baixo das pontes, muito sofrimento ficará ainda sem socorro, antes que um fugaz sorriso de satisfação nos seja legitimamente permitido...

Este discurso do secretário de Estado da Saúde representa, ao mesmo tempo, um esboço de programa e uma declaração de compromisso. Por nossa parte, mais nos interessa o compromisso do que o programa, pois que os compromissos ficam a ressoar longamente na consciência pública, à qual muito conviria estar atento ao que se promete e compromete...

O esquilo a paisagem e a pílula

Os esquilos ameaçam destruir a paisagem britânica, disse na terça-feira o «National Trust», organismo que gere certas residências e domínios históricos da Grã-Bretanha.

Estes roedores, que se reproduzem aceleradamente, atacam os carvalhos, as faias, os cicómoros e outras árvores, que podem vir a desaparecer quase totalmente nos próximos 50 anos se não for neutralizada a acção dos esquilos.

Para dar uma ideia da capacidade de destruição destes animaizinhos, o «National Trust» explica que podem, em menos de 24 horas, tirar toda a casca a uma árvore de 40 anos.

Investigadores britânicos tentam descobrir a forma de se limitar a reprodução dos esquilos e debruçam-se sobre uma pílula.

Imprensa nos EUA

Há dezenas de anos que nenhuma administração procurava «dirigir, restringir, ou esconder as informações a que o público tem direito» e «descreditar a Imprensa» por motivos políticos, afirma um estudo do «National Press Club» da Universidade Americana.

E acrescenta: «A actual administração não parece querer aceitar o papel tradicional de uma Imprensa independente numa sociedade livre» e tenta, num «esforço sem precedentes, restringir o fluxo de informações públicas e legítimas necessárias ao funcionamento eficaz de um Governo responsável», acrescenta o relatório. Este documento foi elaborado com base em entrevistas com jornalistas e membros da administração e redigido pelo dr. Lewis Wolfson, professor de Comunicações na Universidade Americana, com a colaboração de James McCartney do grupo de jornais Knight.

O relatório nota que o presidente Nixon realiza, em média, sete conferências de Imprensa por ano, contra 25, do antigo presidente Lyndon Johnson. O secretário de Imprensa da Casa Branca é um «informador totalmente programado, sem autoridade independente... a repartição do director das comunicações opera com um Ministério de propaganda... e as telecomunicações tem brandido o espectro de uma censura governamental da televisão comercial mais séria do que em qualquer momento da História». O dr. Wolfson lamenta, por outro lado, que apenas três funcionários da Casa Branca, entre os 15 solicitados, «se tenham associado ao espírito deste estudo».

Coração

Dois médicos britânicos afirmam que afinaram um método novo para diagnosticar as crises cardíacas pelo simples exame das costas da mão.

As veias das costas da mão, disseram os drs. Brian Robinson e Joseph Collier, do hospital S. Jorge de Londres, na revista «Medical News», embora facilmente localizáveis, raramente são examinadas. Ora, afirmam eles, a medição da sua largura permite descobrir rapidamente as perturbações coronárias em todos os doentes.

revista motor

QUADRATIM ISABEL DA NÓBREGA

FEIRA DE ABSURDOS

Proponho que se retire o nome de FEIRA à venda do livro tal como tem vindo a realizar-se nestes últimos anos na Avenida da Liberdade.

O que é uma feira? Creio que no consenso geral é algo bem diferente de uma venda, embora de venda e de compra, embora de mercado, se trate.

A palavra feira evoca, porém, um alegre movimento de massas, movimento digamos que «em remoinho», vários remoinhos, não um mortiço desfile, não o andamento e a formação de comboio prestes a parar no apeadeiro e a voltar para trás pela mesma linha; a palavra feira evoca música atirada pelos altifalantes escondidos nas árvores de tantos em tantos metros, música que fora todos os espaços mais concretamente do que a própria mercadoria, e não um sinistro silêncio só golpeado pelas buzinas dos automóveis avenida acima; a palavra feira evoca uma certa forma de prazer, assegura, ou parece assegurar, imediatas e inocentes manifestações lúdicas; «liga» uma corrente que em alguns casos chega a tornar-se visível e propulsionadora de conhecimento e de descobertas.

A palavra feira evoca a palavra festa.

Ora a nossa feira do livro assemelha-se a tudo menos a uma feira, menos a uma festa.

Nesse instrumento de percussão que são por vezes os jornais ouvimos sobre o assunto sempre a mesma nota ácida e desolada: «a falta de imaginação que reina na feira»; «o que espanta é a apatia, é que todos os anos se repita o programa do ano passado»; «a feira vai a enterrar após uma existência apagada e em tudo igual à dos anos anteriores».

Estamos, portanto, todos de acordo.

Confrontada a opinião, e com a força do que parece uma unanimidade incontestável, tamanho o coro das vozes dos velhos, dos novos, dos novíssimos e dos infantis (entre compradores e mirones), afigura-se-nos que o movimento seguinte seria belamente o de apresentar propostas para corrigir o erro, a distracção, o absurdo.

Por minha parte tenho uma pergunta a fazer, e, antes dela, várias sugestões a atirar à parede.

Eis algumas:

Primeiro, que se altere o lugar do que poderia vir a ser a tal verdadeira Feira do Livro. Sabem qual é a minha ideia? — O Campo Grande!...

Esse pequeno oásis na árida e devastada cidade, esse pequeno «bosque», ai dele, sempre «vazio», mas em que o próprio ar parece verde, tantos os tons de verde e tão próximos, tão apertados uns contra os outros.

Dispor-se-iam as barracas nos dois flancos do parque, mas não só aí; um terço delas entraria pelos caminhos afluentes ao passeio largo, e conduziriam insensivelmente — e obliquamente o plácido visitante de uma a outra margem.

Haveria música, claro, mas coada por altifalantes perfeitamente afinados...

Haveria muita luz junto das barracas e pouca luz pelos carreiros do parque, iluminação que seria entregue a especialistas (temo-los ainda, não?).

Haveria barracas (teatro) de fantoches, várias barracas em vários pontos do parque, e junto delas pequenos estrados onde as crianças poderiam, guiadas por adultos (actores, professores) narrarem por mímica histórias que tivessem lido durante o ano, e que outras crianças tentariam adivinhar; no meio de gritos e risos, daquele escarcéu próprio dessa espécie de ajuntamentos.

Nas pequenas clareiras haveria esplanadas, reduzidas esplanadas, banidos quaisquer elementos de fórmica ou de plástico, e para isso se exigiria, à partida, um ou mais coordenadores-censores qualificados, adjuntos aos serviços gerais do Grémio dos Editores e Livreiros para a planificação da Nova Feira. Nessas mini-esplanadas com cadeiras e mesas de ferro, circulariam os refrescos servidos pela casa-mãe, isto é, por aquele horrível restaurante que já lá existe.

Ora, poderia alinhar aqui sugestões e propostas durante várias luas. Nem sequer é um sentimento de desânimo que me tolhe. Antes uma sensação de inutilidade.

Mas não me vou sem uma pergunta. Ou duas.

— Porque é que não houve um Dia do Livro Português?!...

— Porque é que os livros portugueses não estiveram representados em Madrid, na Feira do Livro Espanhol, ao lado dos livros enviados pela França, pela Inglaterra, pela Argentina e por outros países?

No Brasil já sabemos como é, como se passam as coisas. Ainda há meia dúzia de anos não havia, por exemplo, (creio que ainda não há) na cidade da Baía, um Instituto da Cultura Portuguesa (ou Instituto do Livro Português) mas havia, oh, isso havia, um belo edifício, lindamente apetrechado, que era o Instituto da Cultura Espanhola, ou do Livro Espanhol.

No Brasil sabemos como é, mas em Espanha, aqui ao lado? Em Espanha, sem o mesmo problema do montante dos fretes? Ninguém se pode justificar com os argumentos usados (empregue-se usados também no sentido de gastos) na romba explicação, explicações, da ausência quase total do livro português num país de oitenta milhões de habitantes que falam... português.

Porque para lá dos fundos meandros de razões inacessíveis ao nosso bronco entendimento, tratar-se-á também do mesmo tipo de inércia que está na raíz dos diferentes absurdos que envolvem — caseira, domesticamente — o problema do livro, do **nosso** livro, e o fazem parecer, às vezes, o mais desprezível e dispensável dos objectos de consumo...

E, aqui, um protesto e uma rejeição, porque li que um editor-livreiro propunha que se trouxesse o livro estrangeiro para a feira, na língua original: «Que os distribuidores e os livreiros dos outros países apareçam a montar os seus pavilhões!».

Ah, isso não! **Pelo menos enquanto a mesma porção (exactamente a mesma porção) de livros portugueses não figurarem nas feiras estrangeiras.** Somos muito hospitaleiros, bem sei. Mas, assim, não.

Livra! Era o que faltava!

CRÓNICA INTERNACIONAL NUNO VIEIRA

A CRISE DA ENERGIA

Para justificar a nacionalização da companhia petrolífera americana Bunker Hunt, o presidente líbio Muammar Gaddafi apresentou duas razões: o petróleo é da Líbia e os interesses americanos no Médio Oriente devem ser postos em causa devido ao apoio dispensado pelos Estados Unidos a Israel. O «ouro negro» é mesmo descrito como «uma arma decisiva» no conflito entre os árabes, por um lado, e os israelitas e americanos, por outro.

Mais empresas americanas poderão ser nacionalizadas, tendo a Líbia sugerido já uma participação de 100 por cento nas companhias, o que daria resultado idêntico. Entretanto, em Genebra, os países produtores de petróleo, cuja organização, a OPEP, já tá a enfrentar com êxito as grandes potências económicas ocidentais, obtiveram mais um aumento do preço do «ouro negro», como compensação pela perda de valor do dólar durante a crise monetária internacional. E tudo indica que o preço do petróleo continuará a subir, havendo quem preveja que quadruplicará até 1980, passando de menos de três dólares por barril para 10 ou 12.

A «guerra do petróleo» a que Gaddafi dá o tom coincide com uma crise de energia que parece afectar principalmente a América do Norte, não estando fora de questão o racionamento da gasolina no Verão que está à porta. Centenas de postos de distribuição foram encerrados e muitos outros estão a fornecer quantidades limitadas do produto a cada cliente.

Nos jornais, assiste-se a uma campanha desencadeada por companhias petrolíferas para levar os automobilistas a consumir menos carburante. Quanto à administração Nixon, para limitar igualmente o consumo, estuda um aumento de imposto até 250 por cento, embora ainda recentemente não quisesse sequer pensar num agravamento das contribuições.

A crise é a primeira no género para os EUA, equivalendo a uma situação de emergência numa guerra, como se os americanos se preparassem para um eventual corte dos fornecimentos de petróleo do Médio Oriente, no caso de recomeço da luta entre árabes e israelitas. No entanto, os EUA encontram-se proporcionalmente menos dependentes dos fornecimentos estrangeiros do que os europeus ocidentais, que se vêem obrigados a importar a quase totalidade do petróleo de que precisam. Mas em contrapartida a política da Europa Ocidental em relação ao problema do Médio Oriente permite-lhe encarar com mais confiança o futuro e esperar não ser abrangida por possíveis cortes nos fornecimentos árabes.

Por outro lado, a rivalidade entre o Mercado Comum Europeu e a América do Norte tem contribuído para o insucesso das tentativas para criar uma frente única ocidental no que diz respeito ao petróleo, quer em matéria de preços, quer na defi-

Continua na pag. 4

DL/GERAL

ESCLARECIDO O FURTO DA MALA-POSTAL

Foi esta manhã, objecto de uma conferência de Imprensa, na sede da Polícia Judiciária de Lisboa, a violação da mala do correio de onde tinha desaparecido um registo com mil contos, pertença da Caixa Geral de Depósitos, bem como a identidade do induvíduo que perpetrara o golpe.

Embora não fosse segredo em Torres Novas que o autor do furto poderia ser o condutor da camioneta que habitualmente transportava o serviço postal, tanto mais que as investigações do agente da P.J. destacado para o assunto incidiram na parte fonal sobre aquele indivíduo, veio reforçar a opinião mais generalizada o facto de o condutor ter acompanhado o referido agente a Lisboa, onde posteriormente ficaria detido.

As investigações levadas a efeito esclareceram que a mala postal saíra de Santarém numa ambulância dos C.T.T. e chegara à estação repartidora do Entroncamento, na gare da estação dos caminhos-de-ferro, por volta das 23 e 45 do dia 28 de Maio, e esteve abandonada até às cinco da madrugada. Depois foi carregada, juntamente com mais 15, na camioneta de carga que faz aquele serviço para a

aquela zona, onde o motorista já exercia aquela actividade desde 26 de Novembro de 1969. Ao colocar a mala no carro reparou que esta tinha um pequeno furo o que lhe deve ter despertado a atracção de subtrair algum valor que eventualmente encontrasse.

Prosseguiu na volta da distribuição do correio por várias localidades, onde também costuma recolher o mesmo para entregar no Entroncamento, e ao chegar à Ladeira do Pinheiro, por volta das cinco e meia, parou num parque de estacionamento à beira da estrada e depois de alargar o buraco da mala ligeiramente abriu o saco ue continha os registos, num total de 21, para o que violou o selo deparando-se-lhe a encomenda enviada pela Agência em Santarém da Caixa Geral de Depósitos para a filial em Torres Novas. Com os dentes rasgou ligeiramente o embrulho e verificou que se tratava de dinheiro.

Já na estação de camionagem, em Torres Novas, deitou fora o papel que embrulhava o dinheiro, utilizando para isso as instalações sanitárias confirmando a quantia de que era possuidor, a qual guardou debaixo do banco da camioneta.

As investigações da P. J. levaram a que o agente destacado para o serviço tivesse de o ouvir e como surgissem algumas suspeitas — um acidente em Lisboa cujas causas podiam ser atribuídas a perturbações emocionais — levaram a que fosse ouvido novamente no dia 4 deste mês, na própria estação dos C.T.T.. Saíu dali convencido que realmente o melhor seria desfazer-se do dinheiro e durante o regresso ao Entroncamento, onde vive, atirou-o pela janela fora para um valado, como foi largamente noticiado.

Entretanto, o agente deslocou-se também àquela localidade e chegou praticamente ao mesmo tempo. Tendo verificado que na conversa anterior o motorista só tinha cerca de 400$00 ficou bastante admirado quando constatou que era possuidor de mais uma nota de mil escudos, de que não soube explicar a origem.

Nessa madrugada, durante o serviço, teve um acidente que o levou a ficar internado um dia no Hospital de Torres Novas e quando teve alta durante uma conversa com o agente, no carro deste e na presença da sua mulher, confessou ter sido o autor do desvio.

Confessou igualmente que só tinha gasto dois contos e que deitara fora 998 contos o que vinha pôr em causa a actuação do indivíduo que o achara, porquanto até àquela altura tinham sido recuperados 980.

Contudo, mais tarde, ficou esclarecido que entregara a seu pai a quantia de 18 contos para pagar duas letras da compra de um automóvel que se venciam em Julho.

Foi remetido aos Juízos de Instrução Criminal e pelos artigos 425-4.º e 421-4.º e 5.º do Código Penal poderá ser-lhe aplicada uma pena de 8 a 12 anos de cadeia.

Inauguração do nó rodoviário de Paço de Arcos

Na próxima segunda-feira, pelas 19 h. as, com a presença do ministro das Obras Públicas e demais entidades ligadas aos dois empreendimentos, será inaugurado o nó rodoviário de Paço de Arcos e, simultaneamente, o Pavilhão Gimnodesportivo construído no Bairro Comendador Joaquim Matias e que vem finalmente concretizar uma velha aspiração do clube local, o Grupo Desportivo de Paço de Arcos.

COFRES TIRADOS DO RIO SOUSA

Na sequência das investigações que a Polícia Judiciária do Porto está a fazer para esclarecer convenientemente numerosos assaltos ocorridos nos últimos tempos, tanto no Porto como em outros concelhos vizinhos, que levaram já à prisão de sete indivíduos, — membros duma quadrilha especializada neste género de furtos — vários elementos daquela Polícia deslocaram-se ontem à tarde à foz do rio Sousa, juntamente com alguns homens-rãs do batalhão de sapadores bombeiros, para retirarem do leito daquele rio os cofres que a quadrilha para ali lançou depois de os arrombar.

Após duas horas de pesquisas foram retirados um cofre com cerca de 400 quilos, que fora furtado na firma J. J. Gonçalves, de Matosinhos e de onde havia sido furtada a importância de 42 contos e um outro portátil que havia sido roubado em Entre-os-Rios, a Manuel Rodrigues Fontes, com a quantia de 24 contos.

É provável que em futuras pesquisas apareçam os restantes cofres roubados pela quadrilha.

FURTADOS 200 CONTOS EM JÓIAS

Indivíduos não identificados introduziram-se, esta madrugada, por meio de chave falsa, numa casa de penhores situada na Rua dos Anjos, 45-A, de onde levaram diversos objectos em oiro, causando prejuízos que o proprietário lesado nos afirmou orçar cerca de duzentos contos.

A Polícia Judiciária que compareceu no local procede agora às necessárias averiguações.

UM ASSALTO FRUSTRADO VALEU-LHE TRÊS ACUSAÇÕES

Quando, ontem à noite, o pintor de automóveis Lacerda, de 24 anos, natural do Porto, se preparava para furtar tabaco e trocos da cantina do Clube Recreativo «Os Sempre Unidos», na Rua Vale de Santo António, foi surpreendido em flagrante pelo guarda-nocturno da área.

Conduzido para o Governo Civil, o jovem portuense, que tinha em seu poder na altura da detenção onze chaves de molde diferente e uma lanterna eléctrica, teria confessado haver entrado no Clube com uma chave tirada, num momento de distracção, a um dos directores da colectividade.

Lacerda, que, entretanto, negou ter participado nos três assaltos verificados o mês passado àquela cantina, durante os quais foram furtados vários maços de cigarros e garrafas de bebidas, foi entregue esta manhã à Judiciária.

A CRISE DA ENERGIA

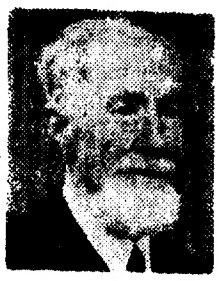
Continuação da pag. 3

nição de uma política comum quanto às fontes. O Japão também procura defender os seus interesses o melhor que pode.

A crise é vista contudo de maneiras diversas nos Estados Unidos, na medida em que está a surgir a suspeita de que não é uma crise real, não sendo de pôr de lado a hipótese de que seja provocada pelas grandes companhias, desejosas de ampliar os seus lucros, por meio do aumento de preço e de suprimir os pequenos distribuidores, para quem, pura e simplesmente, deixaria de haver gasolina disponível. A situação estaria a ser criada após as maiores empresas terem registado ganhos fora de série, que chegaram a atingir 43,1 por cento.

ENTALADO NO ELEVADOR

Na Rua dos Bombeiros Voluntários, 11, Esq., em Odivelas, um garoto de 9 anos, Paulo Jorge Vilas Boas Ferreira, ficou entalado num elevador, por uma perna, ficando em situação crítica entre o 2.º e o 3.º andar. Aos gritos aflitos de familiares e vizinhos, levaram alguém a telefonar para os Bombeiros de Odivelas, que retiraram a criança da difícil situação, verificando-se que sofria apenas de escoriações.



JOSÉ DA FONSECA VIDIGAL

FALECEU

Confortado com os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Artur Madeira Vidigal, Maria Teresa do Vale de Matos Madeira Vidigal, Isabel Madeira Vidigal, Salvador de Jesus Abreu, Edite Madeira Vidigal de Faria, Francisco António de Faria e mais família participam o falecimento de seu pai, sogro e parente.

O funeral sai amanhã, dia 15, às 11 h. da igreja de Nossa Senhora dos Anjos para o cemitério do Alto de S. João, sendo rezada missa de corpo presente.

LOTARIA DE HOJE

NUMEROS PREMIADOS

13.288 — 7.200.000$00
29.729 — 720.000$00
20.465 — 270.000$00

APROXIMAÇÕES AO 1.º PRÉMIO

13.287 — 27.840$00
13.289 — 27.840$00

PREMIOS DE 24.000$00

11.719; 13.537; 16.198; 17.941; 23.798; 23.894; 26.995; 28.808; 29.499; 29.801; 34.371; 35.611; 40.817; 42.280; 42.801; 42.966; 44.325; 46.870 e 47.141.

PREMIOS DE 1.200$00 (CENTENAS)

13.201 a 13.300; 20.401 a 20.500 e 29.701 a 29.800.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

Todos os números cujos três últimos algarismos sejam 998 são contemplados com 1.680$, em cada bilhete; os terminados em 090, 134, 149, 263, 505, 514, 572, 764 ou 920 são premiados com 1.200$00. Por sua vez os números cujos dois algarismos finais sejam 65, 69 ou 91 têm direito ao prémio de 720$00. Finalmente, os restantes números cujo último algarismo — terminação — seja 8, são contemplados com 480$, também em cada bilhete.

Esta informação não dispensa a consulta da lista oficial.

Os 7.200 contos da Sorte Grande, os 720 contos do 2.º prémio e os 270 contos do 3.º prémio foram distribuidos aos balcões da Casa da Sorte.

ALGARVE

SE COMPROU CASA OU APARTAMENTO NO ALGARVE NAO TERA PROBLEMAS DE MOBILIÁRIO TECIDOS E CORTINADOS SE CONSULTAR UMA CASA ESPECIALIZADA ASSOCIADA DUMA FABRICA DE MOBILIÁRIO DO NORTE

MODELOS ECONÔMICOS E ESTUDADOS PARA O AMBIENTE ALGARVIO

confortalis ARTIGOS DE DECORAÇÃO, LDA.
Rua do Comercio, 39 - PORTIMÃO

DOS SEUS CONHECIMENTOS DEPENDE O SEU PROGRESSO

colecção SABER de Publicações Europa-América
Cada livro um professor ao seu dispor

ÚLTIMOS LANÇAMENTOS

As Origens da Burguesia
de Régine Pernoud

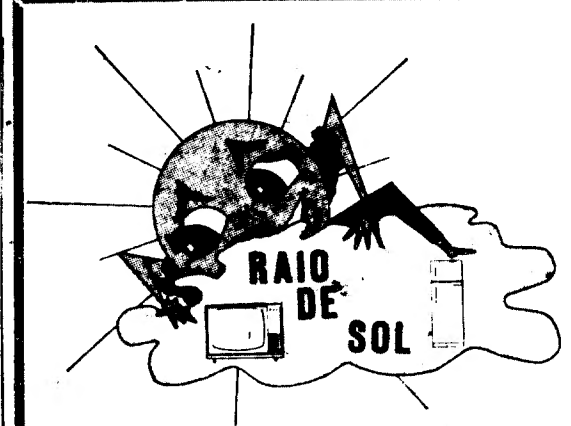
A Genética
de Janine Beisson

A venda em todas as livrarias ou, directamente enviando-nos o seguinte cupão de encomenda:

Enviem-me contra reembolso os livros assinalados com um ☒
Publicações Europa-América
Apartado 8 — Mem Martins

☐ N.º 1005–*As Origens da Burguesia* — 25$
☐ N.º 10029 — *A Genética* — 35$

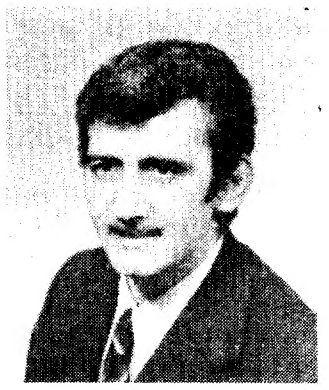
Nome: _____
Morada: _____
Profissão: _____



GERÊNCIA DE
Armando Fernandes
ELECTRODOMÉSTICOS
(DO GRUPO JOVICA)
Largo D. Estefânia, 12-D — LISBOA
Telefs.: 4 88 56 / 53 45 36

COMUNICADO

J. CORREIA, ex-empregado de uma firma de electrodomésticos, comunica aos seus estimados Amigos e Clientes que desde o dia 1 de Junho se encontra como encarregado da firma RAIO DE SOL onde fica a aguardar as suas visitas.



TV — DL/ESPECTÁCULOS

A MORAL; A ARTE; ONDE O CRITÉRIO TORCE O RABO; E A MOSTARDA...

I — Há pessoas que acreditam na sobrenaturalidade do artista. A arte é um segredo (piscar um olho aqui está absolutamente indicado) a arte é um mistério enfim, para estarmos no domínio onde deuses e homens se encontram: é um milagre. Se alguém por aí, racionalista e conhecedor no máximo destas questões, não acreditou ao menos uma vez nestas coisas, levante um braço: terá de levantar o seu terceiro braço.

Evidentemente que, quem não entrar no caminho das dádivas divinas (teríamos de inquirir a que divindade nos devíamos dirigir e aí estava armado o conflito) terá de se ficar apenas pelo caminho da razão do homem. Acabará por concluir que a arte é própria do homem o que, se não adianta totalmente, tem o mérito de dar ao homem, e só a ele, o que só dele é. Não se compreenderá ainda bem como *de súbito* (é do raio destes *súbitos* que se alimenta a metafísica!) surge ao poeta uma imagem, surge ao músico um lance — sem eles adivinharem quanto tempo ou de que matéria esses *súbitos* se fizeram.

Enquanto a coisa não se descobre, enquanto não se descobre essa espécie de sonho com rédeas, aceitemo-lo também como uma evidência. Sem esquecermos, no entanto, os materiais, os suportes, os sentidos que o nosso trabalho, a utilização da nossa experiência, o conhecimento da matéria como essenciais para o «milagre» (desculpa lá, Victorino d'Almeida) da arte.

Na sua emissão de ontem de «Histórias da Música» a actividade principal de António Victorino d'Almeida consistiu em mostrar como o improviso genial depende da vontade e da consciência, a vários planos, do artista, como não se pode separar essa genialidade, esse «milagre» do próprio esforço do artista para aceder a ele.

Esta discussão incentivada através da televisão, já seria valiosa num meio como o nosso ainda propenso muito a acreditar na virtude dos milagres e nas potencialidades da água benta. No entanto, ao falar da arte, ao falar novamente de Beethoven, o mais valioso triunfo desta emissão consistiu no esforço por criar interesse à volta do nome do artista a três níveis: interesse pela sua pessoa, interesse pela sua vida, interesse pela sua arte, este último por meio de belíssimas interpretações como as que ontem escutámos. António Victorino d'Almeida acha fundamental quebrar o vazio, através do qual a música não se propaga; quebrar a indiferença, no seio da qual a arte não vive.

Objectivo que quinzenalmente lá se vai conseguindo na televisão portuguesa...

II — Em *Livros e Autores*, a rubrica literária que sucedeu a *Convergência*, ouvimos falar de Pablo Neruda e de Agustín Foxá, logo na abertura do programa. De Pablo Neruda, como se sabe, comunista; de Foxá, como se fica a saber, da extrema-direita.

Não se discute o critério de, num programa de televisão, se falar de dois homens moradores ideologicamente em campos opostos. Com uma condição: que a sua qualidade de artistas supere todas as outras questões. Reaccionária gente pode dar revolucionários artistas; gente revolucionária pode dar artistas reaccionários.

O critério destes dois homens lado a lado só pode espantar se um deles for um grande poeta e o outro for um poeta medíocre. Será um critério perigoso por deseducativo, pois poderá daqui interferir-se, quer dizer: do facto de estarem tão ao pé um do outro, poderá alguém menos avisado supor que a camaradagem é legítima no campo da qualidade.

Ora Neruda merece a presença na televisão e seja onde for, não pelas suas ideias, mas pelo facto de ser um grande poeta; Foxá não merece lugar na televisão nem em nenhum sítio, mas pelos seus versos medíocres — e, com mil diabos, o facto de ter influenciado, ser muito querido e traduzido por Couto Viana não é razão bastante para se falar dele. Daqui a uns anos, não muitos, ninguém se vai lembrar do Couto Viana, do Foxá nem dos responsáveis de *Livros e Autores*.

Ninguém, no seu perfeito juízo, dirá o mesmo de Pablo Neruda. E aqui é que o critério torce o rabo...

III — No final da rubrica houve uma surpresa: a presença de João Gaspar Simões, cognominado *o mais operoso crítico português contemporâneo*, pela apresentação de *Livros e Autores*.

Folguei muito de vê-lo com tão bom aspecto. Deus lhe dê muitos anos e muitas energias para continuar a obrar, como até aqui, em benefício da literatura portuguesa.

O tema vinha a ser a nova edição da sua biografia do Eça de Queirós. Eis como o próprio João Gaspar Simões falou do caso:

Felizmente ainda me foi possível reescrever esse texto que foi escrito na altura em que se celebrava o centenário do nascimento do autor dos «Maias». Pelo facto de ser escrito para uma determinada data, sofria de alguma precipitação no seu estilo, na sua maneira, inclusivamente na exposição das suas ideias.

Confessada a precipitação, daí a bocadinho ei-lo a confessar com tocante modéstia: *Muito discutido na altura, muito digo o melhor que até hoje se escreveu sobre a obra e a vida de Eça de Queirós.*

Confessemos que este recurso publicitário na boca do próprio tem um sabor... desagradável. No entanto, a autocrítica prosseguiu daí a nadinha, quando J. G. Simões recordou que o livro fora muito discutido porque lhe dera *um carácter muito psicanalítico.*

Disse ele: *Desta vez retirei-lhe todo esse carácter. Os factos falam por si e quem quiser interprete-os psicanaliticamente ou não psicanaliticamente.*

Tem razão. Ora aí está a solução ideal, solução agora muito em voga nos restaurantes: vem o peixe ou a carne para a mesa e cada qual usa do molho que entender. Haverá, neste caso, quem grite para o empregado: *Por favor, o frasco da psicanálise!* Haverá quem vrite do seu canto: *Por favor, o frasco da antipsicanálise.*

Não virá nenhum problema ao mundo. Estou certo que, em qualquer dos casos, o empregado acabará por trazer o frasco da mostarda.

A presa era um homem

BEIRUTE, 14 — (F.P.) — Já há dois meses que uma cela duma prisão de Beirute para mulheres era todas as noites teatro duma agitação inexplicável.

Segundo os jornais libaneses, havia nessa cela uma tal Vitória que estava à espera de julgamento. Juntamente com ela estavam mais quatro detidas, que todas as noites se entregavam a autênticas cenas de luta em torno da cama da Vitória.

Já intrigadas com o comportamento da Vitória em relação às outras detidas, as guardas, cuja desconfiança foi aumentando, decidiram pedir que a Vitória fosse submetida a uma inspecção médica.

O receio das guardas não era infundado: do gabinete do médico a detida em questão seguiu imediatamente para uma prisão de homens. Tratava-se de Abdullah, um cabeleireiro que no momento em que foi preso estava vestido de mulher.

CRUZEIROS NO "FUNCHAL"

• TOTALMENTE REMODELADO!
• CLASSE ÚNICA A BORDO!
• SERVIÇO DE 1.ª CLASSE!

MADEIRA - AÇORES MARROCOS - CANÁRIAS

O MAIOR STAFF DE CRUZEIROS NO MELHOR PAQUETE PORTUGUÊS

Partidas de LISBOA:
19/6-3, 17 e 31 7-11 e 28 8 11 e 25 9-9 e 23 10

9 DIAS DESDE 6550$

Programas e inscrições:

abreu

FUNDADA EM 1840

LISBOA — Av. Liberdade, 160 Telef. 320021 (15 linhas)
PORTO — Av. dos Aliados, 207 Telef. 37921 (15 linhas)
COIMBRA — Rua da Sota, 2 Telef. 27011-27012

SINDICATO NACIONAL DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DO DISTRITO DE LISBOA

10.ª Secção de Actividade

«INDÚSTRIA QUÍMICA»

REUNIÃO GERAL DE SÓCIOS

Realiza-se na **sexta-feira, dia 15,** às 21 horas, na Rua do Alecrim, n.º 46-1.º, uma Reunião Geral de Sócios com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1. Informações
2. Refeitórios — C. U. F.

NÃO FALTES. A TUA PRESENÇA É INDISPENSÁVEL!

Super-recorder C410

o gravador de cassetes com microfone incorporado

QUALIDADE GARANTIDA NR SGO ASSISTÊNCIA EM TODO O PAÍS

mais tecnica, melhor serviço

- portátil
- ligação para gravação directa ao rádio
- pilhas e corrente
- gravação automática
- possibilidade de ligação de 2º microfone
- controlo de escuta mediante auricular

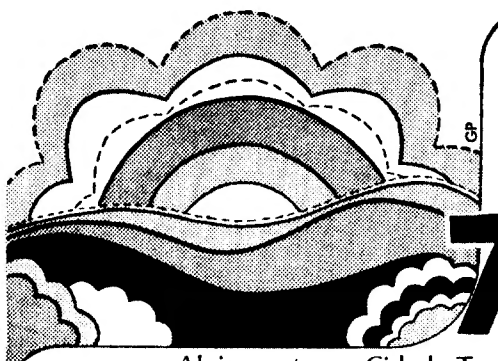
GRUNDIG

FIL/73

ENDUTEX SOCIEDADE DE REVESTIMENTOS TEXTEIS SARL

Presentes na FIL (9 a 23 do corrente) apresentamos pela 1.ª vez em Portugal **COBERTURAS INSUFLADAS,** sistema **KRUPP,** em trevira de alta tenacidade com aplicações variadíssimas, tais como:

Pavilhões Gimnodesportivos, piscinas, armazéns, etc., etc.



Férias na MADEIRA

7 dias 3250$

Alojamento na Cidade Turística da Matur em moradias e apartamentos independentes. Viagem de avião a jacto, Transfers. Dormida e pequeno almoço. Excursões e visitas.

Informe-se sobre as facilidades de pagamento concedidas, na sua Agência de Viagens ou no Departamento de Relações Públicas da Matur, Avenida Infante Santo 56a tel. 661036 - Lisboa

MATUR

PARTIDAS TODOS OS SÁBADOS

DL/ESPECTÁCULOS

CINEMA NO MUNDO

22.ª SEMANA DO FILME DE MANNHEIM — A Vigésima-Segunda Semana do Filme de Mannheim — competição de obras cinematográficas cujo domínio — realiza-se de 8 a 13 de Outubro.

SANDRO: DE CANÇONETISTA A ACTOR — O cançonetista argentino Sandro, juntamento com o produtor Spitz, acordou com os espanhóis José Grade e Julian Esteban na realização, em Agosto, de uma película a rodar na Espanha e em Buenos Aires com Sandro no papel do protagonista. Claudia Cardinale, Ursula Andress ou Raquel Welch será sua «partenaire».

TRIOLOGIA SOBRE O EROTISMO — «Paulo Quente», romance incompleto de Vitaliano Brancati, que Marco Vicario acabou de rodar com sua mulher (Rossana Podesta) e Giancarlo Giannini nos protagonistas, completa a triologia sobre o erotismo, daquele realizador iniciada, com «O Padre Casado» e o «Homo Eroticus».

«A RONDA» — Maria Schneider e Helmut Berger serão os principais intérpretes de uma nova versão de «A Ronda», de Arthur Schnitzler, a realizar por Otto Schenk.

MARLON BRANDO FALA NA TELEVISÃO — Marlon Brando que recusou o Óscar de 1972 como protesto contra a situação feita aos índios da América explicou a sua posição, na televisão.

Tendo vindo de Taiti de propósito para um «diálogo» com o animador Dick Cavett, perante um público de convidados, falou longamente do papel do cinema na propagação de ideias feitas a respeito dos índios, sua história, seus costumes. Brando protestou contra o facto de ninguém querer saber dos índios nem dos perigos que os ameaçam. Depois falando da sua profissão, disse: **«Tive uma bela vida. É uma profissão. Mas não é mais nada. Os que dizem que é uma honra enganam-se».** Quanto ao seu último filme «Tango» não quiz falar, a não ser para dizer que não o tinha visto nem nunca tinha esperado que tivesse o sucesso que está a ter. Marlon Brando, de «jeans», camisa escura, lenço à volta do pescoço, era acompanhado por três activistas índios. Estes pediram aos telespectadores para insistirem com os seus representantes no Congresso Americano a favor da legislação beneficiando os índios.

JOSÉ ATALAYA: conferência em SINTRA

Por iniciativa da Câmara Municipal de Sintra e da sua Comissão de Turismo, o maestro José Atalaya profere esta noite, pelas 21 e 30, uma conferência, que terá lugar no Palácio Valenças, subordinada ao tema «Aspectos da Música de Tecla Portuguesa».

GARY GLITTER: o regresso AOS "BONS" VELHOS TEMPOS?

Começou por ser uma das vozes principais na célebre «Jesus Christ Super Star» com o nome de Paul Raven, até que em 1972, mais concretamente em meados de junho desse ano, resolveu juntar-se a Mike Leander para começarem a trabalhar conjuntamente.

A sua junção produziu uma autêntica «explosão» com a criação de «Rock and Roll, parts 1 2» (que é actualmente, e desde a data da sua publicação o indicativo do conhecido programa da Rádio Luxemburgo, «Europa 1») que, a exemplo de «I didn't know I loved you» — (Till I saw you rock and roll) fazem parte do primeiro «long-playing de Glitter.

O primeiro destes temas foi um estrondoso sucesso em Inglaterra, e nos U.S.A., tendo mesmo neste último país alcançado uma venda, em duas semanas, de um milhão de cópias.

Nascido em Banbur, Oxfordshire, Inglaterra há vinte e oito anos, Gary Glitter é hoje um personagem controverso; as suas vestimentas exóticas e brilhantes fazem parte integrante das suas actuações. Os seus discos vendem-se às catadupas, e o seu nome figura sempre durante longo períodos nos «dez mais» de todos os «tops». Os últimos êxitos de Glitter «Do you wanna touch me» e «Hello! Hello! I'm back again», extraídos do seu mais recente LP de título genérico «Touch me», foram durante largo tempo primeiros lugares do «hit» britânico, onde o último ainda se encontra classificado em 15.º lugar ao fim de seis semanas.

Foi editado agora em Portugal um «single» com «hello!, Hello! I'm back again», no lado A e, na face B «I.O.U.»: a tentativa de repetir o êxito de «Rock-and-roll part one». Resultará?

estúdio

ESTREIA AMANHÃ

um filme de

INGMAR BERGMAN

a força do SEXO FRACO

ALL THESE WOMEN

BIBI ANDERSSON JARL KULLE

EASTMANCOLOR

GRUPO C - 14 ANOS

DOPEALME

Quando for viajar

lembre-se que a STAR lhe pode reservar e emitir bilhetes para qualquer parte do Mundo. Podemos poupar-lhe um tempo precioso, sempre que precisar de

PASSAGENS

de avião, de barco, de autocarro ou de comboio, rigorosamente aos preços oficiais. Proporcionamos-lhe também o aluguer de automóveis com ou sem condutor em Portugal e em todo o Mundo.

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa Estoril Porto Faro Funchal Luanda

FIL/73

JUNHO (9-23)

HOJE

JUNHO

D	S	T	Q	Q	S	S
—	—	—	—	—	1	2
3	4	5	6	7	8	9
10	11	12	13	14	15	16
17	18	19	20	21	22	23
24	25	26	27	28	29	30

DAS 17 ÀS 24 H.

Visitar a Feira Internacional de Lisboa!

CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES · SALA DE JOGOS

ACESSO LIVRE A MAIORES DE 21 ANOS * TODOS OS DIAS DAS 15 ÀS 3 HORAS

VEDETAS DA RADIO E DA TV INGLESA

THE FOURMOST

RUDI HORN

FAMOSA ATRACÇÃO MUNDIAL

"OSCAR" RASTELLI 1973

HELENA TAVARES

com RAUL SILVA e NOBRE COSTA

"EXTRAVAGANZA 73" *

com CHRISTINE NERAC

Produção OLIVIER BRIAC

FERRER TRINDADE e sua orquestra

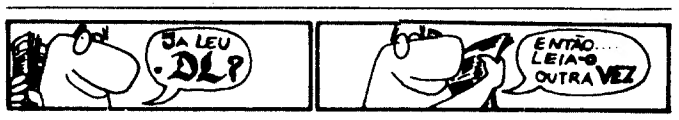
SYDNEY SET

ORPHEU'S QUARTET

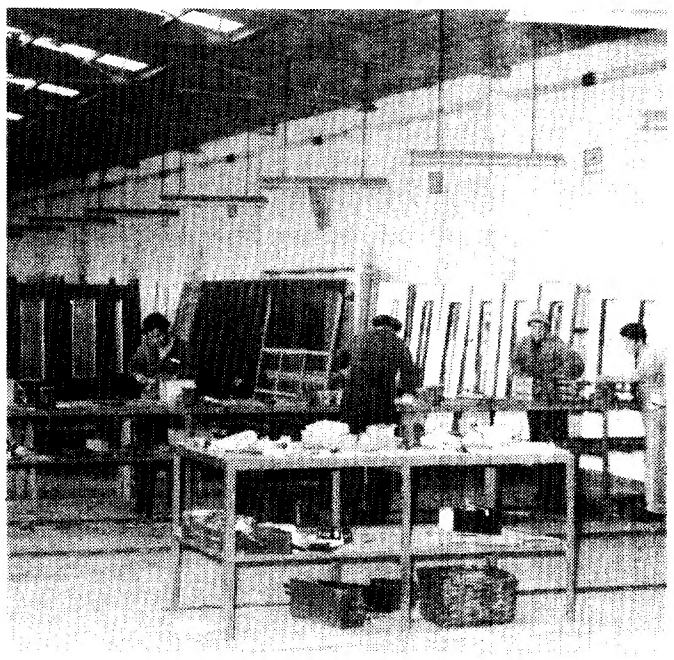
POUPEE LA ROSE SÓ NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H. Grupo C/ Maiores de 14 anos

NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos



DL/GERAL



O FABRICO DE ASCENSORES ORGANIZA-SE

Há meses foi firmado um contrato de assistência técnica entre a empresa portuguesa Abis e a grande empresa italiana Sair/Falconi de Novara, o que permite à primeira oferecer todos os tipos de ascensores exigidos actualmente no mercado.

Assim a tradicional robustez e perfeição de fabrico e a hábil assistência na montagem e manutenção da Abis liga-se à mais moderna técnica europeia.

Este último serviço de manutenção inicialmente criado para dar assistência aos ascensores dos clientes, desenvolveu-se e acabou por ser uma organização autónoma capaz de dar assistência a todas as marcas e tipos.

A fábrica Abis com sede na Azinhaga do Beco (à Charneca do Lumiar) além disso teve recentemente uma grande reorganização incluindo a racionalização do fabrico o que lhe permite satisfazer as encomendas com grande rapidez.

Este caso é mais um exemplo de uma indústria portuguesa que procura a cooperação da avançada tecnologia europeia sem perder a nacionalidade nem as próprias características · permitindo-lhe, depois de firmada no mercado interno, concorrer à exportação.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por José Pereira Grosso, «Café Mousinho» — BATALHA

Continuam as alterações dos horários das LOJAS

A situação do comércio de Lisboa ainda não se normalizou desde a introdução dos novos horários, no passado dia 1.

A maioria dos logistas preferiu manter os anteriores períodos de funcionamento. Muitos dos que procederam a alterações, fizeram-no a título experimental e estão agora a corrigir os horários inicialmente declarados. A União dos Grémios de Lojistas viu-se forçada a destacar duas funcionárias para trabalhar exclusivamente nas correcções dos mapas. Uma média de vinte pedidos de alteração — que carecem de ratificação gremial — dão entrada diàriamente naquele departamento corporativo, onde não foi portanto possível elaborar qualquer estatísticas das inovações introduzidas em consequência do edital de 11 de Maio.

Cada empresa tem desde então a possibilidade de fixar o seu horário, dentro de limites máximos constantes do edital para cada um de quatro grupos de estabelecimentos. Embora não sejam pronunciadas as diferenças de horários entre estabelecimentos afins, a fórmula legal possibilitou novas situações de concorrência. Observando o horário praticado pelo competidor, o comerciante vai alterando o horário conforme a sua táctica de vendas. As experiências vão ainda em menos de duas semanas. Não é de esperar que a situação se estabilize tão cedo.

Segundo motivo para as alterações dos pedidos iniciais é a experiência de funcionamento interno das casas, designadamente no que respeita aos horários do pessoal, que tem um dia de trabalho mais curto do que o número de horas de abertura ao público e que pode ter sido obrigado a novo regime de fim-de-semana.

São estes as tendências de ordem geral detectadas pelos encarregados de contralizar a volumosa burocracia do problema, tão volumosa que os faz desejar novo edital que imponha um prazo limite para as alterações ou que volte a uniformizar, de vez, todos os horários...

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido pelo Exmo. Sr. Artur dos Santos Quintino — PERO PINHEIRO

SÃO JORGE

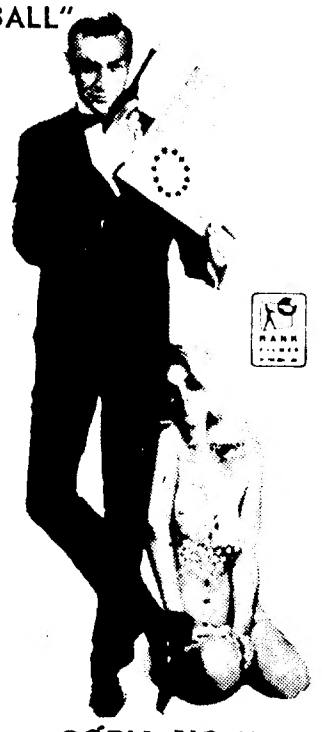
HOJE, ÀS 21.30
DE NOVO
O MAIS ESPECTACULAR!

007 — OPERAÇÃO RELÂMPAGO

"THUNDERBALL"

VIVA JAMES BOND

Sean Connery



United Artists
Grupo C·14 anos
— CÓPIA NOVA —

Jane Fonda · Donald Sutherland · Peter Boyle

Um estranho encontro leva-os a um destino desconhecido!

Com um Pé Fora da lei...

—Steelyard Blues—

Produtor Tony Bill
Michael & Julia Phillips
Realiz. Alan Myerson
Technicolor

GRUPO D 18 anos
Distribuido por COLUMBIA & WARNER
HOJE, ÀS 21.30, ESTREIA NO IMPÉRIO

Esta foi a mais perigosa missão da história... SALVAR O MUNDO da destruição total!

CIDADE NO FUNDO DO MAR

WARNER BROS. apresenta uma produção IRWIN ALLEN'S

GRUPO C/14 ANOS

PRODUCTION OF "CITY BENEATH THE SEA"

com STUART WHITMAN e com ROSEMARY FORSYTH · ROBERT COLBERT

as estrelas RICHARD BASEHART · JOSEPH COTTEN · JAMES DARREN · SUGAR RAY ROBINSON AND ROBERT WAGNER AS HIMSELF

TECHNICOLOR® argum. JOHN MEREDYTH LUCAS · STORY BY IRWIN ALLEN · prod. e real. IRWIN ALLEN

Dist. por COLUMBIA & WARNER

AMANHÃ NO EDEN

DL/NACIONAL

OS GUARDA-RIOS AGUARDAM AUMENTO

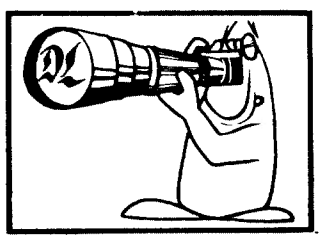
Motivado por um artigo aqui publicado sob o título «Os guarda-rios e cantoneiros aguardam aumento», onde se referia o facto de nem uns nem outros terem sido, então, abrangidos pelo aumento de 15 por cento nos ordenados atribuídos ao funcionalismo público, um nosso leitor escreveu-nos a dar conta da situação ainda por resolver dos primeiros. Aí afirma:

«Os guarda-rios continuam à espera que saia determinação para que o aumento de 15 por cento lhes seja processado.

Guarda-rios e cantoneiros andaram sempre a par e passo em vencimentos, mas já em 1971 os salários dos cantoneiros foi revisto e somente um ano depois, em 1972, dessa revisão beneficiaram os guarda-rios. A razão nunca foi divulgada e, por isso, presta-se a especulação.

Sabe-se que os guar-rios e cantoneiros se mexeram quanto puderam e alguns foram informados duma breve solução do assunto. Terão os guarda-rios de esperar mais um ano? Qual a discrepância, ou qual a razão da discrepância entre beneficiar cantoneiros e não beneficiar guarda-rios, se sempre andaram a passo?

Os guarda-rios, embora comparados a cantoneiros, sempre exerceram funções de polícia, como ela andam fardados, mas não recebem como polícia. Ultimamente, aumentam os seus afazeres pelo alargamento de disposições legais e mais vão aumentar as suas despesas de deslocações pois como é sabido os guarda-rios não auferem nem de subsídios nem de ajudas de custo pelas diárias deslocações que fazem e que são obrigados a fazer.



EXAMES NO TÉCNICO NO DIA 1 DE JULHO

— A ASSOCIAÇÃO DE ESTUDANTES REABRE NA QUARTA-FEIRA

As instalações da Associação de Estudantes do Instituto Superior Técnico serão desseladas no próximo dia 20 e as eleições para os respectivos orgãos dirigentes deverão realizar-se na segunda quinzena de Julho, segundo informa o director daquela Escola em circular recentemente enviada a todos os alunos do Instituto.

O mesmo documento indica que **«os exames da 2.ª época — 1.º Semestre, vão realizar-se de 1 a 15 de Julho, de acordo com um calendário que será afixado na altura oportuna.** E acrescentou **a fim de permitir que possam «tirar dúvidas», consultar o calendário e colher os esclarecimentos desejados, os portões do Instituto são abertos no dia 20 de Junho (quarta-feira). Como sabem, devem inscrever-se para esses exames preenchendo os apelidados «papéis azuis». Para facilitar o seu processamento, para a estar no portão da Rovisco Pais, um funcionário da Secretaria que prestará os esclarecimentos necessários; a inscrição termina no dia 20 de Junho. Recorda-se que só podem fazer exame de duas disciplinas (além do de Física I para os alunos transferidos da Faculdade de Ciências). Esperamos confiadamente que tais exames decorram em condições normais, com a consciente e efectiva participação de Docentes e Discentes».**

AULAS A 1 DE OUTUBRO

A circular (10/73) recorda também, no seu intróito, a recente decisão do Conselho Escolar do I. S. T. tornada pública há já vários dias — de anular o segundo semestre de 1972/73, e a propósito considera:

«Trata-se de uma decisão que implica prejuízos graves para vocês e vossa família mas que, ditada exclusivamente por razões de natureza pedagógica, tentou fundamentar-se, integrando os múltiplos factos intervenientes no correspondente fenómenos». E depois de destacar a absoluta necessidade de manter o prestígio do diploma escolar, o director do I.S.T. acrescenta: **«Além disso recordo-vos as cartas enviadas em 11,16 e 22 de Maio com o objectivo de vos consciencializar a tempo da situação que se estava criando e que, infelizmente, se veio a concretizar: a impossibilidade de vos proporcionar a formação mínima desejável.**

Além de informar ainda que os alunos do 4.º e 5.º ano podem, durante a primeira quinzena do próximo mês de Julho, realizar estágios, de acordo com as normas estabelecidas pelas Comissões Pedagógicas, e que os alunos, ao abrigo da O. S. podem realizar os exames de todas as disciplinas, com excepção das que se referem ao 2.º semestre do ano fundamental da sua inscrição, a circular conclui:

«O próximo ano lectivo começa no dia 1 de Outubro, recaindo (para os actuais alunos) sobre as disciplinas do presente semestre anulado; em futuras cartas, pormenoriza-se-á este assunto. Cordiais saudações.

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO, SARL

AVENIDA 24 DE JULHO, 132

LISBOA

Comunica-se aos Senhores Accionistas que se encontram prontas para entrega as acções da Empresa que correspondem:

— à troca de acções da extinta Companhia de Navegação Carregadores Açoreanos, SARL;
— ao lote de acções vendidas aos Senhores Accionistas em Fevereiro/Março do corrente ano.

A troca efectua-se na sede da Empresa durante as horas de expediente (das 09.30 às 12.30 e das 14.30 às 18.30 horas) contra a apresentação da respectiva cautela.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

MORADIA NO RESTELO

COMPRA-SE
Cerca de 2.000 contos

Resposta a este jornal ao n.º 829

Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa

AVISO

AOS BANCÁRIOS REFORMADOS E VIÚVAS DE BANCÁRIOS

Na impossibilidade de contactar todos os empregados bancários colocados na situação de reforma estipulada no n.º 1 da Cláusula 60.ª do C. C. T. bem como todas as viúvas de empregados bancários, avisamos de que não devem assinar, antes de contactarem os serviços do Sindicato, a declaração individual de adesão a um seguro de pensão vitalícia remetida pelo Banco Pinto & Sotto Mayor. Trata-se da declaração que transfere para uma empresa de seguros o encargo da reforma e da pensão de sobrevivência.

A Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Coimbra

A Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito de Lisboa

A Direcção do Sindicato Nacional dos Empregados Bancários do Distrito do Porto

Elabore meios de vigilância

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

O filme de

JEAN-LUC GODARD

masculino feminino

(masculin féminin)

com

JEAN-PIERRE LÉAUD MARLÈNE JOBERT
CHANTAL GOYA

GRUPO D - 18 ANOS

5.ª semana estúdio 444

ATENÇÃO: 6.ª e Sábados 4 sessões diárias
15.30 - 18.30 - 21.45 e 0.30

CRUZEIROS STAR

PARA AS SUAS FÉRIAS OU VIAGENS DE RECREIO

Para 1973 seleccionámos mais de 40 cruzeiros com PARTIDAS DURANTE TODO O ANO e com os mais diversos itinerários.

PREÇOS DESDE **2.100.00**

CONSULTE-NOS E PEÇA-NOS O LIVRO

VIAGENS STAR 73

PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI STAR

STAR

A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

Lisboa - Estoril - Porto - Faro - Funchal - Luanda

Revista motor

VASCO MORGADO E RAUL SOLNADO

apresentam

tel. 53 85 86 no AR CONDICIONADO **TEATRO VILLARET**

o mais moderno e confortavel de lisboa

CARLOS QUEIRÓS

é «IQUINE» filho de «SAM», adere alegremente à extraordinária aventura do PAI

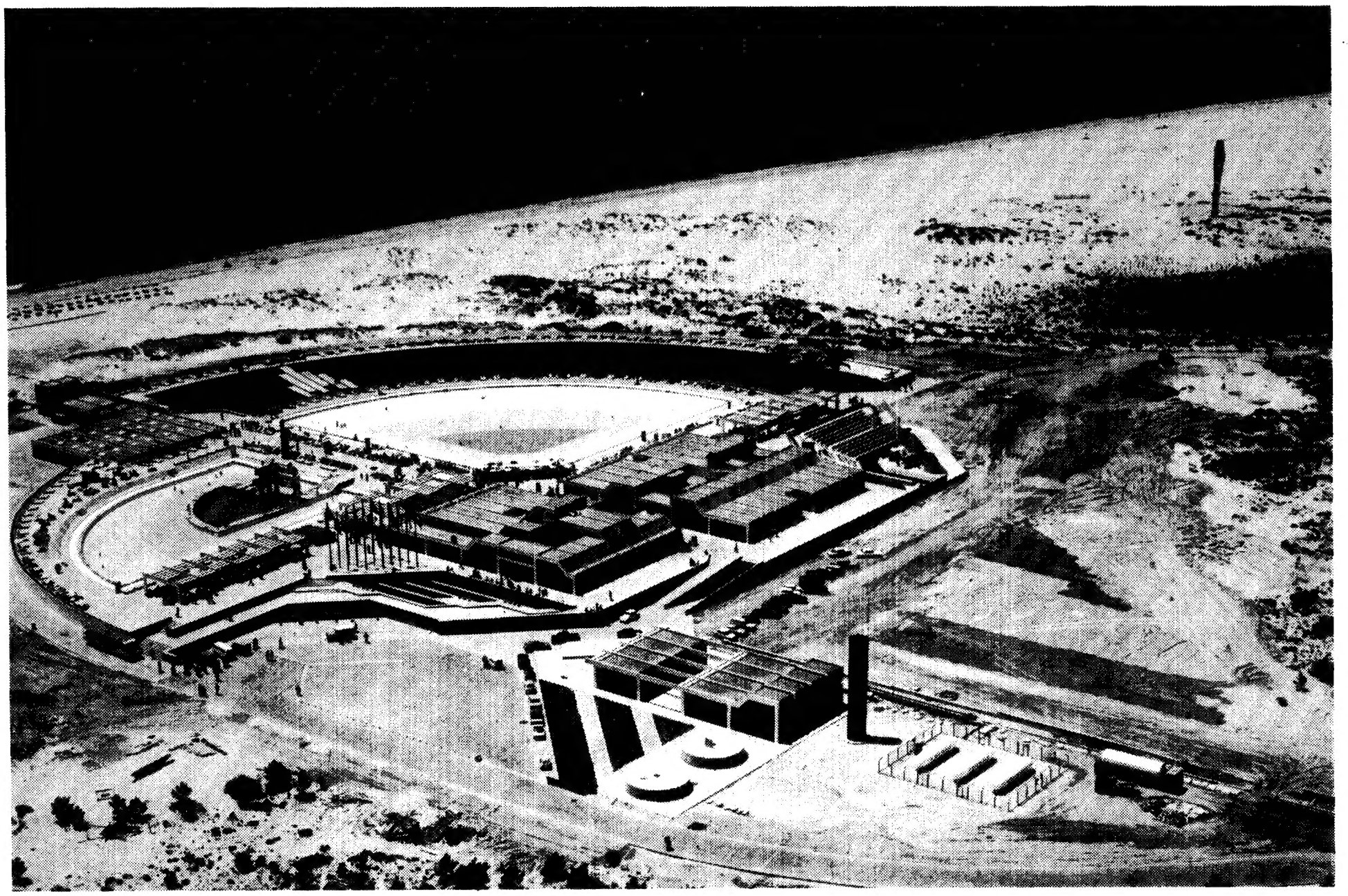
grupo C/m.14 anos

O DIA EM QUE RAPTARAM O PAPA

BREVEMENTE
NUMA ENCENAÇÃO de
PAULO RENATO

CONSTRUIMOS PARA A TORRALTA EM TROIA

O CONJUNTO TURISTICO DA GALÉ



ARQUITECTURA Atelier Conceição Silva

director de projecto arquitecto Henrique Chicó
equipamento arquitecta Carmo Valente designer Gilberto Lopes
paisagismo engenheiro Ponce Dentinho arquitecto Carlos Sottomayor

ENGENHARIA

coordenação engenheiro António Rocha Cabral
estabilidade engenheiro Francisco Cabral Pinto engenheiro Vitor Murta Marcos

CONSTRUTOR E COORDENADOR DA OBRA **AC — Trabalhos de Arquitectura e Construção, SARL**

direcção de obra Domingos Ribeiro da Silva engenheiro Avelino Barbosa

PROJECTOS ESPECIAIS E EXECUÇÃO

tratamento de águas em piscinas
TDA — Técnica de Depuração e Tratamento de Águas, Lda.

equipamento cozinhas
EDAGA — Empresa Distribuidora de Aparelhos e Gás, Lda.

instalação eléctrica
JOÃO JACINTO TOMÉ, LDA.

instalação de água e vapor
SALVADOR NUNES, LDA.

AC TRABALHOS DE ARQUITECTURA E CONSTRUÇÃO SARL

TROIA

apd

SOB O SIGNO DA PROMOÇÃO SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO

Na Sede da Companhia de Diamantes de Angola realizou-se na última sexta-feira com elevado número de accionistas, a Assembleia Geral Ordinária a que presidiu o sr. contra-almirante Vasco Lopes Alves, secretariado pelos srs. dr. Celso de Freitas Carneiro e eng. Almeida Henriques, para apreciar e votar o Relatório e Contas do Conselho de Administração e o Parecer do Conselho Fiscal relativos ao exercício de 1972 e proceder à eleição e confirmação de corpos-gerentes. O relatório e contas do Conselho de Administração foi aprovado, depois de sobre ele se terem pronunciado os accionistas Jacob Levy, drs. Almeida Rocha, Ribeiro da Cunha, Ribeiro de Almeida e José Francisco da Costa de Sousa de Macedo (Mesquitela), António Alberto Pimenta da França de Oliveira e José Vila Santa. O parecer do conselho fiscal foi aprovado por unanimidade tendo sido votado o dividendo de 200$00 por acção sujeito a imposto.

Na segunda parte da sessão, nos termos da convocatória, foram tomadas, por aclamação, as seguintes decisões: Reeleger o Administrador sr. dr. José Pinheiro da Silva e confirmar, como Administradores, os srs. eng.º Paul Émile Corbiau, Barão Pierre de Bonvoisin, eng.º Georges Regnier e José Maria de Noronha Feyo.

No início da sessão o sr. Presidente do Conselho de Administração, eng.º Carlos Krus Abecasis fez a seguinte exposição:

Senhores Accionistas:

Neste convívio que anualmente nos congrega, por prescriação estatutária e imposição legal, nós temos procurado imprimir à exposição com que encetamos o debate geral da administração da Companhia o carácter dominante de uma antecipação das orientações basilares a que entendemos subordinar a conduta futura dos negócios sociais. Pretendemos deste modo assegurar que, para além da sua alta e indeclinável função de tribunal da gestão finda — que o relatório e contas do exercício descrevem e se propõem justificar — a Assembleia Geral, como supremo órgão social e espelho da vontade accionista, possa conhecer e apreciar o pensar e sentir do Conselho de Administração quanto aos problemas e opções fundamentais da vida da empresa e participar com oportunidade no traçado das grandes linhas de acção por que deverá pautar-se o seu comando nos anos subsequentes.

Tomadora de responsabilidades quanto ao passado, fonte de orientação quanto ao futuro, parecem-nos atributos de nivelada importância da Assembleia Geral Ordinária. Para exercício do primeiro se submetem o Relatório e Contas, e ao do segundo visa, basicamente, esta exposição.

COLABORAÇÃO ENTRE ACCIONISTAS E ADMINISTRAÇÃO

Se esta periódica diligência de comunicação e recíproco conhecimento entre mandante e mandatário sempre constituiria, em qualquer tempo e lugar e empresa, norma de bom convívio e inteligente cooperação entre a generalidade dos interessados e os maiores responsáveis pela gestão do património comum, nas circunstâncias de tempo e de lugar em que presentemente se desenrola a actividade da nossa Companhia e perante o seu peculiar estatuto, omitir ou descurar semelhante oportunidade de contacto e esclarecimento seria pelo menos presunçoso e temerário. Continuaremos, por isso, a cultivá-la com sempre reforçado empenho em que frutifique, para os nossos accionistas, numa informação mais completa e numa apreciação mais fundada dos negócios sociais e seu condicionalismo e critério de condução; para os responsáveis por esta, numa apreensão mais esclarecida e actualizada das preocupações e aspirações da massa accionista. Para todos, se o propósito encontrar eco e correspondência nesta Assembleia, numa empresa mais próspera, mais consolidada, mais participada.

Nas duas primeiras exposições que a V. Ex.as tive a honra de endereçar, descrevi o fundamento, os traços dominantes e os objectivos das concepções que têm presidido à política do Estado Português no domínio dos diamantes e a forma por que, de harmonia com ela, surgiu e tem vivido a nossa Companhia. Assinalei as características desta e o destino tido pela riqueza que realizou, canalizada na maior parte para fins de interesse público. Acentuei as peculiares responsabilidades que da concessão nos advinham e como as entendíamos enfrentar. Procurei esclarecer as particularíssimas condições em que opera a indústria dos diamantes e que a fizeram e a mantêm possível. Referi a importância e gravidade do surto de tráfico ilícito de diamantes e o prejuízo, sobretudo para o tesouro público, dele adveniente. Descrevi, em linhas gerais, a orientação que temos pensado imprimir às actividades da Companhia.

Assim analisadas as matérias indispensáveis à clara inteligência da concepção, origem, condicionalismo operacional e ambiente, responsabilidades e objectivos da nossa empresa, penso que é chegada a oportunidade de, em cada ano, nos determos com algum pormenor e toda a possível atenção no exame sucessivo dos grandes problemas e inerentes opções que teremos de defrontar. Esforçar-nos-emos por, deste modo, ir criando, ano a ano, uma sólida consciência accionista, que, ultrapassando o conhecimento superficial da Companhia, possa trazer contributo cada vez mais válido à sua condução.

Não se estranhará que encetemos este propósito de análise circunstanciada sob o signo do social. A bem estabelecida relevância e prioridade dos problemas humanos para aí apontaria, ainda que não sucedesse verificarem-se razões especiais que no-lo exigem.

Antes, porém, de abordar o tema fundamental com que me proponho prender hoje a vossa atenção, quereria informar-vos do estado e perspectivas dos nossos negócios.

SITUAÇÃO E PERSPECTIVAS DOS NEGÓCIOS DA EMPRESA

Como tivestes ocasião de verificar pelo Relatório e Contas decorreu de forma satisfatória o exercício de 1972, com resultados ainda um pouco acima dos de 1971, já de si os mais favoráveis na história da Companhia. A condição firme do mercado mundial, em acentuada expansão e melhoria de preço, por um lado, e pelo outro a muito apreciável melhoria da qualidade e valor médio da nossa produção, cobriram largamente, em resultado financeiro, o efeito desfavorável da menor quilatagem extraída (consequente do menor teor médio das reservas exploradas) e o reflexo do aumento dos custos de produção.

Idênticas foram, nos meses já decorridos de 1973, todas estas características de mercado e de produção, pelo que, a manterem-se na parte restante do ano, igual será a tendência global, assegurando resultados financeiros que esperamos ultrapassem sensivelmente os do exercício anterior. Se conseguirmos obter ainda em 1973 os aumentos de produção que planeámos e para que decidimos apetrechar-nos quando, há cerca de um ano, se inverter a precedente tendência depressiva do mercado, é até possível melhoria apreciável nos resultados.

Podemos, pois, encarar o futuro com confiança, embora convenha não dar largas ao optimismo. Duas razões o contraindicariam: de um lado, a tendência notável para um menor teor médio das reservas exploradas, em quilates por metro cúbico de outro, a continuada pressão altista de todos, ou quase todos, os factores do custo de produção. Tendências desfavoráveis que têm sido vencidas pela melhor dimensão média das pedras extraídas, factor em certa medida aleatório, e pela subida firme dos preços de venda, de cuja continuidade não poderemos estar seguros. Certo é que confiamos, também, nos benéficos efeitos da melhoria sistemática da segurança das nossas Explorações e na larga repercussão dos esforços empreendidos para a modernização e aperfeiçoamento metódico das nossas operações mineiras, industriais e subsidiárias, e de toda a nossa gestão, mas será bom ter presente que estes fundamentais objectivos de uma sã economia de laboração exigem largo investimento e só depois de decorrido algum tempo produzem fruto compensador.

Numa palavra, creio não errar, predizendo que, nesta quadra de características francamente favoráveis do mercado e da qualidade da produção, conseguiremos realizar os avultados recursos necessários à melhoria radical e estável da nossa laboração e à consolidação da nossa Companhia, sem diminuição, e até com possível moderado aumento, dos benefícios distribuídos. É lícito encarar confiadamente o futuro.

É de preocupação predominantemente social a deliberação do Conselho de Administração de que quero dar-vos notícia para terminar este preâmbulo.

Como tive ocasião de referir na primeira exposição que fiz a esta Assembleia Geral, tem sido, e é, característica dominante da nossa Companhia a ausência de accionistas em posição de a comandarem e a presença de mais de milhar e meio de pequenos accionistas.

Esta salutar característica seria ainda mais acentuada se não fora o excessivo agrupamento de acções nos títulos existentes, com as consequentes dificuldades de transacção. Por outro lado, a circunstância de só poderem transaccionar-se grandes lotes de acções, além do inerente reflexo desfavorável na cotação dos títulos, poderá por vezes levar accionistas interessados e dedicados a terem de desfazer-se da totalidade da sua posição, como única alternativa à impossibilidade de realização de quaisquer fundos de que, de momento, possam carecer.

Com efeito, presentemente, e deixando de parte o capital pertencente ao Estado, verifica-se que cerca de 74% do número de títulos são de 50 ou mais acções, sendo 58% de 100 acções, ou seja, mais de 95% do capital social disponível está concentrado em títulos de 50 ou mais acções, sendo de 84% a fracção representada por títulos de 100 acções. Apenas 1,4% do capital social está representado em títulos de 10 ou menos de 10 acções, que constituem 18% do número total de títulos.

Aproveitando o ensejo proporcionado pela necessidade de emitir novos títulos em seguimento da última elevação do capital social e do valor nominal das acções, deliberou o Conselho alterar radicalmente aquela estrutura de repartição do capital por títulos, ficando reduzida a 0,8% a fracção do capital social disponível representada por títulos de mais de 10 acções. Em 150 000 títulos de 1 acção ficarão representados 9,7% de todo o capital social excluído o do Estado.

Estão em curso as diligências necessárias à materialização desta decisão, da qual esperamos efeito benéfico para os interesses dos nossos actuais accionistas e acesso à condição de accionistas da empresa de avultado número de pessoas, entre as quais estimaríamos ver e servir modelarmente as de economia modesta e bom número dos nossos próprios empregados, em acentuação de uma tendência que, até pela grande dificuldade encontrada, sempre constituiu para a Companhia e para a sua Administração título de honra tido em muito alto apreço.

Terminada esta informação preambular, pedir-vos-ei que me acompanheis no exame da problemática social que se nos depara na zona das nossas operações em Angola e na reflexão acerca das decisões que, na conjuntura, devamos tomar. Embora mais longas do que eu teria desejado, as considerações que me proponho fazer serão forçosamente circunscritas à perspectiva panorâmica das questões, cuja extensão e complexidade tornam impraticável qualquer veleidade de minúcia no âmbito de uma reunião desta natureza. Quero, porém, dizer-vos ser minha convicção firme, baseada no estudo atento e particularizado dos problemas, que será fiel à realidade a visão panorâmica que procurarei dar-vos, e consistentes, portanto, podem e devem ser as conclusões e opções que nela se baseiam.

Se limito à região das nossas Explorações mineiras a consideração do tema, é por se encontrarem já regulados em acordo colectivo, negociado e firmado a pleno contento das partes, os assuntos respeitantes às relações de trabalho na nossa Sede Social, conforme vos refere o Relatório do Exercício. Aliás, a feição muito peculiar dos problemas em África dificilmente concederia qualquer proveito ao seu tratamento conjunto. A modestíssima dimensão do nosso escritório de Luanda também não justificaria qualquer distracção das atenções que me proponho centrar nos problemas inerentes à laboração mineira e subsidiárias.

RELAÇÕES DE TRABALHO

Somos, até agora exclusivamente, empresa concessionária da exploração de uma riqueza constitucionalmente definida como património da comunidade nacional. Está implícita em tal condição a verificação permanente pelos poderes públicos da nossa capacidade de assegurar a valorização daquela riqueza em termos da máxima utilidade colectiva. E é à luz da irrecusável responsabilidade daí adveniente, que, em primeiro lugar, teremos de medir a importância dos problemas relevantes para a condução das nossas actividades.

De relevantes entre as que mais o são ninguém hesitará em catalogar as questões do foro social, quer se refiram às relações de trabalho entre a Companhia e os seus servidores quer às relações de vizinhança e convívio com as populações estabelecidas em torno das nossas Explorações, região onde se não radicou qualquer outra actividade produtora.

Situados ao milhar de quilómetros de Luanda e distantes de centenas de outros centros urbanos e administrativos de alguma importância, operando até poucos passos de uma fronteira extensa e hostil, em regiões de mínima ocupação administrativa ou militar, compreende-se bem até que ponto a simples possibilidade de existência das nossas Explorações depende do teor de relações com a massa dos nossos trabalhadores e as populações de que eles provêm e quanto este próprio teor dependerá da qualidade e espírito de missão dos nossos quadros superiores no local.

Não admira que a administração pública se mostre sempre atenta e preocupada com estas fundamentais questões.

No que se refere às relações de trabalho com os trabalhadores especializados, o Despacho Normativo de Setembro de 1968 é documento basilar daquela atitude do Estado e da sua estreita colaboração com a Companhia. Da aplicação dele resultou já a promoção profissional de alguns milhares de trabalhadores autóctones, com a consequente radical elevação dos respectivos salários. De tal modo que, dispondo a Companhia de um dos maiores, se não mesmo do maior parque de maquinaria pesada do País, todo ele já pôde ser confiado à condução de pessoal da região, como igualmente grande parte das máquinas ferramentas das gigantescas oficinas de manutenção.

Quanto à massa dos trabalhadores rurais, têm os Serviços responsáveis de Angola manifestado repetidamente, nos últimos meses, a sua preocupação com o nível de desemprego já existente e as perspectivas do seu agravamento no futuro. O problema tem sido considerado de grande acuidade.

Vejamos, pois, com alguma detença se existem, quais são e como se apresentam na realidade estas dificuldades, de cuja capital importância nos não é permitido alhear-nos.

Conta já muitas décadas na tradição da empresa a preocupação com a protecção na doença, a salvaguarda da saúde, a disponibilidade da educação, a garantia e qualidade da alimentação, a promoção profissional de todos os seus servidores e respectivas famílias, benefícios cedo alargados, na parte aplicável, à prática totalidade das populações do Nordeste da Lunda. Encetada com feição de magnanimidade e conduzida paternalisticamente, ao jeito da época e como requisito de eficácia, esta acção veio progressivamente a aceitar-se como uma responsabilidade social e a revelar-se, com o decurso do tempo, factor precioso de tranquilidade das gentes e o mais forte resguardo das áreas remotas isoladas e fronteiriças das nossas Explorações contra a penetração do terrorismo, tão virulenta noutras regiões de Angola: o que por magnanimidade se encetara mostrava-se, afinal, prémio de seguro de inestimável valor, o que alguns haveriam apelidado de fantasia generosa tinha sido sólido realismo. Incomensurável, literalmente, o benefício colhido: pela Companhia, cujo labor não foi perturbado, por Angola e pelos accionistas, cujos réditos não foram afectados e puderam crescer, pelas populações locais, cuja paz foi preservada sem sacrifícios dolorosos e cuja promoção pôde acelerar-se. Graças a quem soube olhar para além do dia em que vivia.

Importa, porém, que nos não iludamos — este enorme cabedal de realizações pertence ao passado e só precariamente responde já às exigências do presente. Se quisermos cumprir o dever fundamental de sobreviver, e digo assim, porque o devemos às largas centenas de milhares de seres humanos cuja subsistência e bem-estar directa ou indirectamente dependem da nossa laboração e solidez, teremos de ser dignos dos nossos predecessores e, como eles, saber prever e prevenir as exigências do mundo de amanhã, dando resposta de validade e qualidade inquestionáveis às suas mais profundas aspirações. Será possível?

Perante a onda avassaladora de contestação generalizada e irreverente, não falta quem responda pela negativa ou para ela penda no seu íntimo. Uns, por suporem desordenadas e ininteligíveis, as aspirações dos nossos tempos, outros por terem aceite, sem análise crítica, a afirmação gratuita da incompatibilidade delas com o regime de livre empresa. Uns e outros porque esqueceram que a generalização, e a própria irreverência, da contestação não têm que jogar necessariamente em favor dos sofismas ou dos ditos dogmáticos dos fazedores e cultores de utopias — quando tudo se contesta, também os dislates se podem contestar, e onde a irreverência seja de preceito nem há razão para não dar às coisas o nome que mereçam.

RESPONDER POSITIVAMENTE AO DESAFIO DO FUTURO

Quanto a nós, quer no plano dos princípios quer no das realizações, não temos dúvida em responder positivamente ao desafio do futuro, que entendemos e não nos atemoriza, sem minimizarmos as numerosas e sérias dificuldades, nem a grandeza do esforço que imporão.

Já por mais de uma vez tive ocasião de aqui acentuar que sobre a nossa Companhia impendem obrigações transcendendo em muito as do comum das sociedades de fim económico. E que ao afirmá-lo não tenho em vista a mera diferença de estatuto jurídico e contratual e a óbvia consequência de uma acrescida imposição fiscal. Se nunca a Companhia entendeu que por aí se ficavam as suas responsabilidades para com a comunidade, nem sequer para com o próprio Estado, muito menos o poderia entender hoje em dia. Mas é bom que nos detenhamos e meditemos sobre o muito mais que no presente é necessário entender, para que possa en-

frentar-se o desafio da contestação de que, como qualquer outra entidade, não podemos deixar de ser objecto (e ainda bem).

Digo «ainda bem», não por estar seguro de que os apóstolos do diálogo nos admitam a ele, mas pelo valor insubstituível da contestação como estímulo do esforço de contínua reflexão, aperfeiçoamento e inovação com que, dia a dia, teremos de melhorar a nossa empresa e torná-la mais apta a corresponder às aspirações dos que nela servem e à expectativa dos outros mais a quem ela deve servir.

Para bem nos situarmos no quadro dos desafios do tempo presente, desçamos à raiz das coisas, recordando que o próprio princípio da livre empresa — se não mesmo o simples espírito de empreendimento — é posto em causa como instrumento desejável na vida económica das comunidades humanas. Reconheçamos que a civilização industrial e a sociedade de consumo que gerou fornecem larga cópia de argumentos contra um e contra outro, mas notemos que nem um só deles servirá para provar que a livre empresa ou o espírito de empresa — expressões elementares da liberdade do homem — sejam intrinsecamente perversos, por muito que suceda sê-lo o uso deles feito por alguns algumas vezes.

É fácil (e é verdadeiro) responder que onde morre a livre empresa, e se suprime o espírito de empreendimento, desaparece a liberdade, colhe-se a faculdade criadora e inovadora, restringe-se a inventiva e a iniciativa, expulsa-se a variedade e o gosto, rouba-se a espontaneidade, a bonomia, a despreocupação à sociedade dos homens. Às virtudes e aos defeitos, aos sucessos e aos erros, às benemerências e aos malefícios da livre iniciativa, substitui-se a omnipresença da imensa máquina burocrática do Estado, regulando com indiferente precisão, inacessível à inteligência subtil da vida como à imaginação criadora ou à emoção dinamizadora, o destino de todos e de cada um, na uniformidade cinzenta de um colossal presídio ou manicómio, onde nem será permitido lembrar que o pão, mesmo com o circo, não bastam à felicidade ou à realização do destino do homem.

É fácil sustentar (e é verdade transparente, mau grado a voga póstuma de certos dogmas marxistas) que, numa sociedade aberta e perante o acesso difundido das massas à educação, por um lado, à posse dos títulos de propriedade mobiliária, por outro, perdeu significado o conceito da luta de classes, do mesmo passo que a preocupação do social mudou radicalmente de sujeito e de objecto e de há muito deixou de ser apanágio das correntes socialistas ou de estar confinada aos horizontes limitados do económico.

É fácil demonstrar, com o próprio instrumento crítico e metodológico da dialética marxista, a falência, não apenas económica mas até social, do socialismo que se intitulou científico, paradoxalmente criador da sociedade mais rigidamente classista do mundo moderno.

É fácil dizê-lo, e é verdade — mas é inútil insistir, e estéril seria que nos atardássemos na análise das não-soluções dos problemas sociais actuais. Vejamos antes se poderemos tentar dar-lhes resposta positiva. E digo só «tentar», porque não seria honesto esquecer que a sua extrema complexidade a ninguém permitirá dispor de certezas nem fugir a riscos.

Que a iniciativa privada e a livre empresa sejam o instrumento mais eficaz de criação de riqueza e de desenvolvimento económico, não é já contestável, no plano teórico como no experimental; não o infirmam alguns sucessos sectoriais e conjunturais das economias de direcção tecno-burocrática centralizada e só o confirmam os resultados de certos desvios do rigor dos princípios que têm polido registar-se nas economias ditas livres. Seria, porém, erro grave, e das mais graves consequências, esquecer que no mundo de hoje, e mais ainda no da amanhã, a excelência de uma fórmula ou instrumento do ponto de vista meramente económico de forma alguma o fará politicamente desejável, se no domínio social for incapaz de satisfazer as aspirações profundas da era que vivemos. Como erro seria, também, não ter presente que o âmbito do imperativo social aqui referido se alargou muito para além das fronteiras tradicionais, para abranger, numa expressão consagrada, «todos os homens e o homem todo», que querem encontrar, na sua vida de trabalho, a possibilidade de se realizar plenamente nas potencialidades de ascensão inerentes à sua condição de ser humano vivendo em colectividade.

INTERDEPENDÊNCIA DO ECONÓMICO E DO SOCIAL

Efectivamente, neste dealbar do último quartel do século XX, não só a interdependência do económico e do social são um facto adquirido, como a valoração do progresso — e a opção entre os seus possíveis motores — se não faz em termos de índices de produtividade de macro ou micro-económica, mas perante indicadores de qualidade da vida para a generalidade dos membros da comunidade. Se, em expressão numérica, o significado dos índices médios se tornou irrelevante sem o confronto com os desvios-padrão, na avaliação e opção global exige-se que ao produto interno bruto se justaponham os indicadores do custo e do benefício social de qualquer alegado progresso (poluições, criminalidades específicas, conflitos sociais, comoções civis, acidentes de trabalho e de circulação, chagas urbanas e sociais, educação e cultura, lazeres, etc.).

Numa palavra: foi e é pesado em demasia o preço pago pelo culto obcecado do progresso económico, a ponto de pôr em risco a própria sobrevivência da humanidade. E o instinto vital que não consentirá mais a qualquer actividade económica furtar-se ao julgamento pelo critério da sua utilidade e preço social, considerada esta numa visão integral do homem e, repito, de todos os homens.

Ninguém certamente nos pedirá que demonstremos serem vastíssimas as implicações de tal perspectiva para a condução de uma Companhia como a nossa, a cujo trabalho está directamente ligada a sorte de muitas dezenas de milhar de pessoas. Mesmo que quisesse esquecer-se (e eu tenho-o aqui recordado) que da condição de concessionária da exploração de bens muito valiosos do património público nos advém o permanente e iniludível dever de estar apto a provar que nenhuma alternativa traria maior soma de benefícios para a colectividade, a começar pelos homens que participam do nosso labor e pelas populações entre as quais operamos e de quem largamente dependemos. Aliás esta preocupação — ou se quisermos, esta justificação da nossa existência como concessionária da exploração de diamantes em Angola — é coeva da fundação da Companhia (já transparece dos considerandos do protocolo de Bruxelas de 1920, que Norton de Matos e Ernesto de Vilhena subscreveram) e nunca deixou de manifestar-se. Somenhe os tempos correram velozmente neste meio século vertiginoso, as exigências transformaram-se e abarcam horizontes até há pouco insuspeitados, as questões volveram-se contestatárias — mas o imperativo da resposta válida permanece, como há-de permanecer, segundo esperamos, a nossa tradição de a não iludirmos.

UMA POLÍTICA DE RESPONSABILIDADE SOCIAL

Digo «segundo esperamos», porque a opção é vossa, Senhores Accionistas, e o preço de uma política de responsabilidade social em termos de modernidade já se adivinha que não será pequeno. Certo que poderemos suportar, mas certo também que muitos pensam ser a justiça social incumbência (correctiva, e não só supletiva) do Estado, através da função redistribuidora da fiscalidade. Por mim, creio firmemente que, se se quiser que a livre empresa sobreviva aos temporais que a contestam (como tanto importaria à salvaguarda da liberdade dos homens), será necessário que, no seu seio e para com os seus vizinhos, se cultivem, com empenhada honestidade, relações de autêntica justiça e harmonia sociais, no amplo sentido das concepções modernas, deixando ao Estado, através do instrumento fiscal ou de outros, função puramente supletiva e complementar, com vista aos sectores desprovidos de meios próprios suficientes, nunca de finalidade correctiva do que na base podia e devia ter-se deixado resolvido com os meios disponíveis. Será ainda, desta forma que nos inseriremos nas tradições da Companhia, que nunca se deixou ficar à espera que dos avultados réditos proporcionados ao tesouro público de Angola retornasse à Lunda alguma parcela em benefício, apenas justo, das populações regionais. Talvez de outro modo ali não reinasse o bem inestimável da paz social e étnica.

PROBLEMÁTICA ESPECÍFICA DA COMPANHIA

Assim situados na panorâmica geral da nossa época, examinaremos mais de perto a problemática específica da nossa empresa, primeiro no âmbito das relações de trabalho com os que, servindo-a, dia a dia erguem a sua prosperidade e firmam a sua solidez, depois com as populações em cujo seio operamos, de onde provém a massa dos nossos trabalhadores e de cuja lealdade depende a integridade da maior parte do nosso património físico e humano.

O primeiro dos nossos deveres para com estas pessoas é evidentemente, o de permanecer em operação e nos consolidarmos, requisito essencial da sua segurança e de subsistência para os seus dependentes. Toda a segurança social que possamos oferecer-lhes no seio da Companhia valerá o que valer a solidez desta. Não me proporei hoje explorar perante V. Exas. as vias conducentes a este objectivo, nomeadamente a da diversificação de actividades, a que já repetidamente aludi. O motivo da minha referência ao assunto é apenas o de acentuar que uma alta responsabilidade social recusaria sempre aos accionistas desta casa o arbítrio de decidir, por comodidade ou conveniência, a terminação dos negócios sociais e lhes impõe como obrigação moral, para além do que em juízo interesseiro pudessem pensar, a adopção das vias mais eficazes para consolidação e permanência da Companhia. É, aliás, dupla responsabilidade: perante os trabalhadores e perante o Estado, que nos outorgou a concessão e no-la mantém.

A solidez da empresa, sendo condição necessária, não é, porém, suficiente para proporcionar aos que a servem e aos seus dependentes razoável segurança contra as múltiplas contigências susceptíveis de afectar a continuidade dos réditos do chefe de família. O problema foi estudado com a maior diligência e a vossa Administração espera encontrar-se habilitada nos próximos meses a pôr em aplicação um sistema completo e modelar de segurança social, cobrindo a totalidade do pessoal das Explorações, com a única excepção, resultante de complexa especialidade ainda carecida de análise, dos trabalhadores rurais não especializados. É encargo avultado, mas que nem pode sofrer discussão por se tratar de imperativo primário de justiça social.

É fundamental que o nosso pessoal se sinta vinculado à Companhia por algo menos contingente do que uma remuneração ocasional que, por maior que se conceda, é facilmente ultrapassada pelas aliciantes solicitações de um ambiente que o tráfico ilícito corrompeu até à medula.

Desejaria, porém, se não pensasse que, instaurado, com pesado encargo, modelar sistema de segurança social para os servidores de carácter permanente, nós poderíamos, mesmo momentaneamente, deixar-nos ficar por aí. Seria erro grave — primeiro porque, embora sob ângulo e âmbito diferentes, é inadiável encarar problemas similares dos trabalhadores e populações rurais, depois porque algo mais se impõe fazer, mesmo em relação aos primeiros, no caminho da solidarização de interesses entre a empresa e os que a servem.

O MAGNO PROBLEMA DOS RURAIS

O aldeamento e reagrupamento das populações locais por necessidade de as acautelar contra alguma acção terrorista, sempre possível a dois passos da fronteira, o fenómeno da atracção sobre elas exercida pelos núcleos urbanos da Companhia, o recurso maciço desta à mão-de-obra da região para substituir os trabalhadores antes recrutados em outras áreas, a subida rápida dos salários, a promoção profissional de milhares de homens da região e as remunerações elevadas que passaram a auferir, certos efeitos do alargamento da assistência médico-sanitária e escolar à generalidade das populações, ocasionaram profunda transformação dos hábitos, mentalidades e estruturas das sociedades africanas circundantes das nossas Explorações. O número de pessoas empregadas na Companhia, ou dependentes, para a sua subsistência, dos que nela trabalham, cresceu muito e veio, de forma directa ou indirecta, a abranger a grande maioria dos habitantes do Nordeste da Lunda, do mesmo passo que os factos referidos e a influência deletéria do tráfico ilícito de diamantes, fomentado pelo afluxo imoderado de «comerciantes», afastaram de modo quase absoluto a agricultura de subsistência da prática dos autóctones, tanto mais que, em termos monetários de produtividade do esforço, o trabalho da terra pronto se revelou, ao mais grosseiro confronto, como de diminuta valia perante o trabalho assalariado: oa alimentos quase deixaram de ser produzidos, porque com muito menor esforço se trabalhava, ou algum membro do clã trabalhava, o suficiente para os adquirir nos armazéns da Companhia ou no comércio.

Sem dificuldade se entendem as muitas preocupações que desta problemática advêm, com um número elevado e sempre crescente de ociosos, para mais sujeitos ao permanente aliciamento à sabotagem, ao roubo e a toda a sorte de violência, pela propaganda radiofónica de além-fronteiras. Se se acrescentar que a reestruturação das nossas operações mineiras e indústriais, urgentemente necessária tanto do ponto de vista económico como, mais ainda, por considerações de segurança sob qualquer aspecto, irá exigir um grande esforço, aliás já em curso, no sentido da concentração e redimensionamento em unidades de exploração maiores e de uma acrescida mecanização, como a consequente, inevitável e desejável redução da mão-de-obra não especializada, ter-se-á ideia da panorâmica social que somos forçados a enfrentar e desde já.

Panorama sério e agudo, mas de modo algum alarmante. Conhecer e avaliar as dificuldades e não carecer de ocultá-las é meio-caminho andado para a sua resolução. Estamos já para além desse meio-caminho, quer pelas sólidas bases lançadas pelos nossos predecessores, quer porque temos delineadas e em início de execução as grandes vias de ataque. Começamos a dispor do elemento humano jovem, sabedor, esclarecido e treinado, entusiasta mas lúcido, capaz de enfrentar o problema e determinado a vencer o desafio, com parcimónia de palavras e fecundidade na acção. Também esta terá, evidentemente, o seu preço, mas nem para ele existe alternativa, nem a fertilidade generosa da terra da Lunda, a dimensão do mercado que nela soubemos criar, o avultado volume das actuais compras ao exterior do que poderá ser nela produzido, nos levam a temer pela sorte futura dos capitais que teremos de investir, e que afinal, provenientes dos seus diamantes, se devem, antes de mais nada, à promoção humana das suas gentes, por elementar imperativo de justiça, mesmo que o da conveniência não falasse tão alto. Será neste âmbito que presentemente terão de encarar-se os problemas da segurança social para a massa dos trabalhadores rurais, sem prejuízo de algumas medidas específicas que um dia possamos vir a adoptar.

Teremos de desenvolver rápida e eficazmente uma acção de sólida base técnica mas de fácil assimilação pelas populações locais, com amplo recurso aos mais modernos meios audio-visuais de difusão e a instrumentos de experimentação e demonstração, no sentido de represtigiar as actividades agro-silvícolas e de as tornar praticáveis em termos de razoável rentabilidade económica: a apicultura e a fruticultura, a horticultura, a piscicultura, a utilização racional, cientificamente orientada, dos recursos naturais, tradicionais ou exóticos, do meio vegetal e do animal, a industrialização progressiva dos produtos da terra, a intensificação acelerada da pecuária de carne e de leite, o estabelecimento de rede adequada de transportes e armazenamento isotérmico ou em frio, formam um campo vastíssimo de actividades que, apoiadas em sólida orientação e assistência científica e técnica e dispondo de um mercado local da ordem das centenas de milhar de contos por ano, podem em breve absorver avultada mão-de-obra regional, proporcionar-lhe excelente alimentação e remunerá-la a nível dignificante. Não é dispicienda no propósito a soma de conhecimentos científicos adquirida pela afamada Secção de Biologia do Museu do Dundo e contamos com o apoio decidido da Secretaria Provincial de Agricultura, através nomeadamente das jovens e prestigiosas equipas do Instituto de Investigação Agronómica de Angola e do Instituto de Investigação Veterinária, além dos técnicos por nós próprios recrutados. Atingida que seja a fase de abastecimento próprio, prosseguirá a expansão onde a experiência e o conhecimento do mercado mostrem mais recomendável, com vista ao abastecimento de outras regiões de Angola e à própria exportação onde formos competitivos.

Do mesmo passo, em escolas prestigiadas de artes-e-ofícios, e até em acção colateral das nossas oficinas, como já iniciado, haverá que promover a formação maciça de artífices carpinteiros, marceneiros, pedreiros, canalizadores, electricistas, etc., tão necessários para eliminar os enormes estrangulamentos que impedem a satisfação das nossas próprias prementes exigências no domínio da construção civil e mobiliário e as, muito maiores, requeridas para dar satisfação às aspirações de um mínimo de acomodações domésticas dignas para milhares de trabalhadores especializados africanos.

Em campo diverso, mas paralelamente, vamos encetar a profunda remodelação, no rumo da autonomia e do espírito comercial, dos nossos serviços de abastecimentos gerais.

Subsidiariamente, fomentar-se-ão actividades remuneradoras do artesanato local, de amplas possibilidades económicas desde que assegurados transportes, comercialização e capital de maneio.

Em tudo, como objectivo, um desenvolvimento que venha a ser auto-sustentado. Ajuda, não pela dádiva, mas habilitando cada qual a sobreviver e a progredir por si, demonstrando-lhes de forma convincente que o trabalho bem orientado é remunerador.

DIGNIFICAÇÃO DA CULTURA E DA HISTÓRIA DOS POVOS DA LUNDA

Senhores Accionistas: Quando tantos derramam palavras sem conto nesta moda alta de proclamar a ajuda ao desenvolvimento do chamado «terceiro mundo», e, ou porque são apenas verbosos ou por não serem de avisado conselho, a experiência mostra que as rotas trilhadas só conduzem ao agravamento quotidiano da miséria e opressão das massas, tanta vez imoladas no altar de apocalípticos genocídios intertribais, conforte-nos e anime-nos a certeza de que a nossa antiga mas jovem livre empresa, que há muito irradicou das terras onde trabalha o espectro da fome e o da doença inassistida e que soube dignificar como ninguém a história e a cultura dos povos da Lunda e facilitar-lhes o acesso à educação e à formação profissional, terá em breve acrescentado aos seus justos títulos de orgulho o de haver sabido promover no Nordeste de Angola o mais genuíno modelo de desenvolvimento global participado de uma vastíssima comunidade humana, há poucas décadas, ainda, arrancada à exclusiva dependência da caça e da guerra. Então, teremos demonstrado, por factos mais do que por generosos desejos, que ali, sim, o desenvolvimento é verdadeiramente o novo nome da paz.

Retornemos, agora, aos problemas internos da Companhia, para retomar, em perspectiva mais larga do que a da simples segurança social, a consideração das relações da empresa com os seus servidores de carácter permanente na realização de uma comunidade de trabalho que desejamos e precisamos seja modelar. E tal só poderá dizer-se

Continua na pag 17

DL/REPORTAGEM

NOVAS CIDADES COM VELHOS PROBLEMAS-1

Não há nada do lado de Almada?

— Almada não tem um hospital, não tem um hotel, não tem um liceu como deve ser, não tem ruas em condições.

Foi uma voz que se ergueu contra o contentamento e os comentários entusiastas de alguns operários que comiam, ontem num daqueles tascos situados próximo de Cacilhas, onde ainda se comem uns petiscos sem que nos entrem muito na bolsa. Mas foi o único a lembrar os problemas da terra que se vê, assim, subitamente promovida. Evidentemente que muitos outros desacordos se levantarão e se têm de levantar. Mas o facto de Almada ser um dormitório implica uma certa falta de ligação entre as pessoas, o que foi evidente na noite em que se tomou conhecimento da «promoção»; em todas as outras «novas cidades», embora com «velhos problemas», a gente veio à rua, deu largas a um contentamento não se sabe bem porquê. Em Almada, não. As cabeças continuaram coladas aos travesseiros e nenhuma manifestação, nenhum sinal, além do natural cansaço e das preocupações inerentes à vida num local onde as rendas não param de subir.

A HABITAÇÃO

A habitação origina problemas vários, conforme os ângulos de observação: por um lado há falta de oferta, em Almada, que corresponda à procura crescente, o que facilita o movimento ascensional dos valores das rendas. O seu excesso, por outro lado, ou o que é considerado como tal, provoca dificuldades na construção de novas vias de comunicação, de espaços verdes, etc. Aqui entra, como se sabe, a falta de planificação. Mas, o crescimento que se assinala quotidianamente como muito rápido e deixa entretanto muitas pessoas em dificuldades, tem a sua explicação na economia e suas leis.

Senão vejamos: no concelho de Almada o total de fogos passou de 4 070, em 1911, para 22 545, em 1960. Para 1970 ainda não existem dados. Contudo, foi o presidente da Câmara quem nos informou da existência, actualmente, de 30 000 fogos para construção já devidamente urbanizados e aprovados. Em 1970, a mesma entidade tinha informado que existiam em igualdade de condição cerca de 11 500 fogos. Contudo, a construção clandestina prosseguiu em todo o concelho como noutros, permitindo maior margem de lucro aos construtores civis. E a construção prosseguiu lentamente. Este facto deve-se à falta de capacidade das empresas portuguesas como foi recentement afirmado no II Colóquio de Construção Civl e também da ausência de verdadeiro dimensionamento. Mas não é tudo: a lei da oferta e procura influencia também o ritmo e o número de operários que se empregam nesta zona. Ironicamente, pode dizer-se que esta situação contribui simultaneamente para agravar os problemas de circulação, já que o quantitativo de carros aumenta notoriamente, tal como o seu preço e dimensão.

Como se tal não bastasse, decorreu desde há vários anos uma campanha de erradicação das barracas, com as consequências daí inerentes como seja a necessidade de realojar os seus habitantes. Tal medida concretizou-se já na zona da Cova da Piedade.

De notar que também em 1970 foi anunciada a construção de 6 000 fogos por parte do Fundo de Fomento de Habitação, caso a Câmara concedesse os terrenos necessários. Não sabemos como foi. Mas temos conhecimento de que o anunciado bairro circundante da via rápida entre Almada e o Centro Sul, projecto que foi publicado em 1971, ainda não se efectivou. Decorre, agora a construção dessa via, então anunciada para breve.

OS TRANSPORTES

Esta questão crucial numa ex-vila de trabalhadores, que se deslocam diariamente para o trabalho, seja para Lisboa, seja para outros locais dos arredores, subsiste, quando não se agravou no decurso dos últimos anos.

Dois pontos continuam, todavia, à frente da lista é o caso dos preços praticados na ponte sobre o Tejo, o preço dos barcos entre as duas margens e a sua morosidade. Não valerá a pena referir as incomodidades e os perigos neste último caso.

No caso da ponte, não só não foram atendidos os pedidos de redução das taxas, pelo menos em situações particulares, em situações particulares. No concernente ao factor tempo, a característica geral é para a complicação, dada a insuficiência de vias de escoamento.

Quanto aos transportes marítimos foram aumentados os preços por duas vezes nos últimos tempos, sem que a qualidade de serviços tenha melhorado. Enfim, contingências, dirão os mais conformados. Mas são mazelas que continuam a fazer desmerecer determinados valores que são considerados bastantes.

Existe ainda o problema pendente dos transportes locais. Não há muitos anos, procedeu-se à fusão de várias companhias numa só. Parece que os transportes não foram devidamente planeados e os protestos chovem a toda a hora. E voltamos aos transportes pela ponte. Muitas das zonas circundantes de Almada não têm transportes directos para Lisboa, o que obriga a diversas mudanças de carreira. A empresa lucra obviamente com este estado de coisas. Não vamos mais longe, porque não é a ocasião de descer às minúcias.

AS ESTRADAS E AS RUAS

As vias de comunicação ameaçam com a saturação, em especial no que respeita às que conduzem a Corroios e Cruz de Pau, com os respectivos cruzamentos. A circulação dentro de Almada tem os seus quês originados por uma planificação inexistente e a conservação quase igual.

Algumas povoações agora englobadas no perímetro da nova cidade têm mesmo muitas ruas que ainda não passaram do primitivo estado de lama e pó, de acordo com a hora e o estado de tempo.

Caso particular: o cruzamento da via que dá saída para Almada de todo o trânsito proveniente de Lisboa e da Costa da Caparica com a estrada Cacilhas-Foqueteiro. Nos dias de praia as filas prolongam-se de forma cada vez mais assustadora e não são raros os acidentes nesse e noutros locais. A construção da via rápida até ao Centro Sul poderá resolver a situação por algum tempo. Mas o breve trecho tudo retomará a forma primitiva dada a tendência para o aumento de tráfego.

QUE MAIS TEMOS?

Pois de acordo com a conversa que reproduzimos logo no princípio, há a questão do Liceu, do Hospital, do Hotel. Quanto ao primeiro, procede-se neste momento, à construção de novo edifício, entre o Cristo-Rei e a tal via rápida. Os trabalhos de aterro estão quase concluídos e o termo da obra está previsto para Outubro do próximo ano. Segundo o dr. Silveira Júnior, presidente da Câmara, o problema está resolvido e melhor ficará naquela altura.

Para o caso do hospital é que ão há solução à vista. A criação, no papel, de um hospital Regional em Almada, não se traduziu, até agora, em quaisquer resultados.

E o hotel? Cabe na cabeça de algum industrial ir fazê-lo na Outra Banda? Parece que não. Lisboa é que é importante, é o centro da macrocefalia, e quem o põe em dúvida? Em Lisboa é que se fazem os hóteis.

E há aquela coisa da poluição. Pois é verdade, leitor. Em Almada também já há poluição. É um cheirinho a gás que não perdoa a ninguém e um ruído que não deixa dormir os mais próximos. Como se vai resolver a questão?

O eng.º Correia da Cunha afirmou num colóquio há tempos efectuado no Seixal, que ninguém tem culpa de irem construír casas mesmo junto dos estaleiros. É verdade que se trata de um excesso de zelo dos construtores, mas permitido pelos planos des urbaniza. Solução à vista? Onde, como, se o presidente da Comissão Nacional do Ambiente equacionou a questão daquele modo?

ROGÉRIO VIDIGAL

Um mercado ao ar livre que vai desaparecer. Uma vendedora ambulante mostrou-se desolada com a medida camarária, mas concorda que assim é preciso. Os vendedores passam para o mercado coberto de Almada.

A população

A população da nova cidade de Almada está calculada em cerca de 130 mil pessoas, com a possibilidade, expressa pelo dr. Silveira Júnior, de chegar aos 400 mil, no prazo de dez anos.

Eis a evolução da população do concelho: em 1911 foram recenseados 18.111 habitantes; em 1940 tinha subido para 29.219; e, em 1960, para 70.968. Neste último ano, a população da freguesia de Almada foi calculada em 31.523 pessoas.

O crescimento dos últimos anos verificou-se não só na freguesia deste nome, como noutros locais dos arredores é o caso do Feijó, Cova da Piedade, Laranjeiro, Pragal e mesmo Cacilhas, que registaram na última década um crescimento raramente igualado. Todos estes lugares foram agora englobados sob a designação de Almada-cidade.

Almada há três anos

De uma reportagem publicada em 13 de Fevereiro de 1970, no «DL», da autoria de Armando Pereira da Silva:

«Almada, terra de amplas perspectivas, vive abafada, asfixiada, no laço que lhe foram apertando... Os espaços verdes, os jardins, os parques, cederam o passo (e o espaço) à febre dos negócios e do lucro da propriedade horizontal. As frágeis estruturas da vida local explodiram tragorosamente. Almada é uma grande urbe, moderna, avançada, em potencial humano, várias décadas em relação às possibilidades que lhe deram.»

Na ocasião, declarou o presidente da Câmara:

«Pedir para serem triplicadas estas infra-estruturas é um erro muito comum — **avisou o dr. Serafim Silveira.** — Na realidade, o progresso deste concelho é irreversível e temos de apanhar o futuro. Sextuplicar tudo o que temos não é pedir muito. É preciso, todavia, que se olhe mais para esta terra «sui generis» de que tanto se fala, mas que tão desconhecida é.»

Este é o local destinado ao novo Liceu de Almada. O fim da obra esta previsto para Outubro do próximo ano.

COM OS OLHOS VOLTADOS PARA O CÉU DE LISBOA

Dezenas de milhares de pessoas dispersas entre Alcântara e Belém, assistiram, sob um sol escaldante, às espectaculares demonstrações efectuadas sobre o rio Tejo, por uma das mais famosas esquadrilhas de acrobacia aérea do mundo — Os Red Arrows, da Royal Air Force.

As manobras integradas nos 600 anos da Aliança Luso-Britânica, tiveram início cerca das 15,30, com meia hora de atraso em relação ao previsto. Foram 17 minutos de uma série de cabriolas, rolamentos e quedas sobre a asa, e outras manobras, num total de 15, com 24 mudanças de formação. Dada a audácia e precisão dos exercícios, alguns dos quais celebrizaram os pilotos daquela força, os espectadores não deixaram de se sentir presos ao céu de Lisboa, fazendo a cada passo exclamações de surpresa e admiração.

Com o tempo favorável, as manobras, sob o comando do major Ian Dick, decorreram de acordo com o programa anunciado por aquele oficial numa conferência de Imprensa concedida aos órgãos de Imprensa da capital, na Embaixada Britânica.

O fumo colorido — vermelho, branco e azul —, tornou o espectáculo ainda mais fascinante, pelos caprichosos traçados formados no firmamento.

O grupo que se apresentou em Belém, conta com 700 exibições nos seus oito anos de existência. Além das exibições na Grã-Bretanha e no resto da Europa, já se deslocou aos Estados Unidos e Canadá e ao Médio Oriente.

Consul da Bélgica galardoado

O consul da Bélgica no Funchal, dr. António Manuel C. Correia da Silva, foi galardoado pelo rei da Bélgica com a Cruz de Cavaleiro da Ordem da Coroa, pelos serviços pretandos ao seu país. As insígnias foram-lhe entregues durante uma recepção ofericida na residência do embaixador da Bélgica em Lisboa.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Maria Fernanda Violante, Casa Violante-CARREGADO

Viagens apolo 73

CANÁRIAS

VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS
ESPECIALMENTE FRETADO.
Partidas todas as 5.as Feiras de Julho a Setembro.
PREÇOS A PARTIR DE 2.770,00
Estadia em regime de pensão completa ou quarto com pequeno almoço. Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto.

MAIORCA

VIAGEM EM AVIÃO 8/15 DIAS
ESPECIALMENTE FRETADO.
Partidas todas as 3.as e 5.as Feiras de Junho a Setembro
PREÇOS A PARTIR DE 3.400,00
Estadia em regime de pensão completa Transporte Aeroporto-Hotel-Aeroporto

TORREMOLINOS

8/15 DIAS
VIAGEM EM AUTOCARRO COM AR CONDICIONADO
Partidas todos os domingos de Junho a Setembro
PREÇOS A PARTIR DE 2.320,00
Estadia em regime de pensão completa.

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES
PAGUE SUAVEMENTE COM O CREDI STAR
STAR
A MAIOR AGÊNCIA DE VIAGENS PORTUGUESA

EM REYKJAVIK

POR SÉRGIO RIBEIRO

Na Primavera (gelada) se prepara o Outono (talvez quente)...

REYKJAVIK — Foi aqui que estiveram reúnidos Nixon e Pompidou, e neste mesmo hotel há fotografias do dr. Kissinger, entrando e passeando-se pelos corredores, e de Rogers escolhendo a «excelente comida islandesa». Neste hotel, onde se realiza a reunião preparatória para escolha dos temas sobre segurança e cooperação europeia que deverão ser propostos no Congresso Mundial das Forças da Paz, a realizar em Outubro próximo.

Poderá parecer estranho que Reykjavik seja local de encontros e reuniões, mas o que é facto é que se começa a tomar o hábito. No discurso de boas vindas que faz Ragnar Arnalds, «chairman of the Teople's Alliance (Iceland), ele foi claro:

«Em nome do comité preparatório islandês, desejo a todos umas calorosas boas-vindas. A conferência que vamos iniciar aqui é de enorme e agradável oportunidade para nós, islandeses. É certo, na verdade, que muitas conferências políticas internacionais se realizam aqui e vários grandes encontros têm sido marcados para este país. Mas, francamente, nem sempre são muito bem recebidos, tanto são os especialistas militares e generais da N.A.T.O; infelizmente, é raro ver homens da paz de vários países aqui reunidos. Além disso, o assunto da reunião «segurança e cooperação na Europa» está o mais intimamente relacionado com os mais vitais interesses do nosso país que é possível».

Foi depois que falou o ministro dos Negócios Estrangeiros que, com a sua presença, deu um cunho bem marcante à reunião. Discurso equilibrado e firme, num momento particularmente delicado para os «negócios estrangeiros» da Islândia, ao que se junta uma política interna' que, mesmo que desasombradamente referida, não torna bem claro o que leva a que a conquista de uma verdadeira independência seja bem duro e caro.

Também a recepção dada pelo presidente da República revelou o interesse em marcar junto dos «homens da paz» um acolhimento caloroso. O modo como quis receber, se procurou ser formal, logo ganhou calor de comunicabilidade e identidade no que respeita ao desejo de paz. É interessante referir que o presidente da República é eleito e considerado como acima de todas as forças partidárias, representante do povo islandês, e a título vitalício. É a modos de um rei que foi eleito, e que é também — e só ele — uma dinastia! Acrescente-se que nunca algum presidente da República foi vítima de «regicídio», pois a única vítima de problemas políticos na Islândia foi o tal bispo que veio de fora querer fazer política, e morreu afogado...

A reunião, depois de apreciar um certo número de relatórios de introdução, e de os discutir, resolveu formar três comissões de redacção para três documentos. Um, que corresponderia ao objectivo da convocação da reunião, apresentando as propostas de temas a discutir em Outubro, sobre a cooperação e segurança europeias; outro, de posição perante o «momento islandês»; um terceiro, que represente um apelo, mais uma chamada a seguir a outras, e a preceder muitas outras, que convocam quem se deseje incluir entre

Continua na pag. 17

COMUNICADO

(Reunião preparatória sobre a segurança europeia com vista ao Congresso Mundial das Forças de Paz, Reykjavik, 4-5 de Junho de 1973)

A discussão revelou alterações essenciais na atmosfera política da Europa e muito importantes modificações na opinião pública. Também foi anotado que, devido à acção das forças de paz, acções populares e tendências realistas na política de um crescente número de governos, se criam condições favoráveis para consolidar o processo em curso para o estabelecimento de um efectivo sistema de segurança na Europa.

As consultas preparatórias da Conferência de Estados, em Helsínquia, produziram resultados positivos. A própria Conferência deverá ter o seu começo no princípio de Julho. Assegurar o êxito desta conferência é o agora o principal fito dos povos europeus que desejam o estabelecimento de segurança e cooperação no continente.

A segurança colectiva é uma garantia, para os povos europeus, de coexistência pacífica no continente e de abertura para mais extensas perspectivas de cooperação para a paz com iguais direitos para as nações.

Os participantes na reunião de Reykjavik apelam para todas as forças políticas e sociais que têm o destino da Europa no seu espírito para agirem para que o seu continente — fonte de duas guerras criminosas — se transforme definitivamente num continente de paz, assim contribuindo para a paz mundial e a segurança. Os participantes convidam todas as forças a multiplicar as suas muito diversas iniciativas para que o desenvolvimento do desanuviamento na Europa não seja impedido, e para que novas contribuições apareçam para o estabelecimento de segurança e cooperação.

apa iluminação e decorações, lda

Representa as melhores marcas estrangeiras. Fabrico seleccionado. Modelos clássicos e modernos. Vende por intermédio das boas casas da especialidade.

Visite-nos na FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

AO SERVIÇO DO PROGRESSO TECNOLÓGICO EM PORTUGAL

A firma portuense ED. FERREIRINHA & IRMÃO, apresenta na Feira Internacional de Lisboa, a sua gama total de fabricação, agora acrescida de máquinas-ferramentas com comando numérico (automação de fabrico de séries pequenas).

Expõe também um novo tipo de torno paralelo, bem como o seu recente tear circular com seis fiadeiras.

Pavilhão BB — Sector 35 — Stand 1113/35

omnia

MOBILIÁRIO PARA HABITAÇÃO
PRODUZIDO POR ARTUR CAMPOS, LDA.

FÁBRICA: RUA JOÃO DE OLIVEIRA MIGUENS, 38 A 48 — TEL. 66 77 61 / 66 60 04 — LISBOA

LOJA: RUA DO CONDE REDONDO, 89-C

DL/ESTRANGEIRO

Vietname: cessar-fogo total a partir de amanhã

PARIS, 14 (R.) — O regime de Saigão e o Vietcong comprometeram-se a dar hoje ordens idênticas, pedindo a paralisação das actividades militares no Vietname do Sul e um cessar-fogo total, que começará a vigorar a partir de amanhã.

Esses são os pontos principais do comunicado anunciado ontem em Paris pelos Estados Unidos, Vietname do Norte e as autoridades rivais sul-vietnamitas, destinado a manter o abalado pacto de paz no Vietname.

O comunicado proíbe quaisquer movimentos de tropas, que alargariam a área de domínio de qualquer das partes sul-vietnamitas, e que os Estados Unidos e o Vietname do Norte introduzam efectivos ou conselheiros militares no Vietname do Sul.

Contudo não foi marcada uma data para as eleições gerais no Vietname do Sul e o comunicado não estabelece quaisquer cláusulas para a suspensão das hostilidades no Camboja e no Laos.

O conselheiro presidencial americano, dr. Henry Kissinger, que negociou o novo acordo com o membro do Politburo de Hanói, Le Duc Tho, manifestou esperanças cautelosas de que a declaração conjunta pode, na verdade, acabar com a luta no Vietname.

O dr. Kissinger disse numa conferência de Imprensa, após a assinatura do comunicado: «Há nova esperança e, esperamos, um espírito novo».

O Governo do presidente Nguyen Van Thieu do Vietname do Sul, que tem sido considerado o principal obstáculo para se chegar a um acordo, acolheu com agrado o comunicado, mas disse que o pacto de paz de 27 de Janeiro era ainda a base principal para se estabelecer a paz no Vietname.

LAOS E CAMBOJA

Em Washington, observadores políticos afirmaram que o acordo concluído em Paris entre os Estados Unidos e Hanói sobre a conservação do frágil cessar-fogo no Vietname não deve provavelmente convencer o Congresso de que a pazéstá mais perto do resto da Indochina.

A oposição no Congresso à continuação dos bombardeamentos americanos no Camboja mantem-se inabalável. O Congresso mostra-se igualmente ansioso em ver a concretização política do cessar-fogo no Laos.

Círculos diplomáticos disseram que a referência ao Camboja e Laos no comunicado assinado ontem em Paris não parecia tratar muito mais da situação do que o fez o acordo do cessar-fogo de Janeiro passado.

Fontes governamentais afirmaram, por seu turno, verem pouca possibilidade do Congresso mudar de atitude e de não votar contra o fornecimento de mais dinheiro para continuarem os bombardeamentos no Camboja.

As mesmas fontes disseram ainda ser duvidoso que o novo acordo ajudasse a encongrar um substituto para o Canadá na comissão internacional de fiscalização, que controla o cessar-fogo.

O Canadá anunciou que se vai retirar da comissão no fim do próximo mês. Os outros membros da C.I.F. são a Indonésia, Hungria e Polónia.

Julga-se que se contactou com vários países, considerados possíveis sucessores, entre eles o Brasil, Noruega, Malásia, Singapura e Dinamarca, e que as pesquisas continuavam ainda.

Um pastor protestante conforta a sra. Eleonor McFadden, enquanto ela embala a filha de três anos que recebeu graves ferimentos faciais em consequência da explosão de um carro-bomba em Colleraine, na Irlanda do Norte. (Telefoto UPI/Telimprensa/DL)

Marlon Brando acusado de agressão

NOVA IORQUE, 14 (R.) — O fotógrafo Ron Galella, especializado em surpreender celebridades em plena rua, declarou aos jornalistas que na terça-feira à noite foi agredido a soco por Marlon Brando e sofreu fractura do maxilar inferior.

«Ele não me disse uma palavra — afirma Galella — dirigiu-se a mim e deu-me um soco na cara que me fracturou o maxilar. No hospital tiveram de me colocar arames e segurar o osso e agora nem sequer consigo mastigar».

O fotógrafo, que teve uma disputa nos tribunais com Jacqueline Onassis no ano passado por persegui-la na rua, disse que tinha seguido Brando até ao bairro chinês, onde o incidente teve lugar, depois de o actor ter aparecido no programa de televisão de Dick Cavett.

Os jornalistas não conseguiram entrar em contacto com Marlon Brando para ouvirem a sua versão dos factos, mas a secretária de Dick Cavett confirmou ter havido um incidente com o fotógrafo.

No hospital de Bellevue também confirmaram que Galella recebeu ali tratamento, mas recusaram-se a revelar a natureza da lesão sofrida.

Brando tinha acedido a fazer uma das suas raras aparições na televisão para falar sobre a causa dos índios e comentando esse facto Galella disse: «Não consigo percebê-lo. Ele critica a forma como as pessoas tratam os índios e agora vejam a forma como ele trata os fotógrafos».

Conselho do Atlântico: núvem sobre a aliança

COPENHAGUE, 14 — (R) — Os ministros dos Negócios Estrangeiros do Pacto do Atlântico começam hoje a planear a sua estratégia para as duas séries de negociações entre o Leste e o Oeste — sobre segurança europeia e àcerca de reduções de efectivos militares na Europa Central.

O Conselho Ministerial da Organização do Tratado do Atlântico Norte (NATO), na sua sessão de dois dias nesta capital, decidirá como a primeira fase de uma conferência de 34 países sobre segurança europeia, que começa em 3 de Julho, em Helsínquia, deverá ser tratada.

Embora ministros da NATO se mostrem reservadamente optimistas acerca de novo progresso quanto a um acordo entre o Leste e o Oeste na Europa, paira uma nuvem sobre a própria aliança por causa da disputa anglo-islandesa sobre limites de pesca.

Os ministros estudarão as recomendações dos embaixadores dos Estados Unidos. Canadá e de 32 naçoes europeias, que acabaram de completar os preparativos da conferência sobre segurança, na qual a União Soviética tem mostrado grande empenho.

O secretário geral da NATO, dr. Joseph Luns, afirmou a noite passada que as conversações preparatórias «produziram resultados satisfatórios ao seguir os objectivos que os aliados preconizaram para si próprios».

Os ministros darão também directrizes aos seus funcionários quanto a posições aliadas nas próximas negociações entre países do Pacto de Varsóvia e da NATO sobre reduções mútuas e equilibradas de força (MBFR) na Europa Central.

A perspectiva de nova melhoria nas relações entre o Leste e o Oeste será discutida quando o chefe do Partido Comunista soviético, Leonid Brejnev, chegar na próxima segunda-feira aos Estados Unidos para travar conversações com o presidente Nixon.

A admissão das duas Alemanhas nas Nações Unidas, a seguir à entrada em vigor de um tratado de boa vizinhança entre Bonn e Berlim Leste, está iminente.

O interesse diplomático faca-se sobre até que ponto o ministro islandês dos Negócios Estrangeiros, Einar Agustsson se referirá no seu discurso à disputa sobre limites de pesca com a Grã-Bretanha.

O secretário-geral da NATO ofereceu os seus bons ofvios para tentar que reconecem as negociações anglo-islandesas para se encontrar uma solução provisória, que se acham num impasse. O dr. Luns teve a noite passada um adiscussão privada com sir alec, mas não há qualquer indicação sobre uma conferência bilateiral anglo-islandesa.

O dr. Luns descreveu a situação como «muito séria», a seguir ao envio de fragatas da marinha para proteger arrastões britânicos pescando dentro do limite de 50 milhas revindicado pela Islândia.

Na véspera da conferência da NATO, a Islândia informou formalmente os Estados Unidos de que pretendia uma revisão do seu pacto de defesa de 1951 nos termos do qual Washington mantém cerca de 3000 soldados na base aérea da Keflavik.

Cimeira Nixon-Brejnev: "progresso para a paz"

WASHINGTON, 14 (F.P. e R.) — O presidente Nixon declarou ontem à noite que a sua conferência cimeira com o dirigente soviético Leonid Brejnev, na próxima semana, contribuirá para se alcançar novo progresso em direcção à paz.

O presidente referiu-se de passagem à próxima visita de Brejnev quando falava pela televisão para anunciar o congelamento dos preços.

«Baseado nos meses de trabalho preparatório feito para este encontro e baseado nas consultas e na correspondência que temos trocado, posso confiadamente prever que do nosso encontro resultará novo e importante progresso no que diz respeito à redução das despesas com o armamento e à reduçao do perigo de guerra, bem como melhores e mais frutuosas relações entre os dois países mais poderosos do mundo» — disse Nixon.

Entretanto, o programa da visita ainda não foi anunciado oficialmente, afirmando-se do lado americano que não se trata de preocupações com segurança, mas por que não estão assentes todos os pormenores dos oito dias que dura a visita. Parece que é sobretudo o itinerário que Brejnev seguirá para ir de Washington, primeiro encontro com Nixon, até São Clemente, último encontro com o presidente americano. Em todo o caso, parece bem que Houston (centro espacial) será uma das etapas nesse itinerário.

CALEIDOSCÓPIO

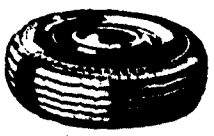
KOSSYGUINE VAI A DAMASCO? — Kossyguine, o presidente de Conselho soviético é esperado em Damasco no dia 4 de Julho — anuncia o jornal libanês «Al Nahar» citando «fontes diplomáticas seguras». Durante essa visita que se situa no âmbito das festas da última fase de barragem construída pela URSS no Eufrates, Kossyguinte falará a sós com Jasser Arafat, o chefe da resistência palestiniana (OLP) — indica também o jornal, que faz notar que Arafat, embora tivesse estado mais de uma vez em Moscovo, nunca foi recebido por um dirigente soviético. (FP).

Chi Peng-Fei em Teerão — O ministro dos Negócios Estrangeiros chinês Chi Peng-Fei, chega hoje a Teerão para uma visita oficial de três dias encarada como o último movimento dos esforço iraniano-chineses para se «darem a conhecer um ao outro». Peng-Fei é o primeiro dirigente chinês a realizar uma visita oficial ao Irão desde que os dois países estabeleceram relações diplomáticas há dois anos, e as suas conversações aqui sobre assuntos bilaterais deverão levar a expansão dos laços entre Pequim e Teerão. (R).

CAPITALISTA FUGITIVO — O capitalista Robert Vesco foi novamente acusado nos EUA de atitude fraudulenta, nomeadamente de ter pedido emprestado a uma companhia de artigos electrodomésticos sob o seu controle a contribuição de duzentos e cinquenta mil dólares que deu para a campanha do presidente Nixon e de a seguir haver tentado que essa companhia o reembolsasse. As acusações formuladas pelo Grande Júri Federal são as últimas de uma série contra Vesco, de 37 anos, que tem estado a viver na Costa Rica e nas Bahamas, desde as primeiras acusações, em Maio. (UPI e AN).

Limpeza e restauro de carpetes

Consulte os serviços técnicos da FÁBRICA DE TAPEÇARIAS SULTÃO. Pedidos aos escritórios: R. Conde de Redondo, 64, 2.º, dt.º Tel. 5 92 88.
ORÇAMENTOS GRÁTIS



NOVOS E USADOS
COMPRA E VENDA
RECAUCHUTAGEM
Alinhamento de direcções — Calibragem de rodas
Especializado em pneus de camion
AUTO MODELAR ALAMEDA, LDA.
Alameda das Linhas de Torres, 151-C
Telefs. 79 10 70 / 79 27 81

A. OLIVEIRA
ELECTRODOMÉSTICOS
Av. Almirante Reis, 91 A
Rua Angelina Vidal, 63 | Lisboa

GIL - OCULISTA, LDA.
FUNDADA EM 1865
R. DA PRATA, 138-140 — LISBÔA-2
Receituário Médico
Fornecedor de Caixas de Previdência
Aparelhos de Precisão

DL/GERAL

"TRATAMENTO DE CHOQUE"

CONFISSÃO DE MALOGRO DA POLÍTICA ECONÓMICA DO PRESIDENTE NIXON

WASHINGTON, 14 (R) __ O presidente Nixon impôs a noite passada um congelamento de preços, por 60 dias, sobre virtualmente todos os produtos dos Estados Unidos, aplicando um dramático «tratamento de choque» para combater um novo ressurgimento da inflação no país.

Foi o segundo congelamento de preços decretado por Nixon em menos de dois anos e representa um grande esforço para conter a subida em espiral dos preços e combater ataques do dólar, outrora poderoso, mas que foi desvalorizado recentemente por duas vezes.

O presidente afirmou num discurso transmitido pela televisão para todo o país que o congelamento, que entra em vigor imediatamente, abrange todos os preços pagos pelos consumidores.

A decisão de Nixon de congelar os preços durante 60 dias é a confissão do fracasso da sua política anterior para combater a inflação, introduzida em Janeiro passado, que dependia de moderação voluntária quanto a preços e salários.

Os únicos preços não afectados são rendas de casa e produtos agrícolas crus. Mesmo apesar de agricultores poderem onerar ainda mais os seus produtos, não será permitido que quaisquer aumentos sejam transmitidos ao consumidor.

O forte remédio de Nixon para tratar de uma nova vaga de inflação __ que tem feito subir os preços dos consumidores a uma média anual de mais de 9 por cento __ destinava-se, também, a aumentar a confiança do dólar.

A moeda americana, que funcionários de Washington acreditam ser basicamente forte, tem sido sujeita a feroz ataque no estrangeiro, devido a incertezas causadas pelo escândalo Watergate e à crença de que o governo de Nixon está a revelar fraqueza no seu combate contra a inflação.

A decisão de Nixon de pôr um tampão sobre virtualmente todos os preços, mantendo-se nos seus níveis, da primeira semana de Junho, foi uma medida mais dura do que a maioria dos funcionários economistas tinha previsto.

O presidente não agiu no sentido de fiscalizar os preços, que, observou, não têm aumentado a uma média inaceitavelmente rápida, mas tornou claro que os sindicatos devem continuar a revelar moderação nas suas reclamações de salários se desejam escapar a controlos obrigatórios quanto a ordenados.

Nixon pediu ao Congresso para lhe conceder com urgência autoridade para reforçar a fiscalização sobre a exportação de víveres, de forma a que os produtores não se voltem para os mercados estrangeiros para fugirem ao congelamento dos preços.

Ao ordenar o congelamento dos preços nas suas medidas de princípios de Junho, Nixon prometeu, também, ordenar que sejam anulados aumentos de preços, que se registaram já este ano, se se apurar que excederam já um aumento de 1,5 por cento das suas médias de Janeiro.

O Congresso acolheu geralmente com agrado a decisão de impor um comgelamento dos preços, embora alguns democráticos se queixassem de que a medida deveria ter sido aplicada há três meses.

O senador William Proxmire, um democrático do Wisconsin que tem considerável influência em assuntos económicos, declarou: «A decisão do Presidente de impôr um congelamento foi o remédio certo, dramático e defensivo; justamente o que temos pedido no Congresso durante os últimos três meses».

O congressista Carl Albert, democrático por Oklahoma, presidente da Câmara dos Representantes, acolheu a acção do presidente, mas observou: «A minha única reserva é a de que se regista demasiado tarde e receio que possa não ser o bastante».

O secretário do Tesouro, George Shultz, que descreveu o congelamento como um «tratamento de choque», declarou numa conferência de Imprensa na Casa Branca que todos concordavam que o sistema de moderação voluntária fora um malogro. «Não vamos discutir acerca disso» __ comentou.

Nixon anunciou que o congelamento de preços seria seguido por novas fiscalizações económicas, que ainda têm de ser formuladas.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Joaquim dos Santos __ MONTEMOR-O-VELHO

MOÍNHOS DE VENTO PODERÃO COMPETIR COM CENTRAIS ATÓMICAS

WASHINGTON, 14 __ (UPI-ANI) __ Os moinhos de vento poderão dentro em pouco tornar-se sérios competidores das centrais nucleares, como solução para a crise energética mundial e, concretamente, para a carência que ameaça os Estados Unidos.

A era dos combustíveis fósseis entrou em decadência e elementos tão simples como o vento, as nascentes de água quente e o sol, começam a ser levados em conta como substitutos do carvão e dos derivados do petróleo.

De facto, 95 por cento da actual produção energética dos Estados Unidos tem como base os combustíveis fósseis 4 por cento as centrais hidroeléctricas e um por cento as centrais nucleares.

Sob a perspectiva de uma reserva energética potencial suficiente para 200 anos, os técnicos norte-americanos começaram a estudar a fundo as alternativas __ tais como o vento, o sol e a água, bem como o vapor, que a acompanha à saída dos poços subterrâneos.

Para isto é necessário que se desenvolva uma nova tecnologia, que permita utilizar novas fontes de energia, como a força geotérmica, a energia solar, a fissão nuclear e o vento, e que leve à liquefacção e gaseificação do carbono.

A NASA encarregou Franck Rom de realizar uma extensa investigação sobre a capacidade dos moinhos de vento __ ou geradores de vento, como seriam denominados de acordo com a actual terminologia __ para repetir, em proporções industriais, o êxito obtido pela Dinamarca em 1890, quando, pela primeira vez, foi utilizado um moinho de vento para produzir electricidade.

Rom é de opinião que o vento possui energia suficiente para abastecer de electricidade metade da população dos Estados Unidos, com os serviços e as industrias correspondentes.

O maior problema a enfrentar pelo projecto é a necessidade de construir moinhos suficientes para produzir o mesmo que uma central eléctrica normal __ cerca de mil megavatios. Para isso, Rom sugere que se construam moinhos de dez megavatios, perto de linhas de transmissão semelhantes às já existentes. Bastaria, assim, instalar três moinhos por quilómetro.

Este sistema aliaria à economia a vantagem de não provocar a poluição dos dispositivos geotérmicos.

ESPIRAL 20/73

PHILIPS

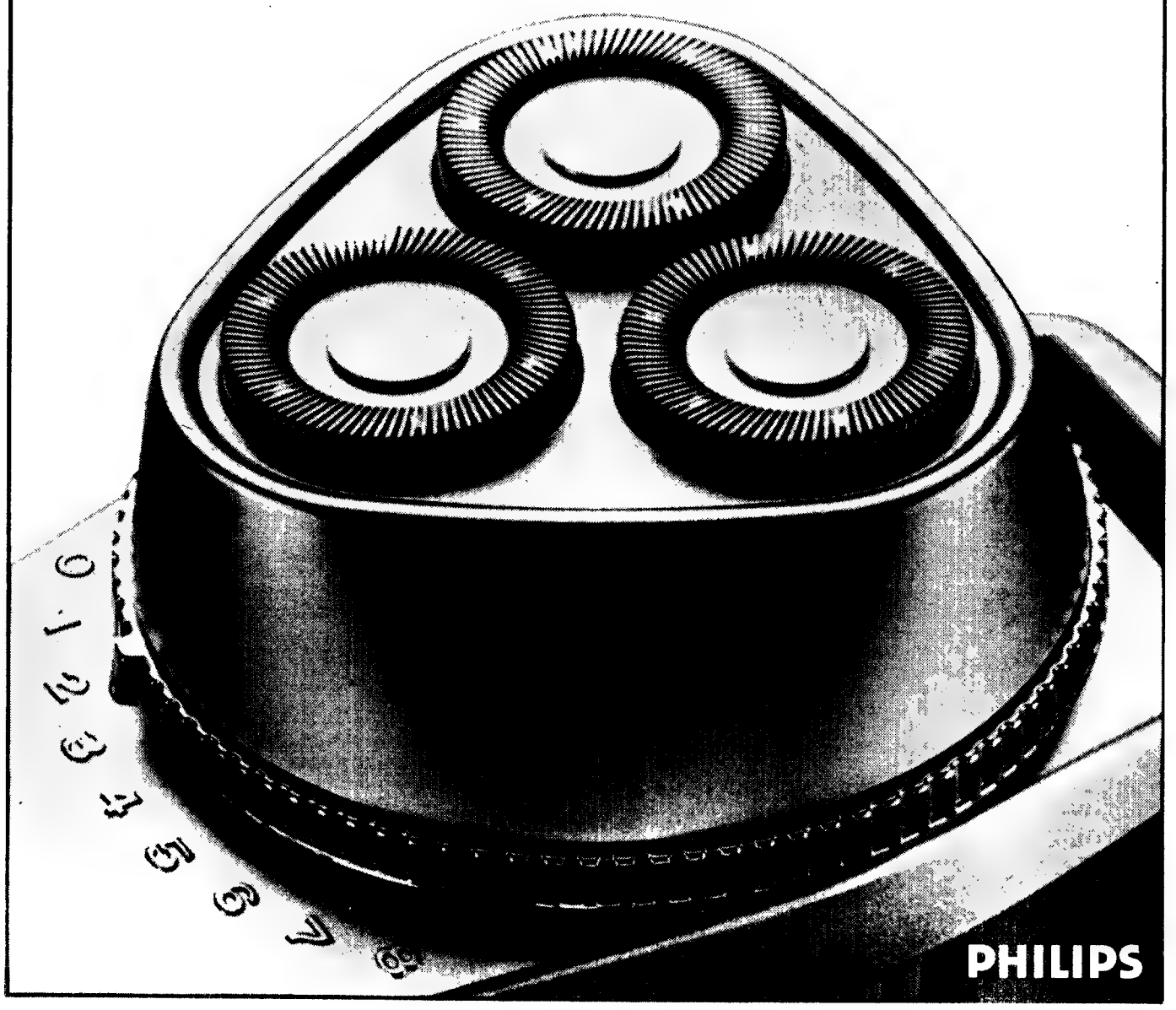
faça a barba por medida
com a nova philishave ajustável

Regulável em 9 posições diferentes, a nova Philishave Exclusive 90 Super adapta-se de modo pessoal e intransmissível à sua barba do momento.

À medida exacta do seu tipo de pele. À medida exacta da rijeza da sua barba. À medida exacta da frequência do seu barbear. 270 ranhuras (90 por cada super-cabeça flutuante) constituem uma prova renovada – e regulável – da evolução do sistema de acção rotativa Philishave

Para um barbear perfeito, confortável e personalizado, prefira a nova Philishave Exclusive 90 Super, com corta-patilhas e bigode.

philishave exclusive 90 super
Para homens exigentes – Exclusivamente.



COMANDANTE

TOMAZ DA CUNHA RODRIGUES CANCELA

A DIRECÇÃO DA JUNTA CENTRAL DAS CASAS DOS PESCADORES participa que, amanhã, dia 15, pelas 10 horas, na Capela Privativa da Escola Profissional de Pesca «Prof. Dr. Gonçalves Proença», em Pedrouços (Doca de Pesca), será celebrada missa pelo eterno descanso do seu dedicado colaborador, agradecendo a todas as pessoas que se dignem participar neste piedoso acto.

DL/NACIONAL

Suspensos oito estudantes nas Belas Artes

Oito alunos da Escola Superior de Belas Artes acabam de ser suspensos, pelo respectivo director, de frequentarem, por 90 dias, aquele estabelecimento de ensino até instauração pelas autoridades académicas competentes de processos disciplinares.

Cada um dos estudantes havia recebido na respectiva residência uma comunicação do chefe da Secretaria da Escola que os informava deverem apresentar-se «o mais urgentemente possível nesta Secretaria a fim de tomar conhecimento de sanção disciplinar que lhe foi aplicada».

Foi-lhes então apresentado um documento assinado pelo director e que diz: «**Auto levantado por atitudes de indisciplina, perturbação de funcionamento dos exames finais da disciplina Geometria Descritiva e Teoria das Sombras com manifesto desrespeito para com o director da Escola e professores, arquitecto Carlos da Silva Pinheiro e Eduardo Paulino, com particular incidência nos estudantes Antonio Maria Fonseca de Cerveira Pinto e Maria da Paz Ventura Campos Lima — esta aluna de pintura — com o exame que se estava a processar. Enquanto se não solicita às autoridades competentesa instauração de processo disciplinar, determino que sejam suspensos com proibição de acesso às instalações escolares, por 90 dias os seguintes alunos...».**

Seguem-se os nomes dos estudantes visados yue, para além dos já citados, são: Tomás Olavo d'Eça Leal, Maria Cristina de Oliveira Moreno, António Paulo de Andrade Durão Fialho, Henrique Daniel Carvalho Fchreck, Vasco Manuel Goulão Câmara Pestana e Maria Paula Sá Pereira Pinto.

Os oito alunos constituiram advogado o dr. Salgado Zenha e vão reclamar graciosamente para as entidades académicas além do recurso hierárquico para o Ministério da Educação Nacional.

EM ENTRECAMPOS continua o espectáculo favorito do povo da capital

A
FEIRA POPULAR
DE LISBOA

A favor da Colónia Balnear Infantil de «O Século»

Montanha Russa — Carrosséis — Pista de Automóveis — Barcos — Tiro e muitas outras diversões

PAVILHÕES E STANDS
DAS MAIS CONCEITUADAS FIRMAS

Restaurantes — Cervejarias — Esplanadas — Cafés — Adegas — Sumos e Farturas — Sorteios, etc.

— ABERTURA ÀS 19 HORAS —

motor revista

Um aspecto da sessão de trabalhos

Grupo de cirurgiões ortopédicos britânicos visita Lisboa

Deslocou-se a Lisboa, em viagem de estudo, um grupo de cirurgiões ortopédicos britânicos, pertencentes ao Sir Frank Holdsworth Orthopaedic Club, grupo este chefiado pelo seu Presidente Prof. Frank Whitehead Taylor, professor de Ortopedia da Universidade de Sheffield.

Em cumprimento do programa já estabelecido, iniciado nos dias 11 e 12 com uma visita aos Serviços de Ortopedia do Hospital de Santa Maria, realizou-se ontem uma visita ao Hospital da Companhia de Seguros Tranquilidade.

Os visitantes foram recebidos na Sala da Administração pelo Exm.º Sr. Dr. Mário Thomaz da Costa Roque, Director Clínico da Tranquilidade, que em seu nome e no da Administração, proferiu algumas palavras de boas-vindas e, aproveitando a coincidência das Comemorações do 6.º Centenário da Aliança Luso-Britânica, referiu a íntima ligação que, desde sempre, houve entre as Escolas de Cirurgia Ortopédica Britânica e Portuguesa.

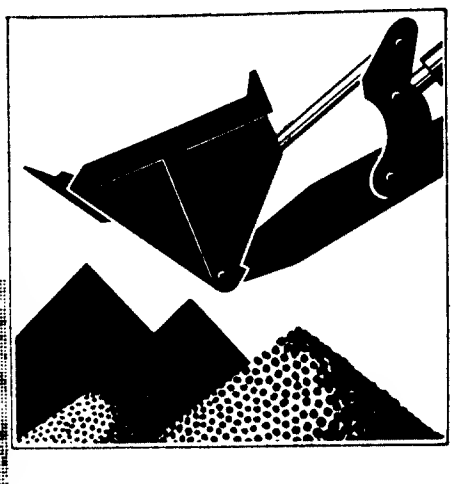
Iniciaram-se, depois, os trabalhos técnicos com a apresentação de casos de doentes, devidamente documentados e observação de cerca de 80 hospitalizados para análise de casos clínicos, métodos de tratamento e tipos de instrumentos utilizados.

A finalizar fez-se a apreciação do valor dum arquivo clínico que permite a análise por meios mecanográficos, trabalho feito com a colaboração do Centro Mecanográfico da Tranquilidade.

Todos os trabalhos foram orientados pelo Serviço de Ortopedia-Traumatologia da tranquilidade, chefiado pelo Exm.º Sr. Dr. Joaquim Paiva Chaves, e a eles assistiram, também, todos os restantes Clínicos da Companhia e Clínicos da Província especialmente convidados.

Após esta visita e para finalizar os seus trabalhos em Lisboa, os componentes do Sir Frank Holdsworth Orthopaedic Club visitam hoje, o Serviço de Ortopedia-Traumatologia do Hospital do Ultramar, regressando seguidamente a Inglaterra.

Movimentar terras com Fiat custa menos



Em todas as actividades de movimentação de terras e na indústria extractiva as mais avançadas máquinas, substituiram equipamentos antiquados, diminuiram a fadiga e o perigo para o trabalhador e estão na base de todo o ciclo produtivo. Para reduzir os custos das empresas a FIAT propõe a versatilidade das suas máquinas que garantem o máximo rendimento mesmo em condições extremas de trabalho.

Os resultados demonstram que a solução mais adequada para reduzir custos de movimentação de terras é a máquina industrial FIAT.

FIAT

J. J. GONÇALVES, SUCRS. C. I. S. A. R. L.
DIVISÃO DE MÁQUINAS AGRÍCOLAS E INDUSTRIAIS

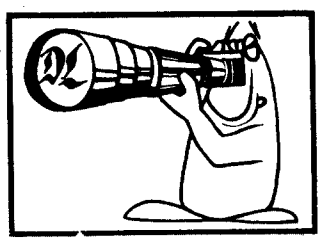
AZINHAGA DOS LAMEIROS (AO PAÇO DO LUMIAR) — LISBOA — 4 — TELEFONES 794095/6/7/8
AVENIDA VILLAGARCIA D'AROSA, 1026 — MATOSINHOS — TELEFONES: 931074/5/6
FILIAIS EM ÉVORA E SANTARÉM

72FAI — 03

A presença portuguesa no Pacífico

Na sede da Sociedade de Geografia de Lisboa, o dr. Edgar C. Knowlton Junior profere amanha. às 18 e 30, uma conferência subordinada ao tema «A presença portuguesa no Pacífico: Hawai; Malaca e áreas adjacentes» e que será ilustrada com a projecção de dispositivos.

A entrada é livre.



DL/GERAL

SOB O SIGNO DA PROMOÇÃO SOCIAL E DO DESENVOLVIMENTO

Continuação da pag. 11

que existe onde cada um traga voluntariamente e com satisfação o melhor contributo consentido pelas suas faculdades, na medida delas participe activamente na respectiva condução e todos sintam receber, com o respeito da sua dignidade e a solicitude pela sua condição pessoal e familiar, o justo prémio dos seus esforços, o reconhecimento da sua dedicação e a participação equitativa nos frutos do trabalho em comum. São aspirações profundas dos nossos tempos, como requisitos essenciais da dignidade do trabalho e da nobreza da condição de trabalhador, e está posto à livre empresa o desafio de demonstrar que é no seu seio, melhor do que no de qualquer outra formulação dos instrumentos de produção, que o ideal poderá alcançar-se.

Se a nossa Companhia se mantivesse tão afastada dele que não conseguisse, dos seus quadros e empregados permanentes, lealdade suficiente para vencer o constante aliciamento e pressão psicológica do ambiente em favor de acções contrárias à segurança e integridade do património e valores explorados; ou que não lograsse suscitar-lhes o interesse e o entusiasmo indispensáveis à radical modernização técnico-económica da laboração e à extensa e profunda transformação socio-profissional que lhe é inerente; ou que não pudesse despertar-lhes a devoção exigida pela obra multifacetada de desenvolvimento comunitário e promoção social que se viu ser inadiável — se um tal espírito de missão não pudesse gerar-se e permanecer vivo, tanto bastaria para concluir que já não estaríamos à altura da tarefa que a comunidade nacional, ao entregar-nos e manter-nos a concessão, nos confiou. Não faltaria quem se apressasse a reconhecer a inabilidade da livre empresa para responder ao desafio, e logo despontariam no horizonte fórmulas, mais veladas ou mais declaradas, de nacionalização, talvez paradoxalmente associadas, sob pressão demagógica, a tendências liberalizadoras em favor de pequenas explorações. (Que por essa via se complicassem os problemas e se deitasse a perder a riqueza comum, mostra a experiência de outros países não ser motivo bastante para a afastar).

PROMOÇÃO SOCIAL E POLÍTICA DE RELAÇÕES HUMANAS

Estamos, portanto, mais uma vez, perante um problema vital. E temos que o olhar e o meditar à luz das realidades socio-culturais do presente, pois é para essas realidades, e para os homens que as vivem, que, exclusivamente, importa sejam válidas as soluções encontradas. Quando cerca de três quartos dos nossos quadros têm menos de nove anos de serviço na Companhia, seria estéril que nos detivessemos a recordar o muito que ainda devemos à extraordinária devoção ou «carolice» de um punhado de sobreviventes dos tempos heróicos do pioneirismo na Lunda, como seria fútil a busca de fórmulas de multiplicação artificiosa e efémera da sua capacidade de enquadramento, ou de reprodução, já sem eco, das motivações que foram, no passado, capazes de suscitar. O ambiente mudou e os homens mudaram, e é nele e para eles que serão boas ou más, verdadeiras ou falsas, as soluções a encontrar, consoante saibam ou não responder às suas aspirações e às novas motivações delas necessariamente decorrentes.

Haverá de não esquecer-se que, na sociedade contemporânea, a incapacidade de entender e de responder da mor parte dos dirigentes conduziu a crescente e preocupante desinteresse e alheamento dos elementos jovens relativamente às actividades produtoras, expressos nos países do ocidente por elevado grau de absentismo, ou até pela marginalidade total, e que a própria disciplina férrea dos países socialistas não consegue senão parcialmente reprimir. Sem dependência do que nos apraza pensar, esta é uma situação de facto e generalizada, e tolos seriamos ignorando-a. Porém, se, em contrapartida, notarmos que os mesmos jovens, entre os quais terão cada vez mais de recrutar-se os nossos quadros, sentem profundamente as aspirações que enumerámos como dignificantes do homem e do trabalho; são particularmente sensíveis à sinceridade e coerência de atitudes; apreciam os comportamentos que reflectem preocupação pela pessoa de todos e de cada um dos servidores da empresa; pretendem clara definição e inteligência do trabalho que lhes cabe e da forma por que se integra no conjunto, da dependência e autoridade em que se encontram e da responsabilidade e autonomia que tenham; anseiam pela possibilidade de diálogo e de trabalho em equipa; respondem com generosidade e entusiasmo a toda a solicitação de contributo desinteressado para iniciativas de carácter social ou cultural; desejam participar activa e responsavelmente na condução dos problemas e da vida da sua empresa, de cuja filosofia e objectivos querem ter lúcida consciência e sempre actualizada informação, — teremos um quadro francamente positivo de motivações actuantes, ao qual é possível, e importa sobremaneira, conformar a estrutura das relações de trabalho e o esquema de comportamentos e incentivos dentro da empresa. É precisamente neste quadro, do presente e do futuro, que me parece bem vincada a superioridade total da livre empresa, na flexibilidade, na humanidade e na liberdade dos procedimentos, que na sua disciplina facilmente são acomodáveis, em contraposição à rigidez burocrática e centralista, fria e inalterável, ao tratamento igualitário de entes desiguais, à exclusão da subtileza e do sentimento, que são, e têm de ser, atributo das estruturas estatais e colectivistas. Sob condição, evidentemente, de a empresa não renunciar a ser livre e de homens livres, e não ceder à tentação do centralismo burocrático, bem forte nas de grande dimensão, sob o pretexto de esquematizar para simplificar, só verdadeiro quando se pudesse dizer que os homens, se reduzidos à condição de simples componentes de uma grande engrenagem material, seriam mais fáceis de conduzir, bastando, se necessário, coagi-los ou lubrificá-los suficientemente — o que os tempos vão contestando cada vez mais.

Quanto a nós e à nossa Companhia, nas circunstâncias difíceis, tanta vez adversas, física e moralmente arriscadas, em que por homens isolados, sem mais defesa, ou vigilância, ou juiz, do que a própria consciência, têm de ser conduzidas actividades ou guardados bens da mais alta importância e valor, a determinante fundamental do êxito ou do insucesso há-de necessariamente buscar-se em critérios morais, que nem o dinheiro compra nem o temor inculca. Mais do que os níveis absolutos da remuneração, ou do que o rigor das fiscalizações, e sem embargo de tudo quanto se fará para reduzir a exposição das pessoas a riscos indevidos, é do ambiente de relações humanas e de trabalho na empresa, da autenticidade, da dedicação e entusiasmos postos ao serviço de uma obra que sintam transcender de muito o simples objectivo económico e de que se sintam participantes responsáveis, que teremos de fiar a lealdade e a produtividade dos nossos colaboradores.

Se dentro desta orientação não são certamente os encargos com remunerações directas que nos podem causar preocupação, mas os problemas humanos inerentes às inovações indispensáveis, será prudente, todavia, advertir que volumosos encargos terão de aceitar-se com programas de realojamento, de preparação escolar e profissional, de ordenamentos urbanos, de abastecimentos de electricidade e de água e de saneamento, de armazenamento e distribuição de produtos alimentares, de novas formações sanitárias, de transportes colectivos, de instalações culturais e recreativas, etc. — de tudo quanto vise à melhoria de qualidade da vida, sobretudo dos elementos autóctones promovidos profissionalmente e que seria, pior do que injustiça, simples loucura não fazer ascender socialmente com os seus familiares. Escalonadamente, mas com firme determinação, limitados apenas pela capacidade construtiva local, teremos de avançar com rapidez neste sector, para que não suceda que se nos torne materialmente impossível, por indisponibilidade de elementos humanos merecedores da necessária confiança, conduzir aceitavelmente as nossas actividades de produção.

Permita-se-me, por último, repetir, acentuando-o, que a realização deste vasto plano de subordinará à salvaguarda do equilíbrio financeiro da Companhia e da justa remuneração do capital accionista. Enquanto subsistirem as actuais condições da indústria, as limitações humanas da sua exequibilidade situá-la-ão, aliás, muito abaixo do consentido pelas de ordem financeira.

PALAVRAS FINAIS

Meus Senhores:

Tanto quanto o consentia o carácter desta reunião, e abusando certamente da vossa paciência, procurei inteirar-vos da presente problemática social na zona das nossas Explorações, dentro e em redor delas.

A importância decisiva destes problemas e da forma por que os saibamos, ou não, enfrentar e resolver, para o futuro e até para a simples sobrevivência da nossa Companhia, justificam-me de os ter trazido ao vosso conhecimento e ponderação, tanto como o pesado encargo e responsabilidades, e as contingências, das vias que nos propomos seguir para a respectiva resolução. A oportunidade, tanto pelo menos como pela natural hierarquia dos problemas humanos, foi imposta pela acuidade de uma evolução que tem preocupado a própria administração pública e à qual, embora não artífices principais da sua génese estamos vitalmente interessados em trazer efectiva solução.

É nossa fundada convicção que com determinação persistente e espírito de serviço poderemos encontrar e realizar as fórmulas e os meios de resolução dos problemas que, envolvendo a participação activa e a co-responsabilidade dos interessados, se mostrem válidos para o tempo presente e capazes de promover cada qual a instrumentos eficaz do seu próprio progresso, numa comunidade solidária e pacífica.

Se tal vier a ser, como esperamos, o fruto do esforço em que andamos empenhados, teremos ganho mais um título de merecimento da concessão de que somos detentores e da confiança que, há mais de meio século, em nós depositou o Governo da Nação, sob cuja égide e clara directriz nos sentimos comprometidos, sem hesitações nem diferenças de ânimo, na obra ingente da valorização das terras portuguesas de Angola e da promoção social, acelerada mas autêntica, das suas gentes. Realizam-na dia a dia a inteligência, a competência e o espírito de missão de um corpo de colaboradores de escol que na remota Lunda, sob a protecção que lhe conferem, apenas, o nome respeitado da nossa Companhia e a sua própria coragem e prestígio, afirmam a legitimidade de uma presença e a capacidade realizadora e humana de um Povo. É justo que os lembremos ao encerrar esta referência à mais nobre das tarefas que lhes temos confiado.

Na Primavera (gelada) se prepara o Outono (talvez quente)

Continuação da pag. 13

os lutadores por uma situação de coexistência e paz, para o Congresso Mundial das Forças de Paz, em Outubro.

Para a reunião vieram oito representações de organismos internacionais, e delegados de 18 países europeus e dos Estados Unidos, num total de 40 participantes, além dos islandeses que, entre comités preparatórios, de delegações e participantes, fizeram mexer a reunião com mais de 25 pessoas.

No último dia os islandeses oferecem um passeio pelo país-ilha e haverá um jantar-recepção com o «ministro das pescas», em que (claro!) se irá voltar a ter a «guerra do bacalhau como parte importante do «menú». É programa que perdemos porque há deveres e necessidades a que não podemos fugir, e que temos de compatibilizar com a vontade de estar neste movimento, a contribuir como possível, mas, apesar de lamentarmos a falta que um bom convívio humano faz a quem trabalhou um pedaço, compensamo-nos a pensar que um «pic-nic» por estes lados, e com o tempo que faz, não deve ser nada agradável...

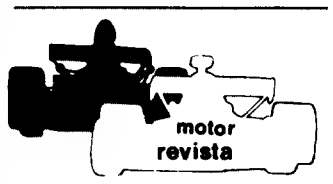
Na sequência desta (como antes desta) outras reuniões se farão para procurar que o «Congresso», em Outubro deste ano, seja uma manifestação de real força para conseguir concretizar ou levar a concretizar intenções. Se se pretendesse localizar de onde partiu a iniciativa, isso perderia sentido e significado porque outros quadrantes, que também desejavam e lutavam pela paz, acreditaram nas intenções de quem propunha trabalho conjunto, e nesse trabalho conjunto deixou de ser possível distinguir lugares, prioridades ou privilégios.

No mês de Outubro deste ano muitas coisas importantes se passarão. No plano internacional — e dizendo Outubro queremos dizer todo o Outono — aparece-nos nem menos que as negociações do G.A.T.T., que serão uma «partilha» de influências comerciais em que os Estados Unidos deram «cartas», essas mesmas cartas com outros caracteres (ou talvez nem isso) serão objecto da «cimeira atlântica», onde se calhar se incluirá o novo «atlântico» Japão, a Conferência de Segurança e Cooperação Europeias, a nível de Estados, deve estar a desenrolar-se, e os «homens da paz», nas suas várias organizações mundiais «ecuménicas», de estudantes, de eclesiásticos, socialistas de vários tons de vermelho, simples testemunhas individuais, contraporão uma manifestação que se prepara, mas em que a fase de preparação já se encontra de tal modo embalada que já é um pouco uma manifestação de força da vontade de paz.

Mas será esta manifestação de força aquela ingénua, e por vezes manobrada, vontade de pôr as coisas de acordo com desejos? Muito poderíamos escrever a partir de reflexões que tal pergunta-reflexão pode suscitar, mas talvez um exemplo o seja mais claro, sobretudo porque é um exemplo confrontado.

Em Reykjavik, Nixon lembrou uma viagem que teria feito por aquelas paragens por volta dos meios dos anos 50. Em Reykjavik, houve quem lembrasse uma passagem pela cidade mais de uma dezena de anos antes da de Nixon. Foi um francês que, em breve trecho de uma sua intervenção, disse por aqui ter passado para se juntar a compatriotas em Inglaterra, de onde partia para «descer em pára-quedas». No seu país, na sua terra ocupada, para a resistência dura e nada ingénua contra a violência, tantas vezes a única forma de lutar pela paz.

Nos últimos dias de Maio, princípios de Junho, Reykjavik é cadinho onde se prepara um Outono definidor.



ENTROU EM LEIXÕES O MAIOR NAVIO DA NOSSA MARINHA MERCANTE

Com um carregamento de 116 mil toneladas de ramas petroleiras de Rastanura, no Golfo Pérsico, para a Sacor, entrou pela primeira vez num porto metropolitano, em Leixões, o navio-tanque «Ortins Bettencourt», da Soponata, que com as suas 136.936 toneladas de porte bruto, é a maior unidade da marinha do Comércio nacional.

O novo petroleiro tem 273 metros de comprimento fora a fora, 42 metros de boca, um calado máximo de 17,5 metros e pode atingir uma velocidade de 16 nós. Dada a automação com que está equipado pode operar com uma lotação mínima de 30 tripulantes, do ponto de vista de segurança utiliza «gás inerte» nos tanques de carga e está preparado para a solução «load-on-top», internacionalmente usado na luta contra a poluição. Saliente-se que o navio está apetrechado com a classificação para navegar «sem ninguém na casa das máquinas».

A construção do «Ortins Bettencourt» insere-se num plano de expansão que inclui, na sua primeira fase, a aquisição de 4 petroleiros com um porte de cerca de 135 000 toneladas.

Os restantes três navios, cujos cascos foram, parcialmente, construídos na Margueira, estão a ser acabados na Suécia: são o «Marão», com entrega ao armador no passado mês de Maio, o «Montemuro», de entrega contratual em 28 de Novembro; e o «Marofa», que deverá ser recebido em 30 de Junho de 1974. Entretanto, no âmbito da segunda fase do seu plano de expansão, a Soponata já assinou uma «carta de intenção» para a encomenda de dois petroleiros de 313 000 toneladas de porte, com entregas previstas para 1976: o primeiro, em Março, terá o casco inteiramente construído nos novos estaleiros suecos, o segundo, que deverá estar pronto em Novembro, também de 1976, será construído inteiramente em Portugal. A Soponata tem programado construir mais 4 navios de 313 000 toneladas até 1980.

Com este empreendimento, orçado em 10 milhões de contos, pretende-se responder às necessidades criadas não apenas pela expansão da refinaria da Boa Nova, em Matosinhos, para os navios de 135 000 toneladas, mas também para a Refinaria do Sul, em Sines.

Fora da denominação tradicional que a Soponata tem posto nos seus navios, todos com nomes de serras portuguesas, o novo petroleiro ostenta o nome do almirante Ortins de Bettencourt, figura ilustre da vida nacional que se distinguiu como estadista, diplomata e marinheiro.

O almirante Bettencourt foi o primeiro presidente do conselho de gerência da Soponata, empresa a que deu o melhor da sua inteligência e da sua vontade.

Esta tarde, o senhor Ruy Seisal, presidente do conselho de gerência da Soponata, recebeu a bordo as mais altas individualidades civis e militares do Porto que foram convidadas para uma visita ao navio.

Elabore meios de vigilância

DL/GERAL

LAR DE SANTA LUZIA

Repouso
Conforto
Pessoas idosas

RUA VIANA DA MOTA, 40 · LISBOA 5
TELEFONE 72 98 10

CATÁLOGO da Exposição TURNER

De apresentação simples mas atraente, acaba de ser publicado pela Fundação Gulbenkian o catálogo da Exposição Turner, que, como na altura se noticiou, foi inaugurada pelo duque de Edimburgo nas galerias de exposições temporárias daquela instituição.

O volume, que reproduz algumas das principais obras de Turner, a cores e a preto e branco, inclui uma «introdução» escrita por «sir» Norman Reid, director da Tate Gallery, amplas notas biográficas do artista e um estudo de Andrew Wilton, conservador-assistente do departamento de Estampas e Desenhos do Museu Britânico.

VINHO VERDE
ADEGA COOP. DE BAIÃO

BAIÃO

branco
tinto
e
palhete

a perdigão

UM VINHO SUAVE DELICADO E DISTINTO, MARCADO PELAS CARACTERISTICAS ECOLOGICAS DE UMA REGIAO UNICA NO MUNDO!!!

UM VINHO PARA OS APRECIADORES

MINISTÉRIO DAS COMUNICAÇÕES

DIRECÇÃO-GERAL DE TRANSPORTES TERRESTRES

ANÚNCIO

Em cumprimento ao disposto no n.º 8 do programa de concurso para atribuição do primeiro contingente de novas licenças (280) para o exercício da indústria de transporte de aluguer em automóveis-táxi, na cidade de Lisboa, dá-se conhecimento de que a publicação da lista de classificação provisória dos candidatos será feita em suplemento à 3.ª série do «Diário do Governo» do dia 14 do corrente, tendo já sido enviada cópia da mesma, ao Sindicato Nacional dos Motoristas do Distrito de Lisboa.

Direcção-Geral de Transportes Terrestres, 14 de Junho de 1973.

O Engenheiro Director-Geral
Rui Pereira Correia

MUDANÇA DE INSTALAÇÕES

IMPRENSA NACIONAL-CASA DA MOEDA

(Empresa Pública)

Informa-se que, a partir do próximo dia 25 do corrente mês, os serviços de **CONTABILIDADE, GESTÃO FINANCEIRA, TESOURARIA** e **MECANOGRAFIA,** desta Empresa Pública, são transferidos das instalações da Rua de D. Francisco Manuel de Melo, 5, em Lisboa, para as novas dependências a funcionar na **AV. DR. ANTÓNIO JOSÉ DE ALMEIDA,** (extinta CASA DA MOEDA), também em Lisboa, com os telefones

77 31 81 77 01 72 77 64 27
77 31 82 77 40 68 77 64 34

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO

QUARTEL MESTRE GENERAL
DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE INTENDÊNCIA
CONSELHO ADMINISTRATIVO

1. — Faz-se saber que no CA/DSI, Travessa de St.º António da Sé, 21 em Lisboa, se encontam abertos os seguintes concursos públicos:

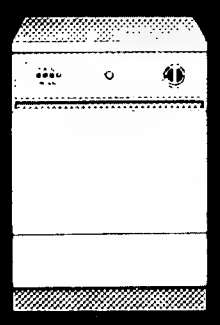
N.º DO CONCURSO PÚBLICO	DESIGNAÇÃO	DATA DE ENTREGA DAS PROPOSTAS	DATA DE ABERTURA DAS PROPOSTAS
11/73	Diverso material de refeitório	28 JUN 73 até às 18H00	29 JUN 73 às 16H00
12/73	Arcas congeladoras eléctricas, aspiradores industriais, calandras, caloríferos a gás, enceradoras, secadores rotativos, etc.	30 JUN 73 até às 13H00	2 JUL 73 às 16H00

2. Os cadernos de encargos que servem de base aos referidos concursos podem ser consultados todos os dias úteis das 14 h às 18 horas, excepto aos sábados.

O PRESIDENTE DO C. A.
Manuel Machado
Coronel do SAM

Máquina de lavar louça G 230

Distinguida pela sua apurada técnica de lavagem, fruto duma longa experiência.



- Programas universais
- 3 braços de aspersão rotativos
- Potente bomba de circulação
- Descalcificador de água de grande capacidade
- Secagem por condensação com aquecimento adicional
- Interior em aço inoxidável – exteriormente esmaltada

Miele®

NOVOLAR
139 — Rua Ferreira Borges — 143
Telef. 687938 — Lisboa 3

LEIA
motor

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Pinto e Leite, Ld.ª — «Papelaria e Novidades — CARAMULO

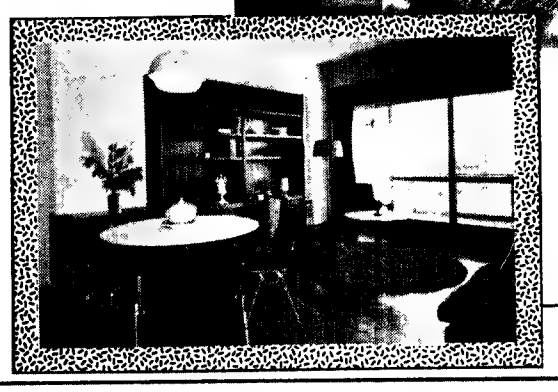
ANDARES

PARA HABITAÇÃO OU RENDIMENTO
PRAÇA TIMOR — LOURES
Junto do liceu e campo de futebol
VEJA HOJE MESMO OS ANDARES
JÁ PRONTOS DO LOTE 2
Soc. Const. Espírito Santo & C.ª, Lda.
RUA D. CARLOS MASCARENHAS, 17-1.º
Telefs. 683599 - 689814 — LISBOA

Pasta Medicinal Couto
Evita e trata doenças da boca
PORQUE É MEDICINAL

J. Pimenta SARL

um símbolo



LOCAIS ONDE CONSTRUÍMOS, VENDEMOS
OU ALUGAMOS APARTAMENTOS MOBILADOS

- QUELUZ
- SESIMBRA
- CASTELO BRANCO
- SACAVÉM
- ALAPRAIA
- ALGARVE
- AMADORA
- CASCAIS
- COIMBRA
- FIGUEIRA DA FOZ
- LISBOA
- PAÇO DE ARCOS
- PAREDE
- PORTO
- REBOLEIRA NORTE
- REBOLEIRA SUL
- VENDA NOVA

Lisboa – Praça Marquês de Pombal, 15 – Tel 4 58 43 – 4 78 43
Queluz – Edifício Sede Av António Enes 25 – Tel 95 20 21 2

"Princesa" portuguesa das "Teen-Agers"

Está a decorrer conforme o previsto, na Turquia, o concurso para a eleição da Princesa Mundial das «Teen-agers», no qual está presente a «princesa» portuguesa, eleita no passado dia 2 em Tróia. Maria Eduarda Espinho, a representante das jovens «Teen» portuguesas, permanecerá naquele país até ao próximo dia 16, data em que terminará o certame, regressando de pronto a Portugal.

Das lembranças que Maria Eduarda levou, entre as quais algumas garrafas de Porto Fonseca, conforme noticiámos, constam, ainda, outros vinhos, estes oferecidos pela Casa Agricola Francisco Ribeiro que, deste modo, veio aumentar o número dos colaboradores desta iniciativa do «DL».

EDIÇÕES DA
COMISSÃO EXECUTIVA DO IV CENTENÁRIO
DA PUBLICAÇÃO DE «OS LUSÍADAS»

CANCIONEIRO DE
LUÍS FRANCO CORREA
(ed. fac-similada)
brochado: 500 Esc. Encadernado: 600 Esc.

A CONTRIBUIÇÃO INGLESA PARA A CAMONIANA
50 Esc.

MANUEL LOPES DE ALMEIDA
Palavras proferidas na comunicação feita aos órgãos de informação, em 8 de Fevereiro de 1972 (2.ª edição)
10 Esc.
Discurso proferido no Real Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, em 27 de Abril de 1972 (2.ª edição)
15 Esc.

EM PREPARAÇÃO

Esquemas de lições sobre «Os Lusíadas» (2.º Prémio)
Medalhas comemorativas do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas»
Fernão Gomes, um pintor do tempo de Camões
Medalhística camoniana desde o séc. XVIII aos nossos dias

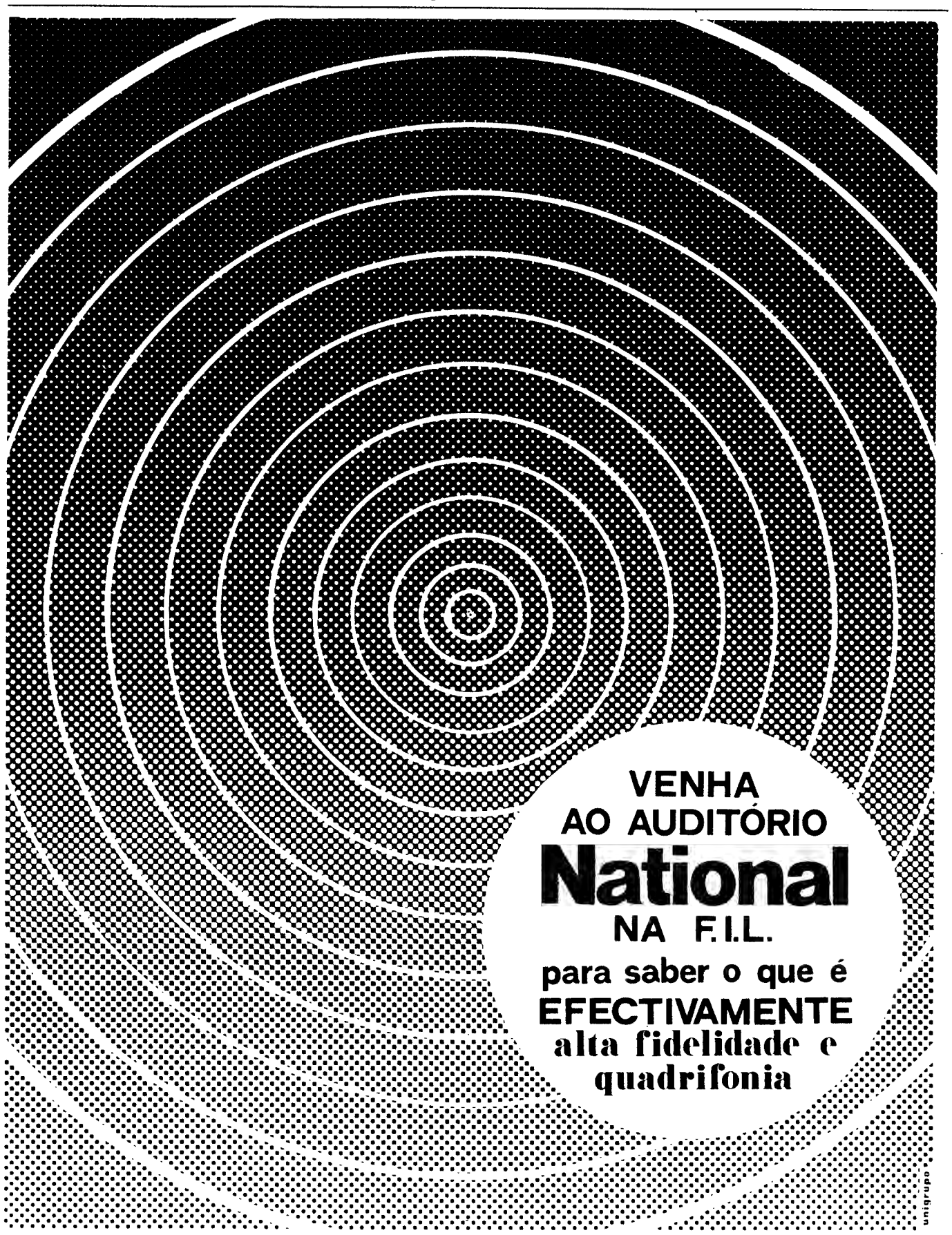
AMÉRICO DA COSTA RAMALHO
A tradição clássica em «Os Lusíadas»
ANÍBAL PINTO DE CASTRO
O episódio do Adamastor: seu lugar e significação na estrutura de «Os Lusíadas»
EUGÉNIO DA SILVA GAMEIRO
A viagem de Vasco da Gama (Astronomia de «Os Lusíadas»)
JOSÉ CALVET DE MAGALHÃES
«Os Lusíadas» e a defesa e expansão da Europa
LUÍS FORJAZ TRIGUEIROS
Visão sócio-política dos séculos XV e XVI na Europa
MARIA DO CÉU NOVAIS DE FARIA
Esquemas de lições sobre «Os Lusíadas» (1.º Prémio)
MARIA MARGARIDA R. GARCEZ DA SILVA
«Os Lusíadas» e o poder político
OFÉLIA MILHEIRO CALDAS PAIVA MONTEIRO
«Os Lusíadas»: significado epocal e estrutura do poema
RICARDO AVERINI
Inês de Castro (episódio de «Os Lusíadas», com trad. em versos italianos) 2.ª edição
ROGER BISMUT
Contribution à un centenaire: une tentative de rénovation épique, «Les Lusiades», de L. de Camões
SALVADOR DIAS ARNAUT
O episódio de Inês de Castro à luz da história
STEPHEN RECKERT
«Mudanças e enganos» («Os Lusíadas» como documento histórico, cultural e literário)
VÍTOR MANUEL DE AGUIAR E SILVA
Significado e estrutura de «Os Lusíadas» (2.ª edição)
Função e significado do episódio da «Ilha dos Amores» na estrutura de «Os Lusíadas»

Cada volume: 30 Esc.

PEDIDO AS LIVRARIAS

Hospital distrital do Funchal

A comissão Instaladora do Hospital Distrital do Funchal fica assim constituída: presidente, dr. Fernando José Martins de Almeida Couto; vice-presidente, cónego dr. Agostinho Gonçalves Gomes; vogais dr. Mário Cirilo de Matos, eng. Eduardo Augusto Caetano, dr. Júlio Pereira dos Reis eng. Carlos Alberto Bixirão e enfermeiras D. Maria Teresa de Jesus Bica Bateréo e D. Maria Teresa da Cruz Fiadeiro.



FANTÁSTICA LIQUIDAÇÃO

Grande empresa de móveis importados salda os seus apartados de balanço refugos de seguros, etc.

Tais como:

Candeeiros, Mesas, Cadeiras, Quadros, Móveis, quartos, casa de jantar, Móveis de cozinha e casa de banho, Quadros Posters, Fogões, Aspiradores, Enceradoras Exaustores, Tapetes e Alcatifas.

Alguns números:

2000 (cerca) Cadeiras (Italianas e Francesas)
4000 » Candeeiros (Italianos)
500 » Mesas (Italianas e Francesas)
4500 » Peças (Suecas, Francesas, Italianas, Alemãs, Espanholas, Dinamarquesas).

Por exemplo:

Candeeiros Italianos de 750$00 custará apenas 250$00
1 grupo de 4 cadeiras e mesa de 5000$00 valerá sómente 2500$00

Oportunidade para:

Industriais de hotelaria
» de construção civil
» comerciantes do ramo
» particulares

Artigos nunca vistos em saldos.
Venha ver.

Rua: D. Estefânia, 47 — L I S B Ô A

DL/GERAL

O ATLETISMO TEM AMIGOS NO SPORTING

Enquanto seis garotas já vão lançadas em corrida, muitas outras esperam a sua vez na pista, prontas a participar na grande festa do Atletismo mais jovem do Sporting

Mais de 800 miudos participaram na festa do IV aniversário do grupo «Amigos do Atletismo do Sporting», ontem realizada no Estadio Alvalade, da parte da manha, da melhor maneira possivel, ou seja, a correr, a saltar e lançar. Guilherme Sá Viana foi o grande impulsionador desta festa altetica.

Resultados verificados nas corridas principais, por categorias:

BEBÉS FEMININOS **60 metros**: 1.ª Fernanda Pacheco (CUF), 10,6, 2.ª, Ana Paula Passos (SCP), 10,8, 3.ª, Ana Paula Guerra (Apelação), 11,5. **250 metros**: 1.ª, Fernanda Pacheco (CUF), 47; 2.ª, Ana Paula Passos (SCP), 51; 3.ª, Ana Paula Carvalho (SCP), 53,3.

BEBÉS MASCULINOS

60 metros: 1.º, João Goncalves (Casa Pia), 10; 2.º, Abel Mesquita (Casa Pia), 10,2; 3.º, Paulo Nabais (SCP), 10,3 e Jorge Portela (SCP), 10,3. **250 metros**: 1.º, Jorge Portela (SCP), 45,9; 2.º, Paulo Nabais (SCP), 46,6; 3.º, Jorge Costa (SCP), 47,3. **1000 metros**: 1.º, Nicasse Borges (Casa Pia), 3,57,5; 3.º, Pedro Ferreira (SCP), 4 03,8.

INFANTIS FEMININOS

60 metros: 1.ª, Evangelina Alves (CUF), 8,8; 2.ª, Alexandra Guedes (CUF), 9,4; 3.ª, Adélia Giga (CUF), 9,5 e Ana Salvador (SCP), 9,5. **250 metros**: 1.ª, Alexandra Guedes (CUF), 41,1; 2.ª, Isabel Lourenço (SCP), 42,6; 3.ª, Laurentina Martins (SCP), 43,9. **1000 metros**: 1.ª, Teresa João (SCP), 3,38,2, 2.ª, M.ª Palmira Lajes (SCP), 3,53,5; 3.ª, Dulce Figueiredo (SCP), 3,57,3. **50 m. Barreiras**: 1.ª, Maria Luísa Cavaco (FAB), 9,5, 2.ª, Cristina Colaço (CUF), 10,8; 3.ª, Emília Nascimento (SCP), 10,8. **Salto em Comprimento**: 1.ª, Adélia Giga (CUF), 3,63, 2.ª, Olímpia Adriano (SCP), 3,54; 3.ª, Maria Filomena (SCP), 3,51. **Salto em Altura**: 1.ª, Luísa Cavaco (FAB), 1,00; 2.ª, Filomena Teresa (FAB), 0,90. **Arremesso de Bola**: 1.ª, Teresa Almeida (CUF), 36,58; 2.ª, M.ª João Sousa (SCP), 32,94. **Pêso**: 1.ª, Teresa Almeida (CUF), 5,84; 2.ª, Emília Nascimento (SCP), 5,76; 3.ª, Anabela Apolinário (SCP), 4,63.

INFANTIS MASCULINOS

60 metros: 1.º João Sequeira (Ind), 8,1; 2.º João Gerreiro (CUF), 8,6; 3.º, Carlos Fernandes (CUF), 8,7. **250 metros**: 1.º, Flísio Alves (CUF), 37,6; 2.º, Rui Santos (Alhandra), 38; 3.º, João Júlio (Casa Pia), 38,3. **1000 metros**: 1.º, Fernando Balseiro (SCP), 3,01,6; 2º, Rui dos Santos (Alhandra), 3, 18,6; 3.º Arlindo Rodrigues (O. Sul), 3,19. **50 m. Barreiras**: 1.º, Fernando Nave (SCP), 8,1; 2.º Joaquim Ramalho (CUF), 9; 3.º, José Ferreira (SCP), 9,2. **Comprimento**: 1.º, João Sequeira (Ind.), 4,83; 2.º, Carlos Fernandes (CUF), 4,60; 3.º, Flísio Alves (CUF), 4,44. **Altura**: 1.º, João Guerra (CUF), 1,35; 2.º, João Silva (Casa Pia), 1,25; 3.º, José Nascimento (SCP), 1,25. **Arremesso de Bola**: 1.º, António Henriques (SCP), 59,02; 2.º, Porfírio Tomé (O. Sul), 52, 88; 3.º, Luís Fernandes (SCP), 51,42. **Pêso**: 1.º, César Mata (CUF), 8,16; 2.º, Paulo Mota (SCP), 8,16; 3.º, Carlos Nascimento (SCP), 7,92.

ÚLTIMAS

ATLETISMO

José Carvalho bateu, em Madrid, o «record» nacional dos 400 metros barreiras, fzendo o tempo de 51s. 1/10.

CICLISMO

Principia hoje a «Volta ao Luxemburgo», co a presena de Joaqui DF: Entretanto, inicia-se igualmente a corrida «Midi-Libre», em que vão actuar Joaquim Agostinho, Firmino Bernardino e Herculano de Oliveira. O Porto, por seu lado, está na «Volta às Astúrias».

TÉNIS DE MESA

Jean Pierre, Jerónimo Pina, José Pedro, Madalena Gentil, Anabela Silva, António Roque e as equipas do F. C. Porto (seniores), Belenenses (juniores), Sport Lisboa e Águias (infantis), Sporting (senhoras), Laranjeiro (meninas) e Estrela da Amadora (veteranos) distinguiram-se no Torneio Aberto efectuado em Santarém.

Londres reconhece o novo Governo grego

LONDRES, 14 (FP) Um porta-voz do «Foreign Office» anunciou que a Grã-Bretanha tinha «acusado recepção» da nota do Ministério dos Negócios Estrangeiros grego, transmitida em 1 de Junho pela embaixada em Londres e informando acerca das «modificações constitucionais» ocorridas na Grécia. Ao acusar «recepção» desta nota, Londres reconhece «de jure» o novo regime constitucional grego.

Comenta-se em Whitehall que o regime republicano grego preenche as condições necessárias para um reconhecimento: uma perspectiva razoável de durar e o controlo do território Nacional. Indica-se igualmente que o Governo britânico teve ocasião de discutir a questão do reconecimento com países amigos nomeadamente na reunião dos ministros dos negócios Estrangeiros dos nove países da C. E. E., na semana passada, no Luxemburgo.

O Governo de Londres não teve consultas com o ex-rei Constantino, acrescenta-se nestes mesmos meios. Este reconhecimento, salienta-se por último, significa que as relações diplomáticas entre Atenas e Londres prosseguem como no passado.

«Deploramos profundamente a deposição do rei Constantino», declarou, entretanto, sir Alec Douglas-Home, secretário do «Foreign Office» perante a Câmara dos Comuns. Mas acrescentou que o Governo actual da Grécia satisfazia os critérios aplicados pelo Governo britânico para o reconecimento de qualquer novo regime, isto é, o controlo efectivo do País. E por este motivo, precisou ele, que a Grã-Bretanha reconheceu o novo regime grego.

A REUNIÃO DA NATO

Continuação da pág. 1

que foi proclamada a República por Papadopoulos. A NATO, como se sabe, é um organismo muito sensível face aos regimes de força e desejaria assentar a sua unidade em processos democráticos praticados pelos países membros.

A DELEGAÇÃO PORTUGUESA TRABALHOU INTENSAMENTE NOS PREPARATIVOS

A delegação portuguesa é chefiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, dr. Rui Patrício, o qual chegou a Copenhague na segunda-feira, acompanhado pelo director-geral dos negócios políticos, embaixador Caldeira Coelho e pelo dr. Duarte Vaz Pinto, chefe da secção do Pacto do Atlântico no Ministério dos Negócios Estrangeiros. No aeroporto era aguardado (junto do avião, onde se encontravam vários automóveis da nossa embaixada e do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Dinamarca) pelo chefe do protocolo do Ministério dos Negócios Estrangeiros dinamarquês, por um funcionário de ligação e pelo nosso encarregado de Negócios, dr. Sérgio Reis e Sousa. Portugal não tem neste momento embaixador na Dinamarca, uma vez que o embaixador Marcos Fontes foi aposentado e não se encontra ainda substituido. Disse que o novo embaixador já está nomeado — o seu nome já é indicado nos meios diplomáticos mas aguarda o «agreement» do Governo dinamarquês como é habitual.

A delegação portuguesa a esta importante reunião anual da NATO é, no entanto, numerosa. Dela fazem parte, além do ministro Rui Patrício e do embaixador Caldeira Coelho, o embaixador Albano Nogueira, representante de Portugal junto da NATO em Bruxelas, o nosso embaixador em Helsínquia, Novais Machado, o ministro Fortunato de Almeida, representante suplente de Portugal em Bruxelas, o sr. Duarte Vaz Pinto, os drs. Pinto da França e Henrique Pessoa, secretários da delegação portuguesa junto da NATO, também em Bruxelas.

Há, também, diversas secretarias vindas propositadamente da capital belga.

Devido a medidas de segurança, os ministros dos Estrangeiros ficaram instalados no mesmo hotel o Royal Hotel . enquanto os membros das suas delegações se dispersaram pelos restantes hotéis de luxo de Copenhague, o que fez esgotar as suas lotações.

A delegação portuguesa, que foi uma das que chegou a Copenhague com maior antecedência (antes só chegara o secretário de Estado dos Estados Unidos, William Rogers, mas para uma visita oficial à Dinamarca, de dois dias), trabalhou intensamente nos preparativos da conferência. O ministro dos Negócios Estrangeiros convocou na terça-feira e ontem os seus colaboradores para a embaixada (que se situa a vinte quilómetros do centro da cidade) e reuniu-se com eles até depois das 22 horas, só interrompendo o trabalho para almoçar. Portugal é um país que precisa de manter e reforçar a sua estratégia dentro da NATO e não pode desprevenir-se um instante, o que exige a nossa diplomacia uma acção constante e sistemática. A Imprensa dos países escandinavos exerce particular influência na opinião pública, factor que não pode ser desprezado.

Mas não deve esquecer-se que o pacto do Atlântico desencadeia, sempre, nestes países, manifestações de hostilidade a cargo dos grupos da esquerda, os quais, embora pequenos, se apresentam muito activos. Na tarde de ontem, verificaram-se diversas manifestações, e realizou-se uma reunião intitulada conferência «anti-Nato», actos que, embora chamando a atenção da Imprensa, foram sempre controlados facilmente pela polícia.

PORTUGAL EM EXCELENTE POSIÇÃO NA DINAMARCA

O nosso país desfruta de excelente posição económica na Dinamarca, sendo este um dos poucos países com o qual temos uma balança comercial favorável.

No último ano, vendemos, só em têxteis, desde o fio, à confecção, 600 mil contos; 170 mil contos de vinhos e 70 mil contos de calçado. Neste momento, tentamos introduzir no mercado materiais de construção civil, enquanto da Dinamarca importamos sobretudo carnes e equipamento industrial. O total das nossas exportações, em 1972, foi de 1150 mil contos, e importámos da Dinamarca 700 mil contos de produtos, o que deu uma taxa de crescimento de 34 por cento. A situação é brilhante neste aspecto e, nos primeiros meses deste ano, as nossas exportações subiram 102 por cento. A delegação do Fundo de Fomento é chefiada pelo sr. José Estrela Leão, o qual prepara, neste momento, uma visita de comerciantes dinamarqueses à Filmoda. A Escandinávia é, no seu conjunto, o segundo melhor mercado de Portugal, dentro da EFTA, depois do Reino Unido.

Quanto ao Turismo visitam-nos em cada ano cerca de 35 mil dinamarqueses, atraídos pelo nosso clima e pela qualidade dos nossos hotéis. Sendo um povo com elevada capitação (3700 dólares por pessoa, embora com cerca de 60 por cento para impostos). Portugal julga poder aumentar substancialmente as correntes turísticas da Dinamarca, para o que abriu, agora, um centro de informação num local extremamente central de Copenhague, acontecimento a que presidiu o director-geral de Turismo, eng. Alvaro Roquette, e teve a presença de numerosas personalidades dos meios turísticos locais.

Se os grupos e instituições da esquerda nos hostilizam as relações a nivel económico progridem em excelente ritmo. No campo diplomático crê-se que a situação é cordial.

S. Potts e K. Jarrett no Hot Club

Felizes poderiam considerar-se oa amadores de Jazz se o Hot conseguisse apresentar estes dois extraordinários músicos **ao vivo** em Lisboa. Contudo, o programa para hoje e amanhã, não se afasta muito deste.

Depois do memoravel sucesso obtido por Steve Potts, o Hot convidou este músico para mais duas sessões, acompanhado por Marcos Resende [illegible] eléctrico e moog, Nuno [illegible] Alves, contrabaixo, Mar[illegible] [illegible]ge Veloso, bateria. Com [illegible] a começar às 22.30 tudo [illegible] pelo melhor se a R. [illegible] [illegible]ão tivesse marcado um programa de 45 minutos com Keith Jarrett para as 22.50 de hoje [illegible] porém, a Direcção do Hot teve uma de génio — alugou um tele-receptor e ampliou o convite a Jarrett e ao seu grupo. que tal? Aproveita-se ate a presença de M. J. Veloso e [illegible] um brinde extra — um comentador da TV auto-comenta e seu comentário.

"Casa do Brasil" em Moçambique

LOURENÇO MARQUE, 14

A criação de uma «Casa do Brasil» em Moçambique é presentemente um dos objectivos da secção de estudos brasileiros da Sociedade de Estudos de Moçambique revelou o respectivo presidente, Rafael Seruya, ao semanário «Renovação», que se publica em Lourenço Marques.

Referindo-se à iniciativa, aquele dirigente afirmou pretender, com a criação da «Casa do Brasil», intensificar as relações entre os dois territórios.

O funeral de Jofre Amaral Nogueira

Saiu, esta manhã, do Instituto de Medicina Legal de Lisboa, a urna com os restos mortais do sr. dr. Jofre Amaral Nogueira que, como noticiámos, adoeceu subitamente num café da Avenida da Liberdade, chegando já sem vida ao hospital de S. José.

O corpo do malogrado escritor ficará depositado no cemitério do Prado do Repouso, no Porto, de onde amanhã, pelas 11 horas, sairá o funeral.

Homenagem no Porto a Helder Ribeiro

PORTO, 14 . Por motivo do 90.º aniversário do coronel Hélder Ribeiro um grupo de democratas portugueses oferece-lhe na terça-feira, um banquete de homenagem, nesta cidade.

O coronel Hélder Ribeiro, figura de grande prestigio, que hoje representa, indiscutivelmente, as virtudes patrióticas dos homens que se bateram pela implantação da República, é já dos poucos que se podem orgulhar de ter arriscado a vida para que o movimento de 5 de Outubro triunfasse.

A inscrição para a homenagem pode ser feita na Rua Rodrigues Sampaio, 1 (telef. 21944) e na Rua Formosa, 189-1.º (telef. 22058).

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Alberto Malva Cardoso ,, PENACOVA

HÓQUEI EM PATINS

O BENFICA NA FINAL DA TAÇA DOS CAMPEÕES

Marcar golos, ou conseguir resultados?

A pergunta fica para todos quantos ontem à noite foram ao Pavilhão da Luz espreitar o Benfica-Réus da 2.ª «mão» das meias-finais da Taça dos Campeões Europeus, e no final assobiaram a turma da casa, Porque, sinceramente, os jogadores que tanto lutaram por um resultado que eliminasse o vencedor crónico da competição, mereciam um pouco mais do que o desprezo testemunhado por todos aqueles assobios, vindos de «desportistas» que só vibram e só aplaudem o golo. É bem verdade que os resultados (os bons ...) só se conseguem com a obtenção de golos, mas quando há uma vantagem de três tentos a defender de um adversário chamado Reus, a melhor táctica não é ir deliberadamente para a frente na ânsia de aumentar uma vantagem já de certo modo tranquilizante.

Fez bem o técnico Vírgilio quando aconselhou aos seus jogadores a retenção da bola: e o remate à baliza apenas quando estes adivinhassem uma possibilidade de bater Garcia. Fez bem, porque, trazendo do Campo adversário uma vantagem de três golos, o Benfica não tinha mais do que segurar o esférico, tê-lo o mais tempo possível em seu poder, de modo que os minutos fossem decorrendo sem proporcionar aos espanhóis a mínima «chance» de desfeitearem a extrema defesa dos campeões portugueses. E foi isso que aconteceu: não fazendo um bonito jogo (longe disso) a turma «encarnada» conseguiu ontem fazer aquilo que nenhuma outra ainda tinha alcançado: afastar da competição o clube que desde o início da «Taça dos Campeões» tinha «assinado» o seu termo de posse. Fica portanto na histoira da prova esta façanha do Benfica ...

Perante o esquema táctico preferido por Virgílio, não houve possibilidades de «ver» todo o valor da turma espanhola, onde figuram três nomes grandes do hóquei mundial: o guarda-redes Garcia, o defesa Vilallonga e o médio e «capitão» Sabater. No entanto, ficou-nos a ideia de uma equipa absolutamente normal, talvez porque Vilallonga se «esqueceu» da dureza como arma secreta e Sabater sentisse o peso dos anos. De qualquer maneira, o valor destes Réus não se pode equiparar ao da selecção campeã do Mundo.

Por outro aldo, o Benfica também não teve oportunidade de mostrar todo o seu poder atacante: a sua missão, ontem (e os associados do clube não se aperceberam disso) não era marcar golos, mas sim não os sofrer. Deste modo, os jogadores do Benfica tiveram de sacrificar o espectáculo em favor da segurança de um desfecho cavado em Espanha.

No final, o resultado de 2-2 aceita-se e compreende-se: porque se os portugueses não lutaram pela vitória, a verdade é que os espanhóis pouco acreditavam nela. Daí o marcador ser o ideal para agradar a todos ...

De realçar dois pontos importantes: a extrema correcção com que a partida foi disputada (e aqui o público merece um louvor) e a excelente arbitragem do alemão Ordwiz. Fica a esperança de alguns juízes portugueses terem presenciado o encontro da bancada: devem ter aprendido muito.

Equipas: o Benfica com Ramalhete; Vítor de Sousa, Garrancho, Livramento e Jorge Vicente. O Réus com Garcia; Vilallonga, Rabaça, Sabater, Salvate, tendo ainda alinhado Giralt. Os golos foram marcados por Garrancho e Vítor de Sousa (para o Benfica) e por Giralt e Sabater (para o Réus).

A representação do Benfica

NOTÍCIAS DE FUTEBOL

REFORÇO

Netzer, do Borussia, foi contratado pelo Real Madrid.

«COPA»

Castellon, Gijon, Atlético de Bilbau e Málaga (que eliminaram, respectivamente, Bétis, Granada, Sevilha e Corunha) passaram às meis finais da «Taça Generalíssimo».

BRASIL

A turma «canarinho» continua a excursionar pela Europa. Ontem, com um golo de Jairzinho, empatou com a Austria.

MUNDIAL

Segunda vez consecutiva: a Hungria não estará presente na fase final do «Mundial» de 1974, porquanto não foi além do empate (3-3) ontem conseguido em Budapeste, perante a Suécia. Os nórdicos precisam apenas de uma vitória por dois golos de diferença sobre a fraquíssima turma de Malta no último jogo do grupo, para estarem em Munique.

JUNIORES

Para o campeonato nacional de juniores, o Benfica bateu o Vitória de Setúbal por 5-0, tentos de José Maria (3) e Adolfo (2).

TREINADORES

Fernando Mendes (em face da saída de Ted Smith) deve ser o responsável único pelo futebol do Atlético, enquanto (tal como informámos oportunamente) Quaresma está quase firme no Barreirense e Carlos Silva no Farense.

BELENENSES

Os «azuis» (por 4-1) venceram um grupo da cidade canadiana de Otava. Golos de Quaresma, Pietra e Quinito (2). Entretanto, por cá, pensa-se em reforços: Conhé (Cuf) e Quim (Cova da Piedade) podem vir a ingressar no clube do Restelo.

RUI DE SOUSA

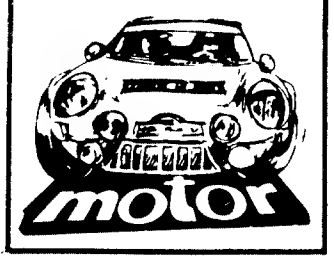
Rui de Sousa, o brasileiro que Luis de Campos recrutou para o Farense, é pretendido pelo Barreirense e por uma colectividade belga. Todavia, em face do bom ambiente que tem em Faro, é natural que ali prossiga a sua carreira.

PORTO

Fala-se em que será Mário Wilson o novo treinador do F. C. do Porto, deixando Francisco Andrade os seus compromissos com o Boavista e ingressando no Vitória de Guimarães.

LAMAS

O União de Lamas insiste na sua dupla acção judicial contra Joaquim Campos. Ontem, no decorrer de uma assembleia da colectividade, foram reunidos 36 contos que já esta manhã vieram em vales telegráficos para Lisboa, direitos ao advogado que está a movimentar os processos.

LEIA


ELIMINE UMA PREOCUPAÇÃO!
INSTALE
ASCENSORES
ABIS SAIR/ FALCONI

OFERECEMOS

- entregas rapidíssimas
- todos os modelos que o mercado exige
- perfeição e robustez, a preço acessível
- assistência impecável na montagem e manutenção extensível a outras marcas

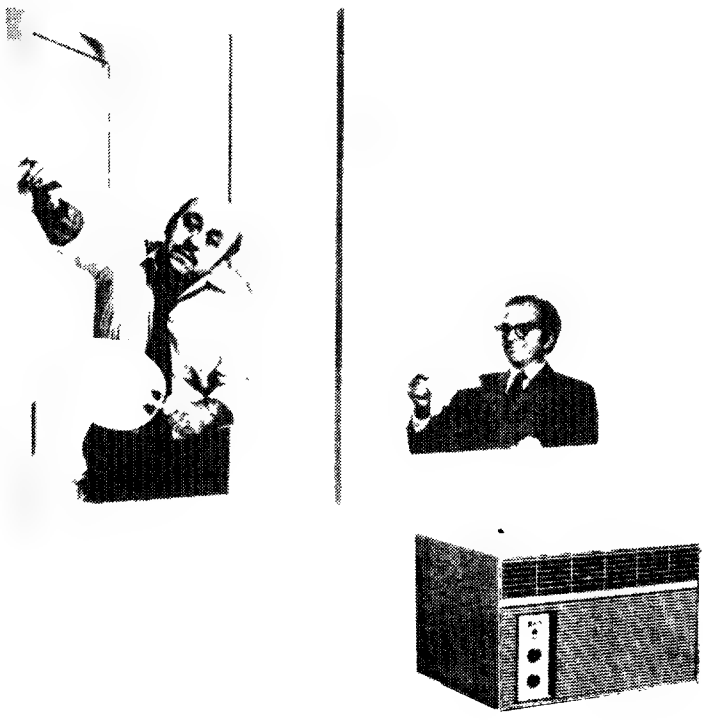
AGORA

depois de grande reorganização da nossa fábrica e de associarmos a nossa robustez de fabrico e hábil mão de obra à mais moderna técnica europeia da SAIR/FALCONI de Novara

ABIS SAIR/ FALCONI ASCENSORES ABIS (CONCESSIONÁRIOS FALCONI)

SEDE E FÁBRICA: AZINHAGA DO BECO (À CHARNECA DO LUMIAR) - LISBOA-5
TEL: 791764 - 790652 - 791568 - 791763. END. TELEG. ASCENSORES

TIMBRE



Não deixe o seu escritório ser invadido pelo calor e indolência

O calor torna as pessoas indolentes

Colocando um aparelho de ar condicionado DELCHI na sua janela, o tempo quente não o afectará. Nem sequer o barulho ou as distracções exteriores o poderão incomodar.
Um DELCHI torna o seu escritório num agradável local de trabalho.
Terá Primavera permanente, com DELCHI no seu escritório.
A sua instalação poderá ser fixa ou portátil.

com **DELCHI** não há calor

Agradecemos nos enviem mais detalhes sobre os aparelhos de ar condicionado DELCHI.
Nome _____
Ramo de Negócio _____
Rua e Número _____
Localidade _____ Telef. _____

☐ Envie este cupão para os representantes exclusivos: **OLAVO CRUZ, LDA.**
Departamento Industrial · Rua das Flores, 59 – Lisboa

GARANTIA OCL OLAVO CRUZ LDA

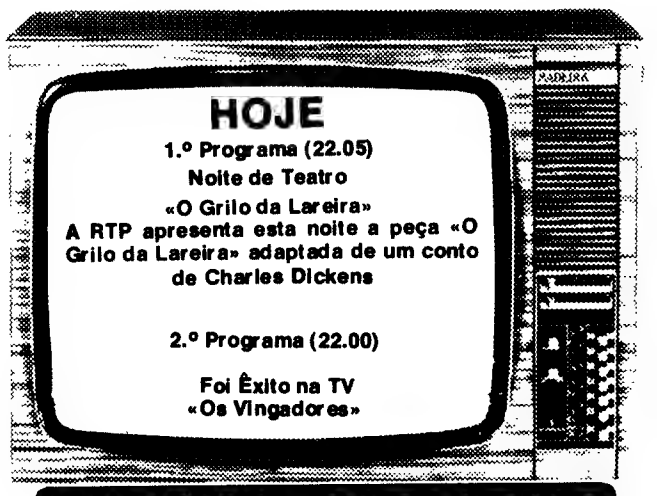
Sotavento na rota do Sol

CP 7A/73

a partir de 3 de Junho com paragem também em LOULÉ

Caminhos de Ferro Portugueses

televisão



MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
13.00 Vária
13.15 «Por Favor Não Comam os Malmequeres»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.40 Um dia com
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa — Educação Musical
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 No Campo
20.10 Sangue na estrada
20.20 Em foco — banco de olhos
20.40 Agro 73
20.55 Imagens da poesia europeia
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Noite de teatro «O Grilo da Lareira»
23.30 Telejornal — 4ª edição
23.40 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
20.45 Um dia com
21.00 «Por Favor Não Comam os Malmequeres»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 «Os Vingadores»
22.50 Festival de jazz de Molde
23.40 Fecho

AMANHÃ

1.º Programa
1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
13.00 Feminino singular
13.15 «Os Meus Genros e Eu»
13.45 Telejornal — 1.ª edição
14.00 Conheça o Portugal desconhecido
14.15 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo preparatório TV
19.00 TV educativa — Física Moderna
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 Presença do Brasil
20.10 Cartaz TV
20.25 «Os Lusíadas» — a construção do Império Português no Oriente
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.05 Reportagem do Exterior
23.50 Telejornal — 4.ª edição
23.55 Meditação e fecho

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Abbot e Costello»
20.45 Vária
21.00 «Os Meus Genros e Eu»
21.30 Telejornal — 3.ª edição
22.00 Canzoníssima
22.50 Encontro com o mundo — através de Praga Barroca
23.20 Fecho

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	56 5342	Aeroporto	71 1397
H de S José	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal Continental o vento era fraco havia neblina em vários locais céu pouco nublado ou limpo com excepção do Litoral para Norte em que se apresentava em geral encoberto

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	18º
P. DOURADAS	13º
COIMBRA	19º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	18º
FARO	22º
FUNCHAL	17º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ELVAS
Máxima 27º
PENHAS DA SAÚDE
Mínima 8,3º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 16,1º
Atmosfera 18,0º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
3.04	3,4 m	8.35	1,1 m
15.23	3,7 m	21.02	1,1 m

Dia 15

3.46	3,4 m	9.11	1,1 m
-6.02	3,7 m	21.38	1,0

Dia 16

4.35	3,5 m	9.46	1,1 m
16.40	3,7 m	22.14	1,0 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

No Litoral para o Norte do Cabo Carvoeiro céu pouco nublado temporariamente muito nublado durante a noite e manhã; vento fraco ou moderado predominando de Norte; neblina ou nevoeiro; nas restantes regiões céu limpo ou pouco nublado; vento fraco em todo o território; pequena subida de temperatura.

AMANHÃ

NASCER ÀS 6.11
OCASO ÀS 21.03

DIA 15 DIA 23 DIA 30 DIA 7

rádio

EMISSORA - 1.º Programa

16.00 Noticiário — ao encontro da melodia
16.30 Convívio, programa da juventude
18.05 O convidado de hoje: Van Morrison
18.20 Espectáculo-teatro, por Figueiredo de Barros
18.40 Música portuguesa
19.10 Selecção da zarzuela «Pan y Toros»
20.00 Diário sonoro — o conjunto Moody Blues
20.30 28.º episódio do folhetim «Iaia Garcia»
20.50 Melodias
21.00 Momento 73
21.20 Música, só música
21.50 Dia a dia com a ciência, pelo dr. Marques da Costa
22.10 Fados, por Rosa Maria e Luís Tomar
22.30 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro, por Armando Correia
00.30 Diário sonoro
00.45 Escala na madrugada, por Júlia Maria
02.00 Fecho

Programa em FM 1 de Lisboa

23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º programa

Programa Estereofónico - MF 2

21.00 Música ligeira variada
22.00 «O Lago dos Cisnes» (música de bailado), de Tschaikowsky
00.30 O duo de pianistas Paul Badura-Skoda e Jorg Demus, obras de Schubert
01.00 Fecho

RÁDIO CLUBE - Onda Média

16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02/21.00 Programa Movimento
21.00/24.00 Quadrante 2-9-0
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.30 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de Frequência

16.00 Noticiário
16.04 Porgrama CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à gó-gó
23.00 Noticiário — programa à gó-gó (cont.)
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

Emissor de Miramar

16.00 Noticiário
16.04/17.55 Programa CDC
17.56/21.00 Norte dia a dia
21.02/24.00 Genérico
21.05 Só-rádio
21.35 Canções que foram êxito
21..45 O arauto da verdade
22.02 Impacto evangelístico
22.16 Variedades
22.30 Quando o telefone toca
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Diálogo
18.23 Boletim litúrgico
18.30 Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 Jornal do serviço de noticiários e reportagens de R. Renascença
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Selector
21.30 Livros e leituras
21.45 Pentagrama
22:00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 A 23.ª hora

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

CLUBE RADIOFÓNICO DE PORTUGAL
Das 6.00 às 10.00 e das 22.00 às 2.00

RÁDIO V-OZ DE LISBOA
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

RÁDIO PENINSULAR
Das 12.00 às 14.30

RÁDIO GRAÇA
Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO J-1

TODA A NOITE

ALCANTARA
Nogueira, Rua de Alcântara 5-A (tel 637563)
ALFAMA
Cruz de Malta, Largo do Chafariz de Dentro 36 (Tel 886126)
ALVALADE
Libia, Av da Igreja 4-B (Tel 711681), **Celta**, Rua Moura Girão 3-B (Tel 710621)
AMOREIRAS
Amoreiras, Praça das Aguas Livres 8-B (Tel 681515)
ARCO DO CEGO
Providência, R D Filipa de Vilhena 9-C (Tel 770324)
AREEIRO
Lusitânia, Av de Roma, 18-A (Tel 725443), **Poiés**, Rua Abade de Faria, 22-A (Tel 721965)
ARROIOS
Magalhães, Av Almirante Reis, 4-D (Tel 49479)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Zira, Praça das Casas Novas, Lote 66 (Tel 310172)
BAIXA
Formosinho, Praça dos Restauradores, 18 (Tel 30927)
RELÉM
Botânica, Rua da Junqueira 38 (Tel 638132)
BENFICA
Macedo, Estrada do Poço, 69-C (Tel 703697); **Canto**, Estrada das Laranjeiras, 202-B (Tel 780841)
CAMPOLIDE
Nova, Rua de Campolide, 297 (Tel 687475); **Ronil** R Rodrigo da Fonseca, 153 (Tel. 683438)
CONDE BARÃO
Açoreana, Largo do Conde Barão 2 (Tel 631330)
ESTEFÂNIA
Délio, Rua Açores, 32 (Tel 52388)
LUMIAR
Patoleia Herdeiros, Rua do Lumiar, 122-124 (Tel 790332)
PEDROUÇOS
Higilux, Rua de Pedrouços, 50-52 (Tel 610280)
PENHA DE FRANÇA
Europa, Av General Roçadas 27 A (Tel 843880, **Higienica**, Rua Heliodoro Salgado 20 A (Tel 844361)
S. SEBASTIÃO
Berna, Av de Berna, 44-A (Tel 773568, **Oliveira Viegas**, Rua Viriato 29-A (Tel 48966 e 553601)

TURNO J-2

ATÉ ÀS 22 HORAS

AJUDA
Mendes Gomes, Calçada da Ajuda 222 (Tel 638256), **Tapada**, Calçada da Tapada 83-A (Tel. 634721)
ALTO DE S. JOÃO
Dalton, Avenida Mouzinho de Albuquerque à (Praça Paiva Couceiro) 7-A (Tel 843571)
ANJOS
Antolin, Av Almirante Reis, 88-B (Tel 821773)
AREEIRO
Marbel, Av de Roma, 131-A (Tel. 776235); **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (Tel 710331)
BAIRRO ALTO
Gonçalves, Rua da Rosa, 176 (Tel 362687)
BAIRRO DA LIBERDADE
Zenel, Rua A 182, (Tel 651840)
BAIXA
Normal, Rua da Prata, 220 (Tel 321342-325553)
BENFICA
Benfiluz, Estrada de Benfica, 444-A (Tel 782606)
CAMPO DE OURIQUE
Findor, Rua Maria Pia, 514 (Tel 687949)
CAMPO DE SANTANA
Peninsular, Campo dos Mártires da Patria, 117 (Tel 553308)

CASTELO
Santa Luzia, Rua da Saudade, 2-B (Tel 869831)
ESTRADA DA DAMAIA
Progresso, Estrada da Damaia, 64-C (Tel 702226)
ESTRELA
Neves, Rua da Bela Vista 35 (Tel 661251)
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel 991131)
MADRE DE DEUS
Madre de Deus, Rua da Margem 15-B (ao Bairro do Grilo) (Tel 382470)
OLIVAIS
Simão, Rua Cidade de Cabinda, 16-A (junto à piscina) (Tel. 810581)
PENHA DE FRANÇA
Zema, Rua General Justino Padrel 21 (à Calçada dos Barbadinhos) (Tel. 832580)
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira 140-B (Tel 720703-728395)
S. BENTO
Micael, Rua de S Bento, 380 (Tel 662162)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Sá da Bandeira, Rua Marquês Sá da Bandeira, 36-42 (Tel 41961 e 54672)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29 (T. 212081)
CAXIAS
Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (T. 2432034)
OEIRAS
Oeiras, L. Henrique Paiva Couceiro (T. 2430485)
PAREDE
Macau, Av. da República, 77-C (T. 2471054)
S. PEDRO DO ESTORIL
S. Pedro (T. 263052)
MONTE ESTORIL
Lopes, R. Hangar, 3 (T. 260008)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (T. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (T. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, lote 146, B.º Janeiro (T 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (T. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (T. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, loja X-1. Reboleira (T. 938424)
DAMAIA
D. João, Av. Guregel do Amaral, 2-A (T. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (T. 972530)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (T. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (T. 950123)
CACÉM
Araújo e Sá
MEM MARTINS
Quimia, E. de Mem Martins, 285 (T. 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (T. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (T. 980391)
COLARES
Abreja (T. 299088)

OUTRA BANDA

ALCONHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (T. 234100)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 224250)
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (T. 2760565)

BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, E. Nacional, 221-B (T. 224141)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (T. 2073207)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (T. 2764466)
MOITA
União Moitense, Av. dr. Teófilo Braga (T 239025)
MONTIJO
Diogo, R. Almirante Reis, 42 (T. 230032)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (T. 229028)
SETÚBAL
Lisboa, R. dr. Paulo Borba (T. 22248); **Saião**, Av. Portela (T. 22709)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho (T. 2218560)

PORTO

8.º TURNO

SUB-TURNO A

Bonfim (do), Rua do Bonfim, 73. **Contumil**, Rua de Contumil, 540. **Gueraa**, Rua Costa Cabral, 43. **Guimarães**, Rua de Francos, 37. **Lemos e Filhos, Lda.** Pr. de Carlos Alberto, 31. **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonjardim, 286

SUB-TURNO B

Henriques, Praça da Batalha, 64-A. **Moreno, Lda.**, Largo de S. Domingos, 44. **Sanil**, Rua do Paraíso, 214. **Serpa Pinto**, Rua de Serpa Pinto, 645. **Vasques**, Rua das Condominhas, 794.

COIMBRA

TURNO B

Estádio, Rua do Brasil 348 r/c (Tel 24410) **Miranda**, Pr.ª do Comércio, 41 (Tel 23261) **Batista**, Pr.ª da República 910 (Tel 23747)

cinemas

CINEMA CASTIL (Tel 530194)
15.00 18.30 e 21.45
(Grupo C 14 anos)
Technicolor «OS EMIGRANTES» Max Von Sydow Liv Ullmann (Estacionamento Parque Castil)

CONDES (Tel 322523/326710)
14.15 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo D 18 anos) Colorido
Richard Roundtree Moses Gunn - Kathy Imrie em «A MARCA DE SHAFT» da Mafia com dinamite

ODEON (Tel 326283)
15.15 18.15 21.30
Grupo D (18 anos) 5.ª Semana
Alfredo Landa (o Delicadinho) e Conchita Velasco em EMPRESTA-MA POR QUINZE DIAS» Mais audacia nunca se viu em fazer rir com um marido a mulher e o noivo dela

ALVALADE (Tel 717480)
15.15 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Eastmancolor «O CANALHA» Claude Brasseur e Marthe Keller

TIVOLI (Tel 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo C 14 anos)
Technicolor. A vida íntima do mais célebre monarca da Europa. Keith Micheel em «AS SEIS MULHERES DE HENRIQUE VII»

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15 e 21.30 (2.ª Semana
(Grupo D-18 anos)Eastmancolor «CAÇADOR DE ESCÂNDALOS» com Maurice Ronet, Josephine Chaplin e Vittorio de Sica

ROMA
Encerrado temporariamente para beneficiações

SATÉLITE (Tel. 555131)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
Jean-Paul Belmondo Jeanne Moreau «Recusa» um filme de Peter Brook

CINEMA LONDRES (Tel. 731313)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 4.ª semana
Colorido Óscar da Academia para o melhor filme estrangeiro 1973 O CHARME DISCRETO DA BURGUESIA» o filme de Luis Nunnel. Snack-Bar Pub «The Flag» O melhor encontro gastronómico.

RESTELO (Tel. 610375)
21.30
(Grupo D 18 anos)
Em continuação de estreia «AS SERVAS DE DRACULA» com Perter Cushing Dennis Price Cathleen Byron Madeleine e Mary Collinson

IMPERIAL (Tel. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo B 10 anos)
10.ª semana em continuação de estreia. «A GRANDE VALSA» (Metropolitano Arroios-P Chile)
Às 18.30 - Sessão do C.C.U.L. «A FLOR À BEIRA DO PÂNTANO»
(Grupo D - 18 anos)

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
Estreia às 21.30
(Grupo D - 18 anos)
«COM UM PÉ FORA DA LEI» Com Jane Fonda, Donald Sutherland (Technicolor)
15.15
(Grupo D - 18 anos)
«NOITE SEM FIM»
Hoje excepcionalmente sessão clássica
(Grupo D - 18 anos)
18.30 um excepcional filme de Louis Malle consagrada com o prémio especial da Bienal de Veneza «OS AMANTES» Com Jeanne Moreau e Jean-Marc Bory

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D 18 anos)
4.ª semana! «O LADRÃO VEIO PARA JANTAR» Ryan O'Neal Jacqueline Bisset.

POLITEAMA (Tel. 326303)
ESTREIA às 21.45
(Grupo D - 18 anos)
Colorscope «MORTE E TRAIÇÃO» Com Tom Adams e Susie Hampton
Às 15.15 e 18.30
(Grupo B - 10 anos)
«O DIABO BRANCO»
Ciclo Terror à Meia Noite às 00.30
(Grupo D - 18 anos)
Hoje: «A CAVE» Amanhã: «PROVEMOS O SANGUE DE DRÁCULA»

VOX (Tel. 72080)
15.15 - 18.30 e 21.45 2.ª Semana
(Grupo D 18 anos) Colorido
A história de um dia de amor! «O ENCONTRO» Jean Simmons - Leonard Whiting.

ESTÚDIO (Tel. 555134/5)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos) 9.ª semana!
Um filme de Jan Kadar «MULHER À DERIVA» Rade Marcovic - Milena Dravic (Metro-Alameda)

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D 18 anos)
Eastmancolor. Ciclo Malandrice on Rock's «PROFISSÃO BIGAMO» Lando Buzzanca - Terry Tarday Raffaella Carra. Às 15.15 e 18.30 (Grupo D 18 anos) «AMNATE INFIEL»

ESTÚDIO 444 (Tel. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo D 18 anos)
5.ª SEMANA: Realização de Jean-Luc Godard «MASCULINO FEMININO» Marlène Jobert e Jean-Pierre Leaud Amanhã e Sábado às 00.30 Cinema Fora de Horas (Grupo D - 18 anos) «MASCULINO E FEMININO»

CINEARTE (Tel 660446)
15.00 e 21.00
(Grupo B 10 anos)
«EU JULGAVA O MORTO MR JANE» com John Wayne e Richard Boone «ZORRO O REBELDE» com Howard Ross

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
(Grupo D - 18 anos)
«O GRANDE CONQUISTADOR» e em complemento «A PELE DE UM MALANDRO»

APOLO 70 (Tel. 763319)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo B 10 anos) 3.ª semana
Technicolor Um filme Saudável como vitamina! «JERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA» com Jerry Lewis.
Hoje às 24.00
Clássicos à Meia Noite
(Grupo D - 18 anos)
«O PROCESSO» de Orson Welles

EDEN (Tel 320766)
15.30 - 18.30 e 21.45
(Grupo C-14 anos)
Colorido O SEU NOME ERA ESPIRITO SANTO» Gianni Garko

CASINO ESTORIL
17.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
Technicolor «FUGA NO PÂNTANO» com Sandra Dee, Roy Thinnes e Albert Salmi

S. JORGE (Tel. 54153/54154)
De novo hoje às 21.30 Sean Connery é James Bond «007 - OPERAÇÃO RELÂMPAGO»
(Grupo C - 14 anos)
15.15 e 18.15
Últimas de «MATAR OU NÃO MATAR EIS A QUESTÃO»
(Grupo D - 18 anos)

AVIZ (Tel. 47163)
15.30 e 21.45
20.ª Semana
CONTINUARAM A CHAMAR-ME TRINITA» (Terence Hill e Bud Spencer

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
(Grupo B 10 anos) 2.ª semana!
Technicolor A História imortal de «SANSÃO E DALILA» com Victor Mature e Hedy Laman

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Cá vamos pagando e rindo»

GIL VICENTE
22.00 (18 anos)
«Fuenteovejuna»

A. B. C.
20.46 e 23.00 18 anos)
«Pró menino e prá menina»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«Sexo, nunca! Somos britânicos»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«volta de Jesse James»

MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Nova York clandestina»

JARDIM CINEMA
21.30 (18 anos)
«As noivas da morte»

OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«Comando Suicida»

FACAVÉM
S. José
21.15 (14 anos)
Espectáculo com Untónio Mourão

MAYER
21.00 (18 anos)
«O pequeno grande homem»

RESTELO
21.30 (18 anos)
«As Servas de Drácula»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«Eu julgava-o morto Mr. Jake»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Trinitá cowboy insolente»

OEIRAS
Oeiras-cine
21.00 (18 anos)
«Transplantação»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (14 anos)
«Fuga no Pântano»
Palácio
21.30 (18 anos)
«Quem é Harry Kellerman»
Esplanada
21.30 (18 anos)
«A Testemunha»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Desforra apache»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (10 anos)
«Oliver»

QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Desordem na terra dos Gringos»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A Mão de ferro»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«O amante da Ursa MAIOR»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
21.15 (18 anos)
«Cabaret»

COVA DA PIEDADE
União Artística
21.15
«Encontro com uma mulher de 30 anos)

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (14 anos)
«Sua Excelência o pendura»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO
21.30 (8 anos)
«Amor vagabundo»

COLISEU
21.30 (6 anos)
«Musica no Coração»

VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«Segue-me querido»

TRINDADE
21.30 (14 anos)
«Os Profissionais»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«As fotos proibidas de uma pessoa de bem»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«A mão de ferro»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Suite em hotel de luxo»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (10 anos)
«Continuaram a chamar-me Trinitá»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Perdido por Cem»

CARLOS ALBERTO
21.30 (10 anos)
«Homens em fúria» e «Os Libartadores»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«O Lago de Drácula»

TERÇO
21.30 (14 anos)
«Máscaras de cera»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.00 (10 anos)
«Atalante»

TIVOLI
21.30 (10 anos)
«O Homem das Mulheres»

AVENIDA
21.00 (14 anos)
«O Jovem leão»

SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«O terror do castelo dos mortos vivos»

EXPOSIÇÕES

AR.CO — Trabalhos de Ana Vieira (das 9 às 20 e 30) — Fecha aos sábados e domingos.

CENTRO — Pinturas de Ana Maria Botelho (das 10 às 13 e das 15 às 19 h). Fecha aos sábados e domingos

DIPROVE — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.).

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Pinturas de Turner (dias úteis das 15 às 20 h.; domingos, das 10 às 17 h) — Fecha às 2.ªs-feiras

GALERIA 111 — Esculturas de José Rodrigues (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.) — Fecha aos domingos

GALERIA DINASTIA — Pinturas de Luis Jardim e Fernando Lemos (das 10 às 13 e das 15 às 17 h) — Fecha aos domingos.

GALERIA JUDITE DACRUZ — Trabalhos de Miguel Yeco (das 11 às 13 e das 15 às 19 h)

INTERIOR — Tapeçarias de Maria Velez (das 10 às 19 h) — Fecha aos domingos

MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA — Para uma visão táctil, dedicada a cegos

OPINIÃO — Guaches de Kiro (das 10 às 20 h)

PALACIO FOZ — Pinturas de Vilma Rojas e de Maria Helena Matos Pereira

PAVILHÃO DOS CONGRESSOS DO ESTORIL — XVIII Salão da Primavera (das 11 às 13 e das 15 às 19 h).

PRISMA 73 — **Pintura e desenho de Júlio Resende (das 15 às 20 h) — Fecha aos domingos**

QUADRANTE — Pinturas de Fausto Boavida e Eduardo Cruzeiro (das 10 às 13 e das 15 às 19 h) — Fecha aos domingos.

S. MAMEDE — Pintura do Grupo Cobra (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)

BARS BOITES restaurantes DANCINGS

HIPOPÓTAMO Com Heider Reis Encerra aos domingos **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384**

FANTASMA-Dancing Caveau — com variedades Maria Helena Odete Maria Domingos Ramos e o fabuloso Tony Sandro e Garcia e o seu conjunto **R. Gomes Freire, 145-b** Aberto das 18 h às 21 e das 22.30 h às 05.00 h

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado Variedades internacionais. **Telefones 26461, 264526, 264596, 264621 e 264946**

NINA **Dancing** com atracções **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Telef 34859-365167**

SOLAR DA HERMÍNIA Hermínia Silva, hoje e sempre **Largo Trindade de Coelho, n.º 10 e 11.** Encerra aos domingos **Telef. 320164**

EL CIDE **Dancing** com variedades. Com o conjunto «X 4» **Rua Bernardo Lima, 18-A** (ao Conde Redondo» **Telef. 560538.**

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A**

TAMILA Marão e s conjunto Matinées todos os dias Encerra aos domingos **Avenida Duque de Loule, 69. Telef. 534117**

LUSO Grande elenco de fado fado de Lisboa por Augusta Ermin da e José Luis Tomar fado de Coimbra por Américo Silva Em fado castiço Cristina Maria **Travessa da Queimada, 10. Telef. 362889.** Aberto todos os dias

SAN-PAYO — Bar-boite c/ musica constante Aberto até às 5 h da madrugada **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Telef. 561422** (Ar condicionado)

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L.
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185 1.º 2.º E - 4.º
TELEF. 654531/2 - 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL. DIBOA, TELEX 1363
LISBOA - PORTUGAL

Hospital Ocidental de Lisboa

Foram declaradas, como, então se noticiou, de utilidade pública urgente as expropriações necessárias para a construção dos novos hospitais centrais de Lisboa, em conformidade com as plantas parcelares aprovadas pelo ministro das Obras Públicas.

Por despacho de 28 de Maio último, foi aprovada a planta parcelar dos terrenos necessários para o Hospital Ocidental de Lisboa; e as parcelas que vão ser objecto de expropriação constam do «Diário do Governo» (2.ª Série, n.º 139).

DL/NACIONAL

Voltou a água à cidade do Porto

PORTO, 14 — A situação resultante da falta de água, que se verificava desde segunda-feira, estava a tomar aspectos verdadeiramente dramáticos. A perspectiva era de que o abastecimento de água à cidade só se normalizava ontem. Ontem, porém, precisamente às 23 e 15, começava a jorrar água dos canos. Os gritos de «já há água!» ecoaram no interior das casas, e nos bairros mais populosos mais populosos foi com verdadeira alegria recebida a notícia, principalmente nas zonas baixas da cidade.

Aquela hora, estava substituída a conduta geral na estação elevatória do Freixo por uma outra conduta, igualmente de aço e com 750 mm de boca. Contudo, algumas zonas da cidade, as que se situam nos locais mais altos ainda aguardarão mais uns dias a chegada da água, isto porque está a ser difícil conseguirem-se as reservas, uma vez que o consumo, em alguns pontos, se está a fazer com exagero.

Aguarda-se que neste fim-de-semana a situação se normalize, pois haverá menos gasto de água com a saída de muitas pessoas que vão para fora. Isso permitirá o enchimento dos depósitos e reservatórios, e, assim o abastecimento de água à cidade ficará normalizado.

Lord inglês em Lisboa

Chegou ao princípio da tarde a Lisboa o subsecretário de Estado parlamentar do Departamento do Comércio e Indústria do Reino Unido, Lord Limerick, cuja visita se insere no programa comemorativo da Aliança Luso-Britânica e, particularmente, do Dia Nacional da Grã-Bretanha na Feira das Indústrias, que decorre hoje.

Lord Limerick permanecerá em Portugal até domingo.

Três mortes violentas

Embora um dos trabalhadores da obra o avisasse de que o engenho da betoneira ali em serviço e que fazia descer ou subir os baldes de cimento, não se encontrava a funcionar bem, o mestre de obras Manuel Alves da Cruz ordenou que descessem um balde que se encontrava no primeiro andar do prédio em construção, o qual, soltando-se, o apanhou pela cabeça, matando-o de golpe. O corpo recolheu à casa mortuária do Barreiro.

///

Ontem, na Travessa da Agua da Flor, ao Bairro Alto, em Lisboa caíu da janela à rua um homem que aparenta 65 anos, o qual, transportado ao Hospital de S. José, chegou ali já cadáver. O corpo deu entrada no Instituto de Medicina Legal.

///

Armindo Pereira, de 59 anos, residente na Rua Armindo Gomes de Carvalho, 8, r/c. esq., em Moscavide, resolveu ir tomar banho numa lagoa na Quinta da Maçaroca, em S. João da Talha. Talvez por ter sido acometido de indisposição, já dentro de agua, a verdade é que acabou por morrer afogado.

O cadáver foi removido para o Instituto de Medicina Legal.

TURISTA ROUBADO

Lienhart Otto, turista suiço em férias no Algarve, não teve a sorte por elequando, ao regressar do banho numa das praias perto de Faro, verificou que todo o recheio do seu automóvel, em que se incluíam máquinas fotográficas, binóculos, «cassetes», documentos e 5.600 francos suiços em dinheiro e cheques de viagem, desaparecera. Otto correu à Pplícia de Faro, a quem participou o facto, queixando-se de que, dada a penuria em que ficou, terá de voltar imediatamente à sua terra, acabando assim abruptamente as suas férias.

NOTAS VÁRIAS

PRESIDENTE DO CONSELHO EM ELVAS

O prof. Marcello Caetano visitou a Estação de Melhoramento de Plantas, em Elvas, onde foi recebido pelo respectivo director, prof. Vitória Pires. O Presidente do Conselho percorreu demoradamente os vários departamentos que integram aquela Estação, tomando conhecimento do desenvolvimento da produção conseguida graças à sua actividade, designadamente a produção de trigos que, nos últimos 25 anos, aumentou em mais de dois milhões de contos.

PROF. MOTTA CAMPOS NOS AÇORES

Na continuação da sua visita aos Açores, o ministro de Estado para o Planeamento Económico, prof. Motta Campos, dirigiu-se esta manhã para a ilha do Pico.

EXPOSIÇÃO NA LIGA DOS COMBATENTES

O ministro da Marinha, almirante Pereira Crespo, inaugura logo, às 18 e 30, uma exposição integrada no IV Concurso Nacional de Fotografia de 1973 da Liga dos Combatentes, que ficará patente na sede, na Rua João Pereira da Rosa, 18, até ao dia 21.

COLÓQUIO DE ENFERMAGEM

Terminou o I Colóquio Nacional de Enfermagem e Sinistro Automóvel, que durante três dias decorreu no Liceu Nacional da Figueira da Foz, com a participação de grupos de enfermeiros de Braga, Porto, Coimbra, Lisboa, Viseu, Castelo Branco e Guarda. As sessões do encontro foram fundamentalmente dedicadas ao estudo da problemática do acidente de viação.

À sessão de encerramento presidiu o governador civil do distrito, seguindo-se um almoço que teve a presença do presidente da Câmara Municipal.

FABRICANTES DE GELADOS

Hoje e amanhã, efectua-se no Hotel Palácio do Estoril a terceira reunião em 1973, de Euroglaces — Associação Oficial dos Industriais Fabricantes de Gelados do Mercado Comum. O encontro é dedicado à discussão de vários assuntos, entre os quais a reestruturação dos Estatutos devido ao alargamento da Associação com a presença de membros da Grã-Bretanha, Dinamarca e Irlanda, e ao constante fornecimento de manteiga, a preços muito reduzidos para a Indsutria, tal como são aplicados no Mercado Comum. Em particular, será debatido o estudo do projecto directivo da CEE para declarações de peso e volume de produtos alimentares pré-empacotados.

A MORTE DO BISPO DE MACAU

Ao fim da tarde, segue por via aérea, para os Açores, o caixão com os restos mortais do bispo de Macau, D. Paulo José Tavares. O funeral efectua-se amanhã, da Igreja Paroquial de Rabo de Peixe para o cemitério local.

Ontem, na Igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, houve missa concelebrada de corpo presente, a que presidiu o Cardeal Patriarca de Lisboa, tendo a absolvição sido dada pelo Cardeal Cerejeira. Presentes numerosas individualidades e familiares do prelado falecido.

NOITE MINHOTA

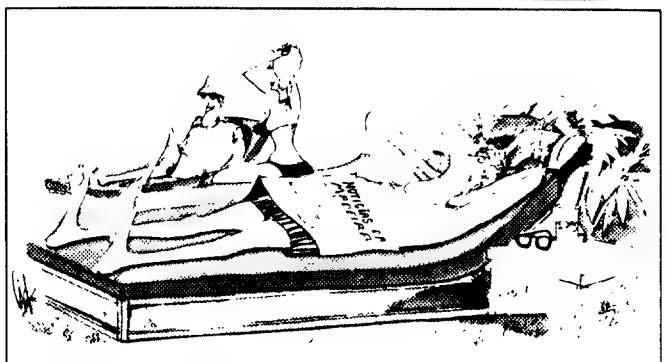
Integrada nas comemorações do cinquentenário da Casa do Minho, efectua-se amanhã, com início às 22 horas, naquela agremiação regionalista, a anunciada Noite Minhota. Entre os artistas que colaboram no programa contam-se a poetisa e declamadora Maria Manuela Couto Viana, os bailarinos do SEIT, Magda Cardoso e Jorge Trincheiras, o actor e imitador Luis Horta e o grande tocador de música folcórica Quim Barreiros.

NOVA ESTAÇÃO DOS CORREIOS

Os Correios e Telecomunicações de Portugal inauguram na próxima segunda-feira, às 12 horas, a nova estação de correios da Costa de Caparica, integrada no «Plano de Instalação e Reinstalação de Estações» daquela empresa pública.

O maior sortido de ouro, pratas e jóias a preços de concorrência
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

MAIS CARO? NÃO! Mais Vantajoso!
LONDRES
desde 3.100$
HOTEL PENTA (DE LUXO)
VIAGENS DE 4, 5, 6, 7 E 10 DIAS
PARTIDAS JULHO-23
AGOSTO-2-6-13-23-27
SETEMBRO-3-13-17
VIAGENS ACOMPANHADAS
INGLATERRA E ESCÓCIA
E AINDA LONDRES
desde 5.500$
7 e 10 DIAS
PARTIDAS JULHO-23
AGOSTO-6-13-27
SETEMBRO-3
VIAGENS ACOMPANHADAS
TRATAMOS DE PASSAPORTES
ACOMODAÇÃO LIMITADA
INSCREVA-SE JÁ
ESPECIALMENTE ABERTOS AOS SABADOS DAS 9,30 AS 12 HORAS
VIAGENS RAWES
LISBOA Correspondência R Bernardino Cos 37
Expediente Trav do Corpo Santo 15 Te 37c231
FARO — Rua Conselheiro Bivar 72 Tel 231



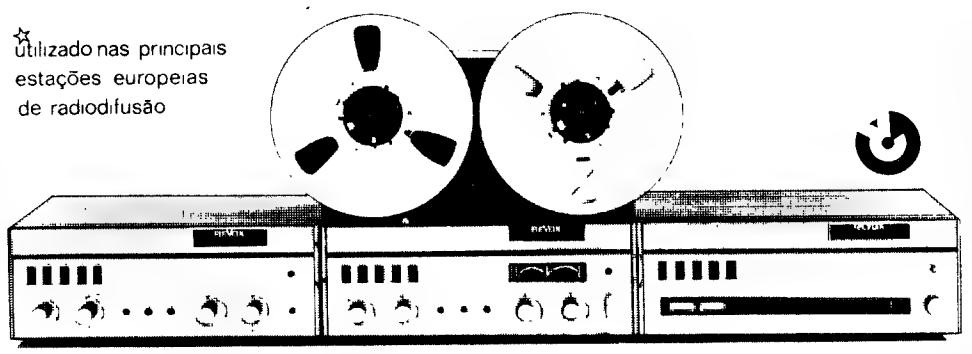
Aqui, a ociosa doçura do ambiente é contrária a esforços e preocupações. Por isso mesmo, Mr. Sheraton está connosco!

Aqui, no Madeira Sheraton, ele sabe que dispõe da maior variedade de diversões e entretenimentos — todos a mão, todos ao alcance dos seus desejos. O Sherafun é todo seu! As atracções do night club "O Farol" toda a noite jorrando alegria, cor e música! A atmosfera muito especial do bar inglês "The Pub" sempre cordial a servir lhe a sua bebida. Os restaurantes "O Churrasco" e "Os Arcos", cada um com o seu ambiente e especialidades culinárias diferentes. As piscinas, o alojamento, o serviço, as atenções Sheraton!

Reservas Lisboa 563911 - Funchal-31031
Madeira-Sheraton Hotel

PANORAMAS de PORTUGAL
CONHEÇA O SEU PAÍS PERCORRENDO-O EM «AUTOPULLMAN»
Tudo incluído (Hotéis de 1.ª classe), lembranças, «cocktails», seguro de viagem, etc.
23 DE JUNHO
28 DE JULHO
15 DE SETEMBRO
Consulte e Reserve na
WASTEELS EXPRESSO
Av. António Augusto de Aguiar, 88 - C
Telef. 4 21 85 LISBOA

REVOX A77 - o gravador preferido por melómanos e profissionais
utilizado nas principais estações europeias de radiodifusão



PEÇA UMA DEMONSTRAÇAO AOS PROFISSIONAIS DO SOM VALENTIM DE CARVALHO CI SARL
RUA NOVA DO ALMADA, 95-97-LISBOA 2 - RUA FERREIRA BORGES 150-COIMBRA - RUA DE STO. ANTONIO, 210-PORTO
VISITE NO 1.º ANDAR DA FIL O STAND N.º 1 606 /11

A TRADIÇAO DA OURIVESARIA NACIONAL É DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1880
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

DIÁLOGOS CONFIDENCIAIS

JOÃO ABEL MANTA

Lopes Graça.....
Portugal

SUPLEMENTO LITERÁRIO

Folhetim-artístico

FERNANDO LEMOS EXPÕE

Inaugurou-se há poucos dias ou vai inaugurar-se agora mesmo uma exposição de pinturas recentes de Fernando Lemos, na Galeria Dinastia, em Lisboa; será mostrada depois, na mesma galeria, no Porto.

Há exactamente vinte anos, em 1953, Fernando Lemos emigrou para o Brasil; e só o fui encontrando em S. Paulo ou em Paris. Em Lisboa, onde expuseram em 1952 com Vespeira e Fernando Azevedo e ainda, isoladamente, na Galeria de Março, «fotografias de várias coisas», expõe desenhos, em 53 na mesma galeria, de que fora um dos fundadores, e desenhos enviou, em 61, para a 2.ª Exposição Gulbenkian, sendo estranhamente preterido no prémio da especialidade. Entretanto obtivera o Prémio nacional de desenho numa Bienal de S. Paulo, em concorrência maior — mas, em Lisboa, Mário Chicó e eu fomos os únicos a votar nele, num júri inocentemente atraído por mesmo tipo graças de ilustração, aliás excelentes.

Mais nenhuma participação na vida artística portuguesa — e como «desenhista brasileiro» continuou a definir-se no seu novo país, premiado, celebrado, discutido. Cerca de 67 voltou à pintura que praticara ao princípio e de que se arredara voluntariamente, durante uma dúzia de anos; nesse ano teve uma sala especial na Bienal paulista que eu próprio apresentei.

Entretanto, bolseiro da Gulbenkian, fora ao Japão, aonde insisti que fosse — e lá ficou uma temporada a trabalhar. Ali pôde ele entender as relações necessárias da sua arte com a caligrafia oriental — e melhor medir a diferença essencial da «calimorfia» que, achava eu, ele próprio necessariamente praticava.

Em 71 vi a sua exposição numa galeria de S. Paulo — e agora, a dois anos de intervalo, vejo os quadros que expõe em Lisboa. Eu próprio lembrei numa revista há pouco saída o que foi, em 52, a exposição de Lemos-Azevedo-Vespeira na Lisboa de então — ainda **«anémica», como dela dissera Amadeo trinta e cinco atrás...**

Fernando Lemos expõe portanto e agora em Lisboa, respondendo a múltiplos convites de galerias e de «marchands» e escolhendo uma das salas que se lhe ofereciam. Não sei se já fiz ou se vou fazer daqui a dias (escrevo de longe e é-me difícil referir-me à data de saída deste artigo) uma palestra sobre ele, integrada na série que a A.I.C.A. se encarregou de organizar na mesma galeria. Terei então falado, ou irei falar, dele, Lemos, e de outros há vinte anos — e no que era Lisboa e as suas artes vinte anos depois a esta parte. Expliquei (ou explicarei) então porque é que o Lemos se foi embora — e foi ele o primeiro a fazê-lo, na sua geração, a «terceira», e o único durante muitos anos.

Fernando Lemos-52 foi a mais escandalosa exposição que Lisboa viu, depois que Amadeo aqui expusera em 16, e certamente com mais impacto do que a exposição do Grupo Surrealista, três anos antes, ou a de António Pedro-Dacosta-Boden em 40. Na exposição de 49, aliás, se originou a exposição Lemos-Vespeira-Azevedo acontecida numa casa de móveis e decorações de luxo, a Jalco, graças à divertida compreensão do dono e à intervenção do arquitecto Conceição Silva. Foram, então, dez dias de Janeiro que abalaram a arte portuguesa, num dos seus pontos mais sensíveis — o Chiado... A polémica do surrealismo e da abstracção, que fervera de 40 a 50, teve ali o seu momento mais grave, momento de charneira, após o qual a integração da pintura portuguesa no mundo moderno foi assegurada, ganha a partida em que alguns artistas, poucos, e pouquíssimos companheiros seus, se tinham empenhado.

A emigração de Lemos foi, nessa altura, ou pouco depois, a consequência negativa dessa vitória alcançada no vazio, para além das possibilidades menos que modestas da sociedade portuguesa — possibilidades intelectuais e económicas, bota-de-elástico por um lado, pé-de-meia por outro.

Foi emigrante típico, passou fome, dormiu em banco de jardim. Ganhou, perdeu, bateu-se como um danado, teve ilusões e desilusões, **alguns filhos... O que nos mostra, na** Lisboa-73, é **o calmo e maturo resultado disso tudo.**

Ao chegar ao Brasil, pintou um grande painel mural. Escrevi algures que ele respondia aos frescos das gares marítimas de Almada Negreiros — dando corpo à obra dos emigrantes que em Lisboa se vêem partir, colados à amurada do vapor, embiocados e saudosos já. O enorme painel que representava o nascimento e o desenvolvimento da metrópole paulista era a obra possível dessa gente emigrada — que no novo solo ganhava novas forças e vencia. **Destruído por incúria (o que deu origem a um processo)** o painel desapareceu e dele resta apenas uma fotografia que publiquei num número antigo da «Colóquio». Com ele, porém, Lemos garantia algo na pintura portuguesa — como o garantir a Vieira da Silva, e muitos

Hoje, a dimensão que Fernando Lemos dá à pintura portuguesa perdeu o significado que há vinte ou ainda mais anos tinha; uma mudança operada na arte nacional, ou, melhor, no «facto artístico» nacional, graças à contribuição dos emigrantes sem dúvida, mas também a uma mutação interna, de ordem social. Lemos é um entre outros: não caiu do céu...

Mas é um entre os melhores — e é isso que importa ver. Daí o valor de acontecimento da sua exposição, e a razão que a minha amizade tem.

Lemos é, sem dúvida, a maior força criadora da sua geração — para além de desistências, de amarguras, de habilidades, de comercialismos. O seu desenho situou-o internacionalmente, pela originalidade da problemática criada; a sua pintura, partindo dele, atingiu hoje uma definição formal importante, no domínio de uma semiologia ao mesmo tempo grave e irónica na sua carga semântica. Os enormes signos que nos propõe agora jogam ao mesmo tempo no plano e no espaço, assumindo uma materialidade concreta, em termos de modelação simulada. As suas tensões internas definem um sistema de contradição dinâmico que constitui o significante necessário numa operação «aberta».

Num meio artístico mui recém-criado e furiosamente comercializado, com caricata ingenuidade, como é o lisbo-portuense, a pintura Fernando Lemos arrisca-se a ser mal entendida. Porque é uma pintura «difícil», podemos, porém, pensar que será entendida por bons entendedores — a quem esta meia palavra que dou bastará...

de José-Augusto França

CRUZEIROS INSULANA ☆ N/M "FUNCHAL"

JÁ PENSOU QUE PODE GOZAR 8 DIAS PLENOS DE FELICIDADE VISITANDO 5 LUGARES DIFERENTES SEM FAZER E DESFAZER AS MALAS ?

Pois é verdade...

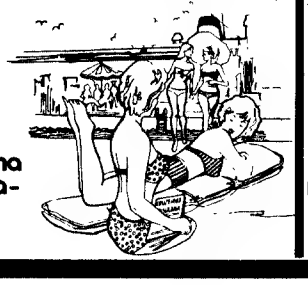
Pode conhecer o misterioso encanto de MARROCOS visitando **CASABLANCA** e em **MARRAKECH** os Souks e a famosa praça Djemaa el-fna com os seus encantadores de serpentes, acrobatas e bailarinas...

a bela **ILHA DE TENERIFE** nas CANÁRIAS lugar internacional e muito em voga...

a incrível beleza da **ILHA DA MADEIRA** a pérola do Atlântico sempre florida e a cidade do **FUNCHAL** repleta de tipicismo e de tradições...

a paradisíaca ilha sempre verde de **S. MIGUEL** nos AÇORES onde a natureza se mantem intacta e onde entre outras maravilhas podemos ver a majestosa LAGOA DAS SETE CIDADES com as suas águas divididas em cambiantes de azul e verde

Tudo isto a preços excepcionais e sem a parte incómoda das viagens (as deslocações, as malas, as mudanças de hotel) antes gozando o Sol e o ar puro do Oceano aliado ao requinte da boa mesa, jogos e diversões, bronzeando-se na piscina e dormindo noite repousante no seu camarote com banho privativo, alcatifado e climatizado



O luxuoso paquete **FUNCHAL** foi propositadamente remodelado a pensar no seu conforto.

VIAJE CONNOSCO QUE O HOTEL VIAJA CONSIGO

Próximas saidas de LISBOA:

19/6 regresso a 27/6	17/7 regresso a 25/7
3/7 " " 11/7	31/7 " " 8/8

Reserve desde já lugar no seu agente de viagens ou na

EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

RUA AUGUSTA, 152 – LISBOA-2 – TEL. 677181

COMO TRABALHAM OS NOSSOS ESCRITORES?

URBANO TAVARES RODRIGUES: "O ESCRITOR ENCONTRA-SE ISOLADO"

Urbano Tavares Rodrigues

No prefácio da 3.ª edição de **«Nus e Suplicantes»**, que alguma crítica considerou **«o livro mais comovido e acusador de Uebano Tavares Rodrigues»**, lê-se, escrito por José Carlos de Vasconcelos: **Comecemos talvez pelo fim: ao cabo de dezoito anos de vida literária intensíssima com mais de trinta livros publicados __ quinze dos quais de ficção __ Urbano Tavares Rodrigues apresenta-se-nos, de qualquer ângulo que consideremos a sua obra, como uma das personalidades mais ricas e representativas da nossa literatura actual. E também __ assinale-se já __ como um dos escritores em que mais exemplarmente se tem cumprido um itinerário tendente a uma cada vez maior aproximação do real e a uma cada vez maior intervenção na circunstância portuguesa.**

Se por acaso Urbano Tavares Rodrigues __ que nesta altura já tem algo mais que os dezoito anos de presença literária acusados por José Carlos de Vasconcelos __ necessitasse de apresentação, aquele excerto intróito a **«Nus e Suplicantes»** talvez bastasse como tal. Mas a verdade é que o autor de **«Os Insubmissos»** e de **«Contos da Solidão»** não precise de identificar-se, visto tratar-se de um escritor de larga audiência, cujo nome já ultrapassou as fronteiras do nosso País. Acabado de chegar de uma viagem que o levou à União Soviética, Urbano Tavares Rodrigues não recusou trocar connosco o diálogo que se segue.

__ Como vês tu, Urbano, a consumação literária, neste tempo que todos dizem de crise?

E Urbano responde-nos ao vivo:

. __ **Na realidade, a arte literária, em que se inserem a poesia, o romance, o conto, a novela, vivem momentos de crise, tornando-se portanto mais difíceis. E por vezes é angustiante a atitude do escritor perante a folha de papel branco. Tenho-a experimentado muitas vezes, apesar de a minha obra ser já numerosa em títulos e de não poucas pessoas dizerem que me deixo levar pela facilidade de escrever, o que não é rigorosamente exacto. O que acontece é que eu tenho dedicado uma grande parte da minha vida a escrever, e isso é diferente. Há, pois, uma crise da literatura, do romance ou da novela, mas hoje há crise em todos os domínios da vida, quer na ciência, quer na técnica, quer nas relações humanas. Crise** __ e Urbano tem um gesto de vigorosa afirmação __ **significa crescimento, significa salto, mudança para outro mundo. Nós vivemos numa cidade já transformada e numa sociedade em transformação e nessa sociedade não seria possível (não me refiro ao lugar-comum de repetir o romance balzaquiano, zolaesco ou mesmo flaubertiano) fazer um romance à maneira tradicional. O que não implica que não se possa fazer, e não se deva mesmo fazer, obra de arte realista, ou seja, uma obra de arte vinculada ao real. Mas só será verdadeiramente realista, ao contrário do que se possa supor, aquela obra de arte que encontre os veículos mais adequados, não ao ponto de vista de linguagem, do léxio, da semântica, da semiologia, como da perspectiva literária... Em suma, o romance tem de ser hoje outra coisa.**

__ Queres tu dizer...

__ **Que o romance, para poder agarrar o leitor,** __ diz Urbano Tavares Rodrigues sem fazer caso da nossa intervenção __ **para poder cumprir a sua missão, que não será já rigorosamente tal como Luckacs dizia** «o de fazer a história da vida privada», **tem de ir mais longe, tem de antecipar o amanhã, tem de descobrir as pequenas mutações que se vão operando na vida de cada dia. O escritor que assim encare a sua obra terá se usar instrumentos extremamente subtis. Portanto, o romance verdadeiramente realista é o romance capaz de captar de modo flagrante uma realidade em transformação, capaz de nos dar as imagens do futuro, rasgando o véu que nos esconde essas imagens e dentro de uma perspectiva que para mim deve ser (e eu falo por mim) uma perspectiva socialista da vida e do futuro.**

É aqui que me lembro, eu, o repórter que entrevista este impertérrito domador do tempo, que por acaso se chama Urbano Tavares Rodrigues (e aqui sei eu do acaso para assim pressagiar?) de certo pedaço de um outro livro seu, um livro de **«leitura incómoda»** no dizer de um poeta, José Saramago, e que eu considero, se me dão licença, uma obra cheia de raiva salutar, «violenta até onde pode ser uma obra literária»: **«A vida podia ser outra coisa. Já o fora, mesmo para ela. O campo, apesar de tudo, era diferente. Lá, ao menos, havia céu, sol, folhas, silêncio e grilos. Reverdeciam na boca avé-marias em estradas de poeira luminosa, de manhãzinha, quando a aurora gemia no meio dos salgueiros, à beira-rio, num tempo tão breve!, de azul, de esmalte, de brisa. Sim, também ela conhecera o ramalhete louro dos sonhos; e mesmo na fábrica, mourejando, já a escarrar sangue e raiva...»**

. __ Urbano: vamos falar da condição do escritor entre nós?

. __ **Isso envolve pelo menos dois aspectos. É-me difícil falar do escritor, sem falar da relação escritor-público. Estamos num país onde as tiragens são muito baixas e onde com excepção de poucos escritores que têm maior audiência e que portanto conseguem chegar às dezenas de milhares de exemplares, o normal é atingirmos os dois ou três mil exemplares. Entre nós já muitas pessoas têm conseguido dizer melhor do que eu como o escritor deve suprir essas dificuldades de comunicação, indo ao encontro do público através de recitais, através de colóquios (conferência é uma palavra antipática no que implica de paternalismo, de espírito catedrático). No momento em que tanto se fala, e bem, na educação não diri-gista, parece-me que este aparte cabe aqui perfeitamente.**

__ Queres dizer com isso que o escritor sentirá, inevitavelmente, um certo vácuo à sua volta, uma quebra na cadeia de comunicação que necessita manter?

. __ **Sim, o escitor encontra-se um bocado isolado. Repara: o escritor fala ou escreve para quem? Para um público ideal constituído por amigos, por companheiros ideológicos ou por algumas pessoas que ele não conhece e que nem têm que ter a sua ideologia. De resto, há a ideologia escolhida e a ideologia subjacente, a ideologia de classe contra a qual o escritor luta muitas vezes (e dessa dialéctica nasce até a riqueza de obras cheias de contradições). Mas, voltando ao que eu dizia, o escritor dirige-se a um público ideal. Limitado, é verdade, e que, no entanto, existe. Esse é o grande milagre da obra literária, da realização literária: é que, apesar de tudo, esse público ideal existe. E, por vezes, temos a surpresa de encontrar pessoas que nos falam com inteligência, com sensibilidade, de obras que escrevemos e que essas pessoas enriquecem com coisas que nelas descobriram, porque nelas se foram reconhecer, porque nelas se leram a si próprias, porque as completaram, porque as perfizeram. Portanto, o romance, e quem diz o romance, diz a novela e o conto, é um veículo de comunicação, de contacto, de trnasmissão, entre escritor e leitor e por isso é que vale a pena escrever. É como uma corrente: escrevemos, «enviamos» a mensagem e a mensagem é-nos devolvida com certa riqueza, embora algumas vezes haja leitores que, pela insuficiência da cultura que não puderam adquirir ou até por diferenças de sensibilidade ou por estarem voltados para outros domínios da inteligência e da técnica, não a recebem do mesmo modo. Mas a mensagem (e insisto nisso) é muitas e muitas vezes devolvida e enriquecida pelas literaturas. Daí que o romance deixe de ser de quem o escreve, viajante do tempo e do espaço, inicialmente de origem individual mas após alguns anos já cheia de incrustrações que lhe vêm dos leitores que lhe dão uma espessura colectiva. Isso acontece sobretudo com as grandes obras. Acontece com um Bocaccio, um Cervantes, um Sthendal, um Gogol, um Dostoiewsky, um Lawrence, um Joyce, um Huxley e tantos outros dos escritores do nosso tempo, felizmente, como um Elio Vittorini, um Carlo Levi, um Claude Simon, uma Marguerite Duras, um Carlos de Oliveira, um Cardoso Pires, um Augusto Abelaira, uma Fernanda Botelho, etc.**

Interrompemos. Tínhamos de interromper. Urbano Tavares Rodrigues possui o fogo do verbo, não roubado aos céus como o de Prometeu, mas criado na sua longa angústia de se dar aos outros, dizendo. E perguntámos na sequência daquela citação de nomes:

. __ Crês que a nossa literatura é assim tão rica?

. Há um lampejo de espanto, perante a nossa inventada dúvida, nos olhos vivos de Urbano.

__ **Mas nós temos uma literatura rica** __ afirma convictamente, quase rudemente, como se não consentisse tal hipótese de dúvida. __ **É quando vamos ao estrangeiro, como no caso desta minha viagem de agora, que no-lo dizem.**

«Bastardos do Sol» __ vamos lá ver se com algum cambiante __ surge-nos na memória. Um pequeno excerto __ e quem sabe se colocado no tempo exacto desta entrevista, menos isso, afinal de contas, e mais diálogo de velhos amigos: **«Fraternidade, havia-a, sim, ainda a riqueza não dividia os corações e todos se diziam, com a alma na boca, «manos» e «manas», «compadres» e «comadres». Fraternidade, sim, mas uma negra fraternidade, só para os homens de pelico surrado e de barriga comprimida, que davam de jantar aos filhos caído de osso, ou para os madraceirões sombrios dos largos do desemprego. E havia a aliança dos outros, das samarras de gola de raposa, o convénio não menos inexorável e quanto mais contundente dos interesses ameaçados».**

Mas a nossa conversa já vai por outro caminho, no encontro do jornalista e do escritor. Do jornalista que escreve todos os dias por mor do seu brio profissional e do seu ganha-pão e do escritor que, por via de isso gostaria de registar um labor quotidiano impossível. E Urbano diz-me:

__ **Eu acho que a segunda profissão é muito importante para o escritor no início da sua carreira. Para mim, o jornalismo foi de facto uma experiência profunda, viva e apaixonante. Trouxe-me muito, e certamente eu não teria sido o escritor que sou, bom ou mau, isso agora não interessa (não sou eu que me julgo), se não tivesse tido esse contacto com a realidade, a nossa e a de outros povos, pois o jornalismo proporcionou-me viagens de grande utilidade, e sobretudo com a realidade do nosso povo, com a realidade da gente da minha terra. De facto, sem o jornalismo, o contacto com as classes trabalhadoras, no meu caso, talvez tivesse ficado apenas pelas minhas experiências de infância e de adolescência. Depois, provavelmente, ter-me-ia afastado como acontece com tantos intelectuais. Com o jornalismo, não. Afinal fiquei em contacto fraternal com os tipógrafos, por exemplo, durante quase toda a minha vida. E, devido ao trabalho diário, quer em sondagens à opinião pública, quer em inquéritos, quer em reportagens, conheci desde os quartos das pensões baratas que agora proliferam por Lisboa devido à carestia dos aluguéis, até aos bairros da lata, aos estivadores do porto, às empregadas das lojas, etc. O jornalismo deu-me, realmente, uma experiência rica. Mas** __ e o «facies» de Urbano perturba-se, dramatiza-se __ **não posso deixar de dizer que efectivamente, a partir duma certa altura da vida, quando o escritor já assimilou muito daquilo que tinha a assimilar e se sente na plena posse das suas capacidades de comunicação, pois bem, é uma terrível frustração para mim e para tantos outros como eu não poder ser apenas escritor. Talvez eu não fizesse uma grande obra literária (de resto, hoje tenho cada vez menos ambições) mas certamente que teria feito, que faria ainda melhor. Sim, sinto que poderia fazer ainda qualquer coisa de muito importante. E talvez lá chegasse, se não me visse obrigado a uma existência cheia de trabalho ainda por cima agravada com falta de saúde. O jornalismo toma-me muitas horas e cada vez menos posso ser escritor, na altura em que mais desejaria e precisaria de o ser e seria natural que o fosse, integralmente.**

Em Urbano Tavares Rodrigues a juventude é uma coisa latente, ardente __ como a sarça perpétua. A juventude e o amor. Os seus livros acusam, quase todos eles, apesar da rudeza que não raramente se trava na sua palavra subtil, uma certa ânsia por salvar uma coísa e outra. Recordo-me duma passagem do diálogo da sua peça **«As Torres Milenárias»**: **«Ouves? Há desastres e pânico por todo o lado. E para todos estes vai ser muito pior. Mas se formos de mãos dadas por aí fora e voltarmos as costas a isto, de vez, mesmo que seja com uma «chance» em mil de sobrevivermos, pois bem, Luís, juro-te que hei-de descobrir o sol no meio das ruínas e dos cadáveres, e hei-de sorrir ao vento e a toda a gente que seja capaz, como eu, como tu, de inventar rosas, rosas gigantes, contra os perigos, contra o tempo, contra a morte».**

Não sei se foi o rememorar deste texto que nos levou, ao repórter e a Urbano, a conversarmos sobre o que pensava ele das novas gerações de autores. E ele disse-nos o que pensa:

. __ **Penso que é cada vez mais a altura de nós nos calarmos e de eles falarem. E nesse ponto estarão provavelmente comigo o Abelaira, o Carlos de Oliveira, o Namora, o Cardoso Pires, a Maria Judite, e outros do meu tempo. É verdade que hesitamos ante o novo livro e nos perguntamos se já não dissemos aquilo que tínhamos a dizer, ou o principal do que tínhamos a dizer. Ao contrário do que possa parecer, o verdadeiro escritor tem tendência para refazer sempre o mesmo livro. E através de novas perspectivas, de novos casos, de novos campos sociais, vai repetindo aquilo que trazia dentro de si para dizer o que só ele poderia dizer. Agora até é natural que eu comece a pensar três vezes antes de escrever um novo livro. De resto, as últimas coisas que tenho publicado são mais do tipo da crónica e do ensaio do que propriamente do romance. Claro que, apesar estou a escrever um romance. Já ando há dois anos às voltas com ele e espero acabá-lo, não este ano (porque este ano tem sido um ano particularmente duro para mim sob muitos aspectos), mas para o ano que vem.**

__ Que tipo de romance? __ indaguei, um olho na face vivida de Urbano, outro no gravador, não fosse a bobina chegar ao fim, pregando-me a partida de um trabalho incompleto.

__ **Será um romance um pouco diferente na sua estrutura. Um misto de inquérito social e de indagação subjectiva, assim como que escrito em**

Continua na pag nove

criámos e desenvolvemos uma profissão de vanguarda:

consultor de segurança Império

Este homem é um Consultor de Segurança Império.

Na vida moderna pensar em segurança é um dever social — para si próprio, para a família, para a empresa.
Mas pensar em segurança obriga à utilização de conhecimentos técnicos, à interpretação de leis, a raciocinar em termos económicos e fiscais.
Gerir os seus interesses da forma mais adequada de acordo com as necessidades de futuro é, de facto, tarefa que necessita do apoio de especialistas.
Tal como na electrónica, na saúde ou em finanças existem especialistas para o assistir, a Império criou e está desenvolvendo uma profissão de vanguarda:

Consultor de Segurança.

Um profissional especializado para lhe aconselhar um plano global de segurança à sua medida.
Um homem que tem a apoiá-lo a organização que a Império representa no espaço português.
Um homem seguro para lhe falar de segurança.

Comece com uma entrevista confidencial.

O Consultor de Segurança Império é um profissional rigorosamente preparado. Está apto a estudar, a conhecer o seu problema, a aconselhar.
A Império orgulha-se dos seus homens.

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

PENTA - CS. - CS3 - 73

ALVES REDOL EM BUSCA DO REALISMO

. «Em busca do realismo» é o título que dou a este artigo. Dir-se-á, no entanto, que vou antes falar de outra coisa. Com efeito, no mesmo ano (de 1939) em que veio a lume o romance **Gaibéus**, publicou Alves Redol um ensaio etnográfico — **Glória, uma aldeia do Ribatejo** — que vai constituir o objecto imediato destas linhas. A verdade, porém, é que plenamente se justifica falarmos deste pequeno estudo a propósito da busca de realismo em Redol. E não é difícil encontrar um significado na simultaneidade dos dois textos **(Gaibéus e Glória)**. Iremos, assim, procurar identificá-los na medida em que o segundo é, a meu ver, um importante complemento do tempo em que o romancista iniciava a sua demanda realista do «homem» e das «coisas».

Circunstâncias da minha vida profissional levaram-me a viver uns quatro anos nas imediações da aldeia da Glória. Menos enfronhado, então, nas questões da literatura, e muito menos ainda no particular desta ou daquela orientação estética, eu estava relativamente longe de ler este ensaio de Alves Redol. Aliás, quando comecei a entrar na obra do autor de **Uma Fenda na Muralha**, do dramaturgo de **A Forja**, foi pela via da ficção. A leitura de **Glória, uma aldeia do Ribatejo** aconteceu bem mais tarde, quando já a conhecida, por tê-la visto de perto, na sua singularíssima gente e nos seus curiosos costumes. E recordo que até tinha um pequeno livro de apontamentos onde inscrevi muitas das palavras que lhes ouvia, umas mais insólitas (na aparência), outras mais capitosas e expressivas de um estado de alma, de uma qualidade própria ou alheia das pessoas e das coisas. Com muita curiosidade, assim se explica que tenha encontrado este ensaio de Redol nos começos da sua busca do real pela arte narrativa.

Parece-me, precisamente, que pelo menos por duas vias poderíamos ir ao encontro da génese do realismo em Redol. Por um lado, um caminho de síntese: a dissolução dos obstáculos que para o homem (na literatura) pareciam figurar um fatalismo sociológico, liquidação essa de que **Gaibéus** marca o início, este porém anunciado pelos contos de Afonso Ribeiro **(Ilusão da Morte**, de 1938); por outro, integrado numa dialética de sentimentos, a que aludiu Celso Cruzeiro em «Alves Redol a alguns problemas do neo-realismo português», a segunda via: o seu amor às pessoas e às coisas, que se encontra na base da sua reflexão sobre o mundo das relações económico-sociais entre a propriedade, o capital e o trabalho. Ora, é nesta segunda via que me parece situar-se o ensaio etnográfico sobre a aldeia da Glória. Eis aqui um elemento muito importante para andarmos, retroactivamente, na sequela das raízes realistas de Alves Redol.

..Mostrando plena consciência do que significam as íntimas e indestrutíveis relações entre a «teoria» e a «prática», e até pressentindo, sem dúvida, o relevo que os problemas da linguagem assumiriam nas décadas seguintes e nas preocupações dos estudiosos do materialismo-dialéctico, Alves Redol escrevia estas palavras no preâmbulo do seu referido ensaio de 1939: «Deveriam as recolhas etnográficas ser dirigidas por entidade oficial que as centralizasse e seleccionasse, enriquecendo o material da nossa filologia, e executadas por professores especializados que, abandonando a sua habitual fossilidade, fossem até ao povo buscar, com entusiamo e carinho, os motivos tão belos da sua produção material e artística, e a tão eloquente expressão da sua linguagem».

Poder-se-á falar, neste teor, de um singular ponto de encontro. A tal propósito, no volume do mesmo ensaio, Rodrigues Lapa observava que (conforme as palavras que venho de transcrever), «a filologia seria assim um instrumento inapreciável de autêntica democracia». E o mesmo professor, comentando este ensaio etnográfico de Alves Redol (no n.º 587 da «Seara Nova», de 12/11/1939), entendia que, com ele, o então jovem escritor se tinha iniciado exemplarmente nos modernos processos de investigação etno-linguística, explorando sobretudo o chamado método das **palavras e coisas**, o mais apropriado para estes trabalhos.

Repare-se que eu falei, mesmo há pouco, num singular ponto de encontro. Ainda vem longe (em 1939) a plena «conversão» da linguística em sociologia — por outras palavras, e se é permitido dizer, a passagem de Ferdinand de Saussure para Claude Lévi-Strauss. É curioso, todavia, pensar em muitas coisas que sucederam neste domínio e também, se acaso isto não constitui uma larga ousadia, no título de uma obra recente, **Les mots et les choses**, de Michel Foucault. As palavras e as coisas, enfim: o sujeito humano, a mediação representativa, os objectos que subvertem aquele e que ele subverte.

Parece-me que estou a dar a entender aquela mesma ideia que há anos escrevi algures. Redol continua à espera de que os nossos estudiosos façam uma reflexão rigorosa, ampla, o mais possível rigorosa e ampla, segundo os termos não só de uma confrontação ideológica e teórica, mas também de funda análise estrutural.

Talvez mais do que nenhum outro, o romancista do povo tenha aliado, na sinceridade extrema da sua existência, a **teoria** e a **prática** — o que, como é por de mais sabido, constitui uma conexão essencial em todo o pensamento dialéctico. Ainda no já referido preâmbulo deste ensaio etnográfico sobre Glória, ele dizia claramente assim: «... escrever sem viver é agitar bonecos sem alma». Coisa que, evidentemente, sempre lhe havia de estar longe de interessar, cônscio de que a literatura autêntica tem de ser, antes de tudo e por tudo, descoberta (do real) que desaliena. Daí, Alves Redol afirmar no mesmo texto preambular de **Glória, uma aldeia do Ribatejo**, que a sua intenção é «poder servir, uma vez mais, o povo donde vim e que não trai». O que acontecerá sempre, aliás, com a sua ficção que vai ininterruptamente seguir-se a **Gaibéus**: serviço da cultura popular, pela sua arte reveladora de um real polémico, logo, de um real que esclarece para libertar. Quer em **Gaibéus**, quer neste ensaio de etnografia (ambos de 1939) está presente uma rubrica de Jean Guéheno, que encontramos no anterrosto de **Glória, uma aldeia do Ribatejo**, a qual virá a constituir como que um norte magnético de todo o neo-realismo: «Nunca se ensinou o povo ao povo. Nunca se lhe disse que ele também podia ter orgulho por tudo o que fez. A História, por comodidade e tradição, continua ligada aos grandes nomes brilhantes, como a espaçados focos luminosos».

O esquema do ensaio que estamos a pôr em causa reflecte a ideia-primeira do seu autor: recolha e análise de dados materiais (as coisas), busca de fenómenos que estruturalmente integram uma cultura e uma mitologia e por fim um glossário de expressões que tudo isto elas traduzem (as palavras). Assim, no domínio das coisas desfilam perante nós a charrua, a grade, o carro de bois, a cortiça, o moinho de vento, a cerâmica, a habitação e o forno de pão — tudo isto revelando, pelos seus significados próprios, um determinado tipo de vida que caracteriza os glorienses. Depois, no domínio dos factos, deparam-se-nos os jogos de infância, a arte manual, as manifestações teatrais, as danças, o cancioneiro, tudo numa análise dos comportamentos de grupo, porta aberta para o tipo de investigações do moderno estruturalismo. E no cume desta estruturação, não esqueceria Redol o fenómeno religioso, do qual disse a págs. 185: « religião não está radicada no espírito dos glorienses, porque a vida chorume de labores não é fértil ao erguer dessa superstrutura e também porque os actos rituais, sendo espaçados, não se lhes gravam no fundo das almas».

Quando publicou este seu ensaio sobre a aldeia da Glória, que a meu ver (como penso que acabo de demonstrar, ainda que em brevíssimo apontamento) constitui a busca de um caminho realista, quer pela recolha dos referidos dados materiais, quer pela descoberta de vários elementos dialécticos da existência popular, já Alves Redol publicara outras experiências no domínio da etnografia e nas suas relações com a produção literária. Recordo, por exemplo, os textos sobre os toiros e a caça (em «Vida Ribatejana», de 31 de Julho e 4 de Setembro de 1927) e os relativos ao Tejo e à lezíria (em «O Diabo» de 24 de Janeiro e 9 de Maio de 1937) que, como bem se sabe, vão ser a paisagem ao mesmo tempo material e humana de alguns dos seus melhores romances. Tudo isto constituirá em repertório material de que amanhã virão a ser gerados estados estéticos, artísticos, novelizados ou dramatizados. Repertório que, aliás, serve esta consideração: Redol, longe do formalismo, não tem a linguagem como ponto de partida e de chegada, mas como veículo das relações entre a realidade literária e a realidade à qual se refere a literatura. A literatura e a arte, como não podia deixar de ser, são para Alves Redol forma de projecção da realidade objectiva. Isto talha um conceito de realismo que, ao contrário do simplesmente burguês, não é só um problema de estilo.

FERNANDO LUSO SOARES

CINEMA

FILMAR OU NÃO FILMAR

Título: MATAR OU NÃO MATAR («Theatre of Blood»). Realizador: Douglas Hickox. Intérpretes: Vincent Price, Diana Rigg, Ian Hendry. Estreia no São Jorge.

Título: CAÇADOR DE ESCÂNDALOS («L'odeur des fauves»). Realizador: Ricardo Balducci. Intérpretes: Maurice Ronet, Dominique Alban, Vittorio de Sica, Francis Blanche.

Estabeleça-se o simples confronto entre um filme como o **Masculino-Feminino** de Godard e qualquer outro circulando no mercado, o **Caçador de Escândalos**, se quiserem. Por um lado, **chez Godard**, temos a transgressão metódica e deliberada de todas as regras de apreensão do «real», de todas as gramáticas narrativas e ainda de todos os modelos de estruturação de uma obra fílmica. Curiosamente, visto alguns anos depois, este Godard não provoca alarde ou rejeição: a sua leitura é evidente, a sua aparente transparência funciona, e existe uma transitividade imagem-espectador que nos perturba os circuitos de comunicação.

No outro pólo, o CAÇADOR DE ESCÂNDALOS, temos o cinema mais convencional possível, jogando-se por inteiro no interior de regras de há muito reconhecidas: cada imagem aparece como que legendada com o seu significado, e a ele se reduz sem margem para qualquer ambiguidade ou flutuação de sentido. Assim, quando uma rapariga, manequim, entra em casa do protagonista, forçada por dois indivíduos a tomar uma atitude que não é verdadeira, a rapariga treme o suficiente para a imagem nos **dar a ver** que ela está aterrorizada. A imagem é o **instrumento** que expressa esse terror, e **mais nada**. Todas as «ousadias» no modo de narrar são **insensíveis**. Assim, o diálogo entre Maurice Ronet e Dominique Alban desenrola-se em vários lugares, e em vários tempos, embora o diálogo seja um só, e corresponda **na realidade** a um diálogo travado **num só** desses lugares: assim, a uma pergunta formulada na praia corresponde uma resposta dita na rua; o diálogo dá-nos o fio unificado de sucessão desses lugares, e a série de lugares amplifica a duração psicológica do diálogo. Contudo, o efeito desta montagem ao nível da recepção á anulado pelo modo retransgressivo como ela se propõe, sem quebrar fluência ou alterar modelos de reconhecimento.

A isto se opõe ruidosamente um Godard que reserva para cada sequência uma ideia nova, e que multiplica os achados e as invenções. E aceito por inteiro as qualidades que se lhe apontam: produção de um «real fílmico» a partir de um material deliberadamente heterogéneo; construção de um caos sistematicamente descentrado, que provoca uma incomodidade muito razoável no espectador; moral expressa de um olhar-câmara depurado das tradicionais ideologias do filmar-contar; etc.. Como também aceito que **Masculino-Feminino** é obra de transição, e que lhe podemos preferir as últimas produções militantes (como Vítor Ramos ensina: resta perguntar se ele **as viu**, ou se é só de ouvir dizer) ou o romantismo mais lúcido e convincente de **Pierrot le fou**.

Tudo isso contribui para explicar, a mim e aos outros, a sedução-decepção que a obra me provoca: e falaria aqui do aspecto **datado** e **balbuciante** das **operações formais** do filme e da realidade sociologicamente ultrapassada e desinteressante que ele nos propõe ao mostrar a imagem de uma França que hoje se pensa em termos consideravelmente diferentes.

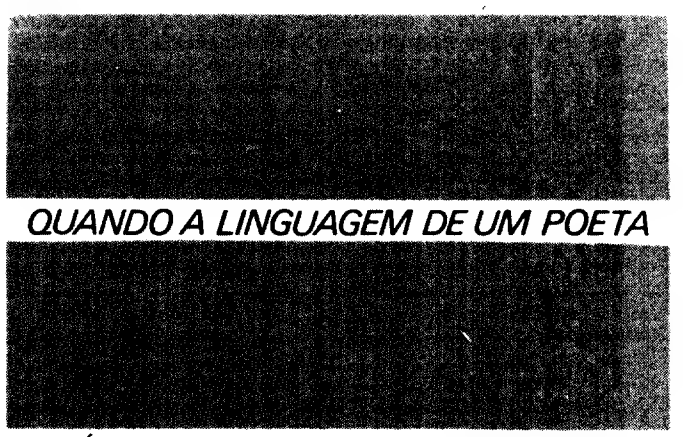
O que gostaria que ficasse bem expresso é que as reticências levantadas em relação a **Masculino-Feminino** só contam se as soubermos colocar num plano inteiramente diverso daquele em que nos propomos julgar **O CAÇADOR DE ESCÂNDALOS**. Este não passa de uma tentativa ingenuamente honesta afogada na nulidade estética do cinema comercial dominante; enquanto Godard é a face extrema de um projecto intransigente de reflectir sobre o cinema até às últimas consequências. O que não impede que, uma vez enunciado este plano, consideremos **Masculino-Feminino** como uma proposta parcialmente frustrada.

Terminemos com essa insólita máquina-contra-os-críticos que é **Matar ou não matar**, título que só vale pela ressonância shakesperiana, e não por quaisquer hesitações que assaltem o programado assassino. Que um actor, ofendido pelas críticas negativas que lhe foram feitas, e, mais, pela perversidade de estilo em que elas foram formuladas, decida vingar-se desses críticos, matando-os um a um, segundo os modelos de crime das peças de Shakespeare que interpretou — eis uma ideia brilhante, rica de sugestões, sobre a qual se pode descansar. E assim fez Douglas Hickox que repensou um pouco nos trunfos que possuía: a possibilidade de apresentar fragmentos de Shakespeare admiravelmente recitados, sobretudo pelo intérprete soberano que é Vincent Price; uma colecção de actores absolutamente excepcional (de Ian Hendry a Robert Morley, ou a Jack Hawkins); uma possibilidade de jogar no tabuleiro do terror (e aceitar a total inverosimilhança do que se narra) e no tabuleiro do policial (racionalizando toda a narrativa, incluindo a morte-ressurreição do protagonista). O interesse do filme reside no maior ou menor requinte do crime sequinte, na maior ou menor utilização de referências shakespearianos, e no festival do jogo de palavras com que se vai tecendo o humor dito macabro. Se não é brilhante a execução do projecto, nem demasiado elegante o teor das soluções encontradas por Hickox, resta a originalidade absoluta da película, que a situa **de entrada** entre aquelas indispensáveis para quem **também** utiliza o cinema como instrumento de diversão inteligente.

EDUARDO PRADO COELHO

ILUMINAÇÃO INCANDESCENTE

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª L.DA
TEL. 654165 * LISBOA



MATURA IDADE-1.º VOLUME DA COLECÇÃO LICORNE arcádia
MAIS UM LANÇAMENTO

CARTA ABERTA A CARL

OU DA NECESSIDADE DE SABER METER-SE A T

O «Suplemento Literário» não ama nem desama polémicas, mas se Carlos Porto desafia Angel Facio a um diálogo público e Angel Facio responde, melhor é isso que o silêncio, sob o qual, como de todos é sabido, se passam coisas que de silenciosas nada têm: o boato, a campanha encapotada, o sistemático arruinar das reputações... Discutindo às claras, entendem-se os contendores e entende o público, segundo os dados em discussão, a qual, convém lembrar, começou com a carta aberta de Carlos Porto aqui publicada a 24 de Maio.

Caro Carlos:

Há dois ou três dias, e remetido por mão amiga, recebi o recorte da tua «Carta aberta» publicada no «Diário de Lisboa». Devo confessar que comecei por me sentir profundamente chocado por razões de vária índole. Foi, na verdade, um balde de água fria. Acusei o golpe baixo e fiquei em k.o. durante algumas horas. A porrada caiu sobre mim fulminantemente como se fora um raio messiânico. Meti pois o rabo entre as pernas e, com **mi cabrero a cuestas**, decidi riscar-te da lista dos meus amigos e responder-te com o mais olímpico dos silêncios.

Porém, vê lá tu, amanheceu um dia que é uma beleza. Apetece-me brincar e sinto-me optimista e, depois, esta vida é um tango — antes de dares por isso já tens o fígado feito em pó — disponho-me a exercitar esse sentido de humor e de crítica que tanto lamentavas não encontrar nas minhas últimas declarações. Além disso, creio que a publicação da minha resposta interessará ao jornal — estas «riñas» de intelectuais são rendosas —, a redacção continuará satisfeita contigo e, apesar de tudo, o assunto não deixa de me divertir. Claro, um favor sempre se faz a um amigo, não achas, Carlos?

Antes de entrar no fundo da questão, devo dizer-te que ainda não li a entrevista publicada pela Lurdes (Féria) na «Rádio Televisão», pelo que não me poderei referir ao seu conteúdo. És um profissional, por isso não preciso dizer-te que na transcrição do que se diz para o papel impresso, podem introduzir-se equívocos de certa envergadura, sobretudo quando, pelo meio, se cruza a barreira de dois idiomas distintos. Por isso, passarei por cima dos dez pontos que referes, e nos quais fundamentas o original manejar da moca, e começarei imediatamente a responder às perguntas que te fazes e que me fazes. Correcto?

1) Não ponho de um lado «A Casa de Bernarda Alba» e do outro o espectáculo Mrozek (retiro o título para que não faças trocadilhos de gosto duvidoso) mas distingo dois processos de fazer teatro.

2) «A Casa de Bernarda Alba», na sua elaboração, foi somente uma aventura estética. O facto de caber como espectáculo, como produto acabado, implicações morais, políticas ou sociológicas, não quer dizer nada. A Estética, entendida como forma de interpretação do mundo, não pode iludir tais consequências. Não repilo a Estética como instrumento de análise e expressão da realidade. Só a repilo quando implica a solidão, quando procura impor-se como substituto da vida, como sublimação compensatória de tantas e tantas frustrações.

3) «A Casa de Bernarda Alba» foi um espectáculo da minha inteira responsabilidade e, ainda mais, dir-te-ei que o considero entre os dois ou três melhores espectáculos que fiz em toda a minha vida.

4) A minha concepção de «Bernarda Alba» não prejudicava de maneira nenhuma a possibilidade do seu deslocamento. Foi no momento de concretizar materialmente essa minha concepção que começaram a surgir os problemas. Insisti em que o cenário devia ser desmontável. Quando da nossa apresentação em Lisboa, devo dizer-te que não conhecia o teatro e que os elementos do TEP que o conheciam garantiram a idoneidade do espaço cénico. Por isso, temos que por este cadáver na conta da pretensa equipa técnica do Círculo de Cultura Teatral.

5) Não é exacto que a minha entrada para o TEP implicasse a aceitação de determinadas circusntâncias — a não ser aquilo a que poderíamos chamar «ordem geral do país» —, nem muito menos a submissão aos subsídios. Fui contratado em princípio por três meses para fazer um curso de formação de actores e montar um espectáculo. Se o TEP sacava o dinheiro de subsídios oficiais ou da exploração do canal de Suez, era algo que de maneira nenhuma me dizia respeito.

6) Não é exacto que a organização do grupo independente integrado no Círculo de Cultura Teatral implicasse a aceitação de qualquer subsídio. O grupo independente montaria os seus espectáculos e vendê-los-ia a quem os quisesse comprar, limitando-se a oferecer aos sócios do Círculo uma série de representações, em troco dos serviços prestados por aquele. Por outro lado, e antes de continuar, quero deixar uma coisa bem clara. Não afirmei em nenhum momento que seja necessário repelir qualquer tipo de subsídio. O carácter de independência é outorgado a um grupo pelo facto de trabalhar, programar, manter-se, em suma, **sem estar condicionado** pela concessão ou não concessão de uma ajuda. Ora bem, se a ajuda chega, seja benvinda.

7) Não é exacto que as actuações em Nancy e Roma tenham sido possíveis **graças** à concessão de um subsídio. Organizadas de acordo com o sistema traidcional do C.C.T., sim, foi necessário um subsídio bastante grande que, no entanto, não chegou para pagar as despesas. Porém, na nossa segunda saída à Jugoslávia e Espanha — 20 dias e 7 000 quilómetros — programada de acordo com os critérios de um grupo independente, não foi preciso subsídio nenhum, obtendo-se ganhos que podem fixar nuns 35 contos. Que te parece?

8) A realização de «A Casa de Bernarda Alba» implicou realmente graves sacrifícios financeiros, mas também isto deves pô-lo à conta da péssima organização do C.C.T.. Um espectáculo de tal envergadura, precisava de uma equipa de produção e de venda estritamente profissional — não se diz que o TEP é uma companhia profissional? —, e não amadora.

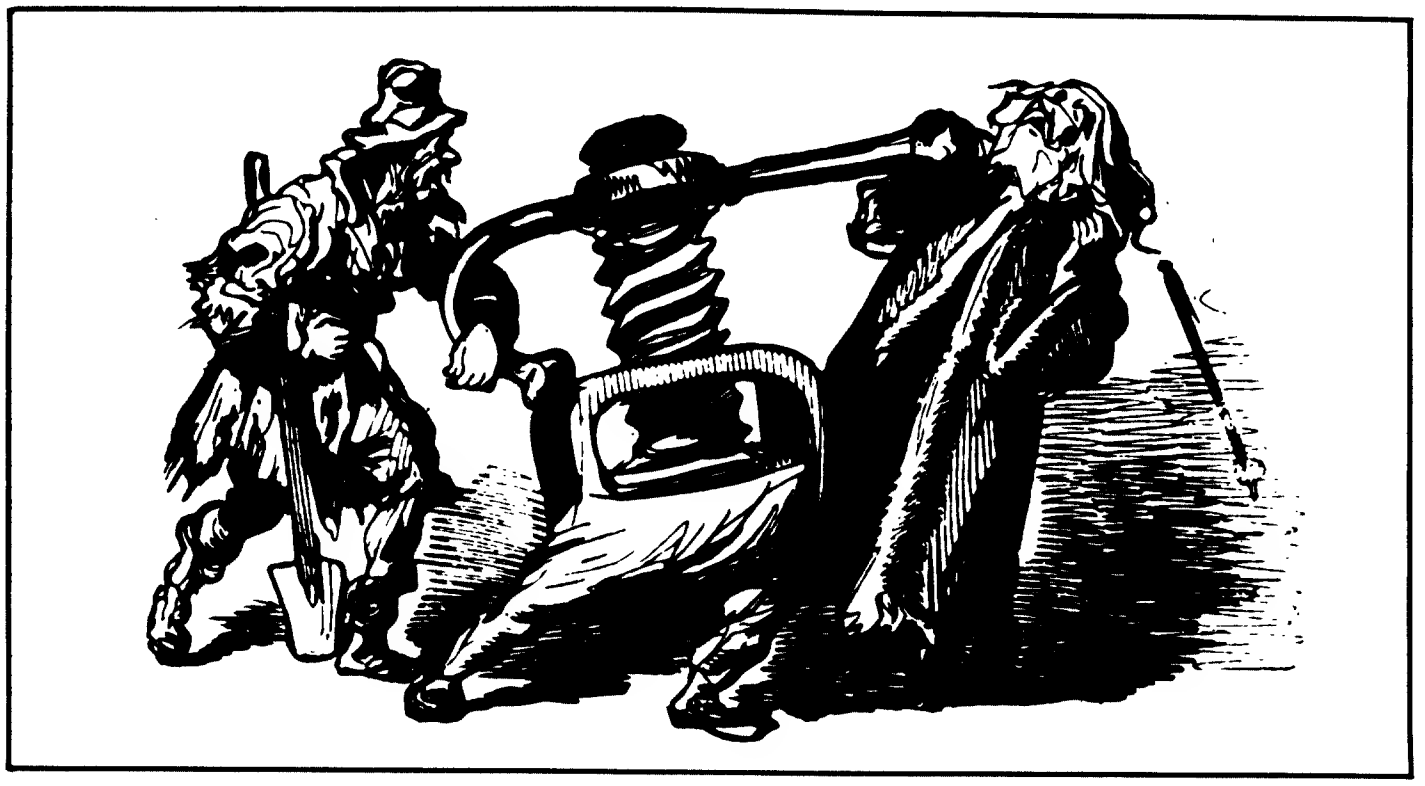
9) A direcção artística do TEP nunca foi, de facto, da minha competência. Oficialmente, recusei o dito cargo a meio de Fevereiro do ano passado, data em que, sem que ninguém me consultasse, foi contratado um encenador para que montasse um espectáculo.

10) A minha proposta para criar um grupo independente dentro do C.C.T. data de princípios de 1972. Todavia, ao surgirem as graves dificuldades que ameaçavam liquidar a «Bernarda Alba» ofereci-me à Direcção para actuar na qualidade de produtor do espectáculo: ou **trabalhar no sentido de exportar o «filho do pecado» arejando-o** e prestigiando-o em festivais internacionais, ou dedicava-me a montar outro espectáculo com vistas a criar um grupo independente. A Direcção do Círculo preferiu a primeira opção.

Tomo ar e sigo-te. Continuemos, pois.

11) Um ano basta e sobra para tomar o pulso a uma cidade de meio milhão de habitantes. E se te limitas a certaz zonas da população, muito menos de um ano. Não vou cair no defeito de que me acusas de maldizer proporcionando-te uma série de provas mais do que significativas. Basta dizer-te que, mal cheguei ao Porto, senti-me atirado de um lado para o outro. Cada grupo — tu entendes-me — queria arrastar-me para o seu campo em nome de interesses e de ideologia mais ou menos confessáveis. Assisti, pois, a um néscio tira-e-põe motivado na maior parte das vezes por tensões pessoais — recordas-te da «Selva das Cidades»? (Brecht). És do Porto, Carlos. Que fazes em Lisboa? Enfim, penso que estou a ser explícito.

12) O TEP — reafirmo-o — é um «hobby» para intelectuais de carteira gorda. Não posso perceber uma companhia profissional, com tudo que tal implica, manejada por uma empresa amadora. Quais são os seus interesses? A Kulturrra? Que é a cultura? Assisti a três ou quatro assembleias gerais do C.C.T. que tem cerca de 2 000 sócios. 25 a 30 participantes em média. Os números falam. E não quero lavar roupa suja (directores que impõem uma tradução para receber os direitos de autor; sócios beneméritos que cobram ordenado por trabalhar duas horas por dia; enfim, para quê continuar?).



13) Sou um homem culto **(perdão) e embora me seja** inútil conheço algo de Júlio Dinis. **E insisto em que é um tijolo** intragável. De acordo que, por intermédio de uma leitura crítica e inteligente da sua obra, se poderá mostrar analiticamente a burguesia nortenha do século XIX. Com inteligência e sagacidade pode fazer-se um espectáculo crítico da lista telefónica, e até de um dos teus artigos, porém não é esse o caso. Viste alguma vez no TEP uma leitura crítica de Júlio Dinis? **Quando aparecer, telefona-me por favor e irei imediatamente** com o meu fraque das grandes ocasiões.

14) De acordo com uma coisa: deve-se correr até ao fim qualquer risco que se assuma. O de ser desonesto em primeiro lugar. Aplica-te o conto, Carlos, e voltaremos já ao tema!

15) O risco de ser corajoso também. Mas só até certo ponto. Limitei-me a verificar um facto: «Jornal de Notícias» errou, casualmente, num anúncio pago, a data da estreia do nosso Mrozek. Nunca me lembraria de dizer que foi de propósito, Deus me livre! A respeito do teu juizo estético — «carácter bastante feio» —, não é caso para te que o jures sobre a Bíblia. Basta espreitar o acolhimento que lhe deu o público. E não me curo em saúde: as (?) **chiachas** politizadas não falaram do espectáculo, pelo menos na medida que se pretendia. Assim, também por esse lado não tenho alibis possíveis. Que heide fazer? Quem não da um mau passo?

17) De qualquer modo e para explicar o meu erro — não para justificá-lo, pôssa! — quero dizer-te algumas coisas:

a) Montei este espectáculo em Espanha aqui há uns anos tendo sido considerado o melhor espectáculo da temporada organizada pelo Nacional de Câmara e Ensaio. Para a crítica, claro, o que não quer dizer muito. (Posso facultar-te as provas documentais do que afirmo).

b) Além de Madrid e Barcelona, este programa Mrozek foi apresentado em 12 cidades da província, também com excelente resultado. Devo pois admitir que o que ainda não consigo detectar com nitidez é o clima e a problemática do âmbito teatral português.

c) Não tive outro interesse ao levantá-lo como primeiro trabalho de grupo independente que pôr este em movimento. Um espectáculo como esse não podia dar-me nem prestígio nem dinheiro (até este momento, a brincadeira custou-me mais de 3 000 mil escudos, 10 000 quilómetros de volante e umas centanas de horas de trabalho.

d) Este espectáculo foi pensado para ser **estreado e posto à prova** no teatrinho do TEP em princípios de Fevereiro. Talvez não acredites, mas de então para cá, com uma substituição e um programa de ensaios bastante irregular, o nível do espectáculo desceu barbaramente.

e) Vou inverter o teu raciocínio. «O Espertalhão» ou «Vítima do Dever» — serão melhores espectáculos do que o nosso pobre Mrozek? Estarão mais bem feitos? De certeza?

f) Pecamos por obstinação e orgulho. De acordo, Carlos. Não deixamos que nos pisassem e que nos fossem ao pelo. Desde uma estrita perspectiva de ética cristã, semelhante comportamento é inadmissível. Entoemos, pois, o «Eu Pecador», padre Carlos.

18) Não queres voltar ao problema da minha saída do TEP, mas voltas. Agora sou eu quem insiste: convém atacar pessoas e arrancar máscaras. É muito fácil atirar as culpas para «a situação» e desculpar o indesculpável. Faço conta com os dedos e afirmo-te, taxativamente, que, no ano passado, o TEP

sustentava de facto mais de trinta pessoas. Os directores não são remunerados, mas às vezes são-no, ainda que pareça um paradoxo. E não fazem nenhum sacrifício para efectuar responsavelmente a sua missão. (Outro dado que me vem à memória: no nosso regresso de Nancy e Roma, um camião esperava em Lisboa a assinatura de um director do TEP para ser desalfandegado. Cada dia custava 2 500 escudos. Pois bem, passaram mais de 20 dias. Faz as contas. E, entretanto, não se pagava aos actores... porque não havia di-

OS PORTO

EMPO A MOCA NO SACO

heiro).

18) Claro que teria sido ossível conciliar as perspecti-as em jogo e concretizar no um projecto eficaz de tea-o independente! Mas foi a no-a direcção do TEP que se ne-ou a fazê-lo, não o esqueças, migo Carlos. Tens em teu po-er uma relação dos factos corridos — perdeste-a? falha-e a memória? ou preferes não e recordar?

20) Que é isso de programa statutário, amigo Carlos? Que statutos são esses que permi-em ganhar uma votação por 9 votos contra 65? Se se trata e defender por todo o preço estabelecido só pelo facto e estar estabelecido? És tu uem o afirma? Viver para ver!

21) Entradas a 85 escudos, im senhor. Em Lisboa, no Villa-et e para o público que vai o teatro, até me parece demasiado barato. Quanto custa o utebol ou os touros? Ou é que ão percebes essas coisas? uanto cobras tu por uma críti-a? É muito bonito isso de fa-er floreados à custa do parcei-o. Se queres heróis levanta a atuta e aí vamos nós atrás e ti maestro.

22) Vamos falar então do pa-el da crítica — pelos vistos é í que te dói, hem! Em sociedades «cindidas» — chamemos-he assim — como a tua ou co-no a minha, amigo Carlos, a rítica é um artigo de luxo que nas serve para consolar os migos, escrever cartas ferinas público, lamentavelmente, em os seus próprios canais e s e l e c ç ã o e é ele, não u, que «se está nas tintas°. azes tu uma boa crítica de m espectáculo — para que ser-e? Para que um senhor se sin-a adulado — agradecido pelo ue disseste — para que du-entos intelectuais a meia has-e digam que sim, que bom, u que não, e para que uns uantos possam viver parasita-amente. Que relação existe ntre o público e a crítica? e ntre os critérios manejados elos críticos e os diversos eios de informação? Não te-

ceros e conformemo-nos com o nosso papel, Carlos. E quando a Pessoa, deixa-o em paz. Passava-se com ele o que se passa connosco, e já morreu, o pobre.

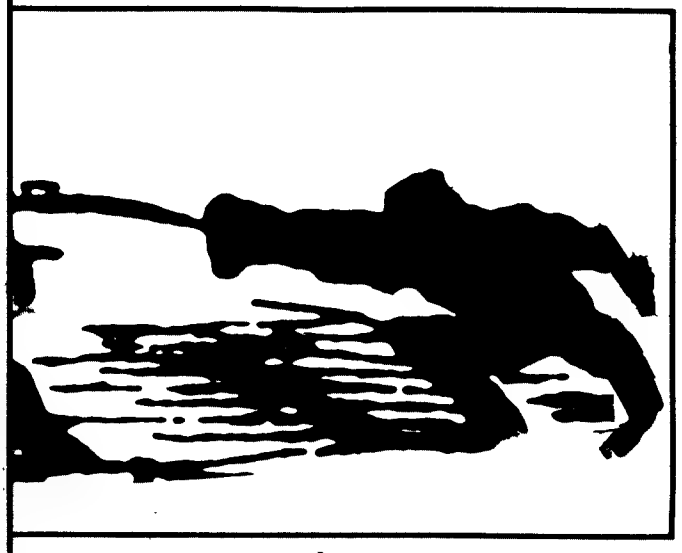
Uma vez dada a resposta à tua carta — não sei se terei respondido cabalmente a todas as tuas dúvidas — e para terminar quero fazer-te algumas considerações que, embora me pareçam indispensáveis, temo possam assumir um certo carácter vingativo. Lamento-o: devem ser consequência da minha educação religiosa.

Carlos, pensei que fossemos amigos (sou um ingénuo!). Sempre que ia a Lisboa, chamava-te porque me agradava conversar contigo e contar-te como iam as coisas. Se na minha atitude algo te parecia errado ou equívoco, porque nunca mo disseste claramente? Por ocasião da estreia da «Bernarda Alba» no Porto, num «cocktail» à imprensa no qual, embora sabendo que tinha conseguido um espectáculo fora do normal, afirmei que na minha opinião não passava de uma aventura estética. Não o disse há dias, disse-o **nessa altura**. E para mim, era-o porque trabalhar dentro dos esquemas tradicionais não pode ser outra coisa. O teatro profissional que se faz produz às vezes bons espectáculos, mas com ele não se faz outra coisa que não seja «engordar o porco». É indispensável acabar com esses esquemas nos quais o actor não é dono do seu trabalho, fabricando teatro como chouriços, manietado, explorado, manejado pela estrutura empresarial. O actor é, ou pelo menos deve ser, centro e eixo da actividade dramática, e enquanto directores, empresários e literatos de maior ou menor capacidade continuarem a amordaçá-los o teatro não poderá deixar de continuar a ser este esgar decadente e fossilizado que se nos impõe todos os dias. Pode ser que me engane aceito-o, muitas vezes tenho a impressão de que ando atrás de algo como algo nosso, sem ninguém a dominar-nos, assumindo os nossos erros e não sendo bonecos de feira. A Estética á uma linguagem, por isso terá de ser um grupo social a elaborá-la, aceitando ou repelindo a mensagem que lhe envie a equipa emissora. Trabalhemos pois para libertar esse grupo social, começando por libertar aqueles que queriam dizer alguma coisa, em vez de lhes roubar o papel e dizer coisas em seu nome. Ou será preferível manter os m i ú d o s rebeldes num quarto e s c u r o e continuar a usurpar os seus brinquedos?

Talvez não tenhas entendido a minha posição, ou talvez não tenhas querido entendê-la. Ocasiões para isso não te faltaram. Na citada conferência de imprensa do Porto, numa ocasião semelhante em Lisboa, na «Carta a um amigo crítico de Lisboa» que te enviei para que publicasses — e não publicaste — nas declarações prévias à estreia de Mrozek, declarações que não escutaste porque desapareceste logo que o colóquio se iniciou — não devias estar muito interessado — e outras tantas vezes que trocamos impressões a esse respeito. Sempre mantive os mesmos pontos de vista. Parecias estar de acordo, nunca fizeste a menor objecção nem formulaste a mínima pergunta. Porquê?

. O assunto cheira muito mal. Há momentos em que me ponho a pensar coisas muito estranhas (aí vai outra alfinetada, tenho que ser fiel ao meu próprio estilo). Por exemplo, preferes ser fiel aos manes familiares — já sabes o que quero dizer — ou aos teis colegas do «Jornal de Notícias» — que à objectividade dos factos ou à rectidão das intenções. Claro que isso não deve importar-te muito. A irresponsabilidade da crítica deixa-te a salvo de qualquer possível consequência ulterior. Há ainda uma outra hipótese, esta ainda mais lamentável. Apanhaste uma o c a s i ã o de esgrimir a moca na impunidade, e zás! catrapum!, e consagraste-te conscienzudamente a cacetar o pobre e confiado manifestante mais próximo. Lembras-te da «Bernarda Alba», Carlos? Pois, aplica-te a história. Será melhor resolveres certos problemas que a nossa cultura qualifica de privados, de forma privada e pacífica, a sublinhá-los agressivamente, zurrando sem mais aquelas a quem no fundo te compreende e está disposto a dar a cara pelo mesmo que, na melhor das hipóteses, pretendes tu dar. C r e i o que estou a ser b a s t a n t e claro. Suplico-te que publiques estas linhas, abstendo-te tanto quanto possível de exercer uma censura pessoal, que não seria bem vista. Ah! e sobretudo, não te incomodes em responder-me se não quiseres. Nos próximos tempos vou andar bastante ocupado e não terei ocasião para te responder. Se quiseres, em Madrid ou em Lisboa, poderemos charlar sobre o que quiseres com uns copos para intervalar. É sério que não te guardo rancor.

ANGEL FACIO
Madrid, 5 de Junho



Nota — Considero um pormenor de mau gosto o facto de publicares a foto em que apareço montado num cavalo de cartão. É equívoca. Mandei-ta quando se estreou a «Bernarda Alba», precisamente para elidir essa sombra de vedetismo que caía sobre mim. Nessa altura, tinha um sentido muito concreto; nesta, e a ilustrar a tua amável carta, não deixa de ser uma manipulação grosseira.

nas ilusões, Carlos, **um** núncio de quinze segundos televisão é muito mais ao-ante do que dez **páginas** as. A carta que me escreves a carta que te escrevo são luxo pessoal que nós paga-os porque somos uma pare-a que temos tempo livre e stamos de dedilhar a má-ina — masoquismo inte-ctual, v a m o s. Enquanto a tica não for responsável pe-nte os sectores de opinião crítica é totalmente gratuita, tista, abstracta, e não consti- mais do que uma elocubra-o enfermiça. Sejamos sin-

impossível, mas como tu dizes, é preciso querer o impossível. Às vezes ficamos com as mãos presas no cepo; devemos tentar tirá-las de lá para torná-las úteis não para dar bofetadas no vizinho que também caiu no cepo, para ajudá-lo a livrar-se dele.

«A Casa de Barnarda Alba» foi um bom espectáculo, eu sei-o, este programa Mrozek resultou num fracasso, também o sei. Deves acreditar, no entanto, que trabalhámos seriamente, com unhas e dentes, dando o corpo ao manifesto porque sentíamos o trabalho

LEITURAS À MARGEM

A PROPÓSITO DAS "OBRAS" DE ROCHA PEIXOTO

Quase dia por dia, completaram-se agora seis anos sobre a data em que este jornal se referiu à publicação do primeiro volume **das «Obras» de Rocha Peixoto, em hora** de bom conselho decidida pela Câmara Municipal da Póvoa de Varzim. Do segundo volume vimos hoje dar notícia, somando algumas considerações que a circunstância nos sugere, mas sem esquecer, e pelo contrário procurando ter bem presente, o que de raro representam, neste país que da indiferença faz ofício, a ideia, a realização dela, e a perseverança exemplar de quem aceitou tarefa tão desprovida de atractivos superficiais. O que tudo junto permite reflexões sobre o que somos e sobre o que, em pontos de estudo, poderíamos ser.

Primeiramente, quem foi Rocha Peixoto? Uma breve vida de quarenta e três anos, acontecida entre 1866 e 1909, e toda ela votada ao serviço público no sentido que a expressão possa ter de mais rigoroso, no qual o «serviço» é para o «público», e não o «público» para o serviço», ou, por outras palavras talvez mais claras, aquela situação em que o indivíduo se dedica ao serviço da colectividade sem qualquer fito de contra partida interessada. **Rocha Peixoto foi um** homem da geração do **Ultimatum,** e não sendo daqueles que a fortuna escolheu para os lugares da primeira fila da publicidade, teve uma acção múltipla e dispersa (talvez dispersiva?) que reflecte, mesmo quando encarada à luz das exigências de hoje, uma inteligência singularmente mais precisa e objectiva do que aquela que, em geral, se «praticava» no tempo. Tal como Basílio Teles e Oliveira Martins, este em menor grau, Rocha Peixoto encarou sempre a acção pública, sem esquecer a acção política, como uma pedagogia. Aproximá-lo-íamos de António Sérgio se não fossem evidentes as diferenças de plano e de método.

Os interesses de Rocha Peixoto, já o dissemos, foram múltiplos. Antes de definitivamente se dedicar à etnografia (sua afinal irresistível vocação), foi um exemplo de intelectual interveniente que entendia ser seu direito e seu dever aplicar a inteligência, o espírito crítico, a cultura própria num empenho de esclarecimento que não admitia limitações de especialização. E se é verdade que no balanço dos períodos da sua vida, há-de sempre avultar a sua acção final como director do Museu e da Biblioteca municipais do Porto, supreendente haveremos de reconhecer a actividade ensaística e crítica (quando não polémica) que desenvolveu ao longo da juventude. Este segundo volume das «Obras» (seiscentas páginas densas...) reparte-se, melhor dizendo, organiza textos tão diversificados como os que o autor consagrou aos problemas do Museu Municipal do Porto, ao ensino, à política, à economia... Quanto basta para mostrar a impossibilidade de comentário adequado numa simples recensão como esta.

Ser ou não ser profeta na sua terra, é inquietação que não deveria atormentar aqueles que na mesma terra nasceram e que têm a costela (ou a bossa) da profecia, para o caso aqueles que entre o comum dos habitantes se salientaram: melhor será aceitar inimizades, malquerenças, invejas e pequenos ou grandes ódios com o mesmo fatalismo impassível com que se recebe a chuva e o vento, o frio no Inverno ou o calor no Verão: essa é a melhor sabedoria. Já não é mau quando a terra (a aldeia, a vila, a cidade, o país) de súbito se lembra, ao olhar a folhinha das efemérides, de um seu concidadão; muito melhor, até à excelência, quando cientemente prepara o melhor dos monumentos possíveis, a lição que a vida deu, a obra que nessa vida construiu. Este foi o caso da Câmara Municipal da Póvoa de Varzim ao decidir comemorar o centenário do nascimento de Rocha Peixoto com a publicação das suas obras completas. Em termos de utilidade, estamos muito longe do nome na esquina duma rua (o que não é incompatível), e é precisamente pela virtude dessa mesma utilidade que tornamos à alusão que antes fizemos a terras e profetas...

É por de mais sabido que faltam monografias de toda a espécie em Portugal, que, praticamente, qualquer estudo honesto de síntese geral obriga a realizar todas as primeiras escavações e que nesse trabalho se esgotam tempo, paciência e energias de quem de tudo isto intacto deveria poder dispor. Sabe-se que é esta a situação e, contudo, pouco ou quase nada se faz para a emendar. E é por isso que c a b e neste lugar a palavra de louvor que se deve à municipalidade da terra onde nasceu António Augusto da Rocha Peixoto. Doravante, o estudioso que queria debruçar-se sobre a vida nacional na transição do século XIX para o século XX e a quem importa saber como, quando e em que limites ou larguezas influiu Rocha Peixoto no seu tempo ou deste recebeu influência, verá terem-lhe sido poupadas as horas do trabalho monótono da investigação documental, da pesquisa de arquivos, da coordenação por espécies ou natureza de interesses. Graças a um acto de inteligência, de reconhecimento verdadeiro, pela qual vem demonstrado que Rocha Peixoto foi profeta na sua terra...

Mas a essa demonstração não bastaria o simples despacho municipal. Exarado ele, a massa informe da obra de Rocha Peixoto, dispersa por mil publicações diferentes, não se movera um milímetro sequer: faltava ali quem pusesse mãos ao trabalho exaustivo de organizar o material e a edição. Impulsionador das comemorações do centenário de Rocha Peixoto em 1965, foi também Flávio Gonçalves, professor da Escola de Belas-Artes do Porto, quem se encarregou de compilar e anotar as «Obras». Dois volumes estão aí já para darem testemunho de quanto lucrou a cultura portuguesa: a obra de Rocha Peixoto, restituída pelo trabalho meticuloso e pela competência extrema de Flávio Gonçalves, passa a constituir, pela sua recuperação e acessibilidade, caminho certo de trânsito para o conhecimento eficaz da vida portuguesa.

E é no próprio prefácio deste volume que vamos encontrar, afinal, o fecho mais apropriado à recensão desta leitura à margem. Diz assim FLávio Gonçalves, a si mesmo se referindo: «Ao afastar-se, com sacrifício, do tipo de investigação que prefere e em que vive, (...) agiu consciente da utilidade do seu trabalho, e seguro de que para os especialistas terá verdadeiro interesse, nos planos documental e científico, o vasto material coligido. Empresas deste teor precisamos nós, em Portugal, de as multiplicar.»

. Por nossa parte, apenas acrescentaríamos: e de terras dispostas a reconhecer os seus profetas. Para seu bem e de todos nós.

JOSÉ SARAMAGO

A C. P. informa:

A partir de 1 de Junho são os seguintes os novos números de telefones:

DA ADMINISTRAÇÃO:

20 Cç Duque (L2)	*	3 51 87
Idem	*	3 51 88
Idem	*	3 51 89
Idem	*	32 68 12
Serv. Secretariado		
Depart. Finan. e Contabilidade		
Depart. Organização e Planeamento		
Serv. Relações Públicas		
Serv. Social Ferroviário		
20 Cç. Duque (L2)	*	36 31 81
Idem	*	36 31 88
Idem	*	36 31 89
Serv. Informática e Investigação		
Operacional — Cç. Mestres (L1)	*	65 61 91
Idem	*	65 61 96

DA REGIÃO SUL

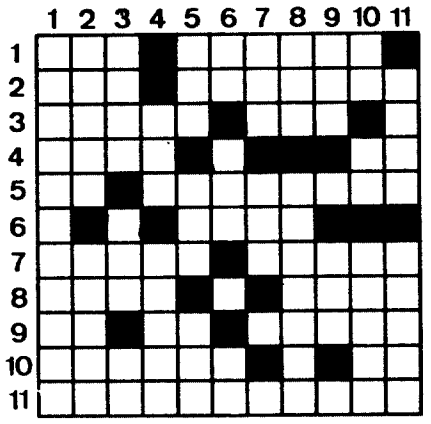
Chefe Região-Mig. Pais-Barreiro		207 2477
Chefe do Sector de Movimento e Parque Est. Barreiro		207 4480
Serviço Nocturno das 18 às 9-30 h.		
Permanência Est. Barreiro	*	207 3028
Posto Regulador. Est. Barreiro	*	207 3623
Re-Inspector Regional Movimento		207 3048
Estação do Barreiro		
Informações		207 3118
Chefe da estação		207 3118

Os restantes constam da lista telefónica já distribuida.

PASSATEMPOS CRUZADOS

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 456



Horizontais

1 Em as. Abonação.
2 Estava. Verga fixa ao mastro, e na qual se prende a vela triangular (pl.)
3 Cesto de verga, geralmente com tampa e asa arqueada. Sapo do Amazonas
4 Aves pernaltas. Arigo definido. Tumor, o mesmo que arrieira
5 Pronome reflexo. Chamaram em socorro
6 Pernadas de sobreiro
7 Manas. Separa.
8 Apelido Aves pernaltas do Velho Mundo
9 Amónio (s.q.) Abreviatura de Santíssimo. Ligada
10 Demites. Segundo
11 Irias de encontro a

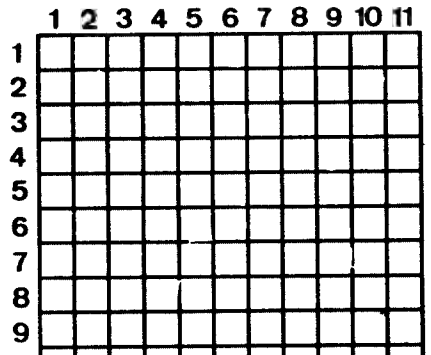
VERTICAIS:

1 O que se não pode evitar
2 Fio de latão. Versejes.
3 Bilha para maluvo, na Lunda. Aia. Chumbo (s.q)
4 Pega. Esmonca.
5 Executa. Utensílios domesticos. Ente.
6 Prefixo de negação. Prefixo que designa ar. Senhor.
7 Fruto da ateira. Obrigação.
8 Forma do verbo dar. Demarcar
9 Organização das Nações Unidas. Nome africano da noz da cola
10 Rádio (s.q) Miriare Nome de mulher.
11 Ecoam. Guarneceis de ESES

Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO ne e inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6 613



HORIZONTAIS:

1 Chei Sorte
2 Combinar Temperatura elevada
3 Magnetiza Nome de um planeta
4 Deusa da Lua entre os egípcios. Nota musical. Prefixo de privação. Rio da Russia.
5 Em as. Espaço de trinta dias
6 Eia! Textualmente.
7 Mediana. Lista. Conjunção
8 Antes do meio-dia. Grande peta. Nome que os Egípcios davam ao Sol.
9 Fragmento de louça quebrada. Primeira parte do nome duma planta do Brasil.
10 Toma nota de Higiénica.
11 Sinal Cantigas

VERTICAIS:

1 Freguesia do concelho de Santana (Madeira). Pisar.
2 Espírito. Período de sete dias seguidos.
3 Braço de mar. Despida. Uma das Espórades.
4 Estúpidas. Médico inglês célebre pelos seus estudos sobre as doenças das vértebras lombares.
5 Sulcais. Batráquio. Preposição e artigo definido.
6 Cidade da Jugoslávia.
7 Recuam. Nota musical. Apelido.
8 Partes comestíveis dos frutos. Tornar oco.
9 Flanco. Consentimento. Acrescentei.
10 Inércia. Mondava.
11 Planta leguminosa também chamada ervilha-de-pombo Mulheres.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 455

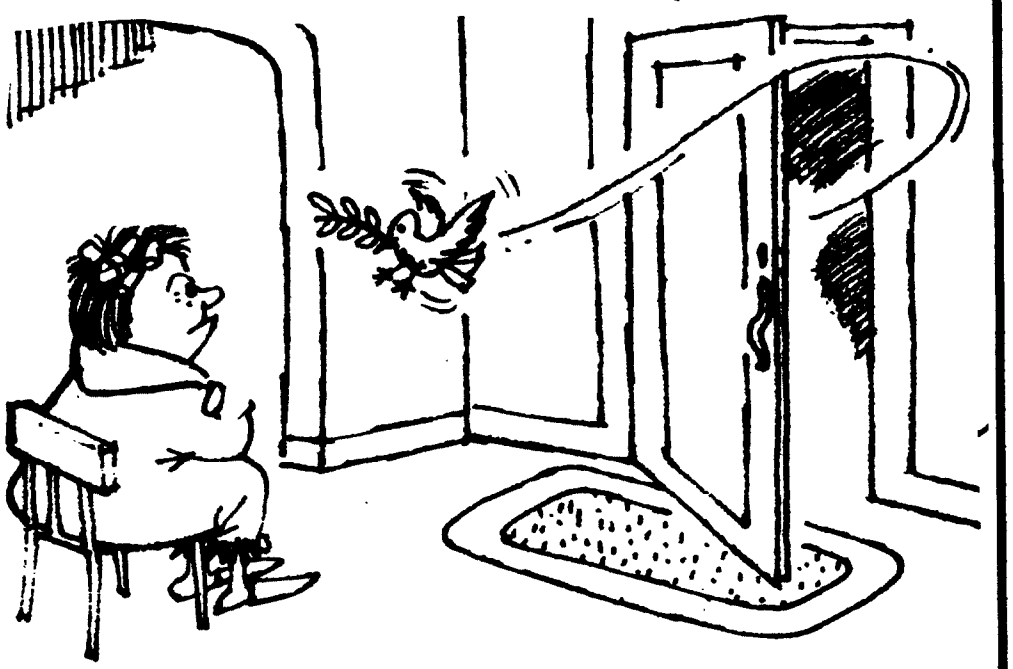
HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Sara. Sim. As.	1 SO. Ba. Aida.
2 Operara. Ema.	2 Api. TENDE
3 Iscas. Grã.	3 Restaria. DQ.
4 Tal. Traio.	4 Arcaras. Hei.
5 Atar. Prosar.	5 Aal. Eon.
6 Erários	6 Srs. Pia. Mós
7 Anis. Amaram	7 Ia. Trompete
8 Ida ML.	8 Grosa. Mal
9 DE HOMEM Cu	9 Eras. Rm. Rã
10 Denotaria	10 Amaia Aluir
11 Mói Selara	11 Sã-Orem. Caa.

Proverbio: DE HOMEM SÓ TENDE DÓ

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6 612

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Farra. Paris.	1 Facada. Ocra.
2 Amais. Acama.	2 Amadora. Ais.
3 Campo. Repor.	3 Rama. Ciaras.
4 Adão. Rara	4 Ripo. Arco
5 Dó. Aar. Ti	5 Aso. Arou. Bi.
6 Arcar. Airas	6 Ca. Dá.
7 Airó Etal	7 Par. Raer. Rn
8 Acu Rol.	8 Acer. Itos.
9 Caro. Sala.	9 Rapa. Ralais.
10 Ria. Bar. Ios.	10 Imortal Lot.
11 Assai. Nesta	11 Sarais. Casa

"O REGRESSO A CASA"



Venho anunciar a boa-nova!

Vá! Peça lá desculpa ao meu director-geral!

ENTREVISTA COM URBANO TAVARES RODRIGUES

Continuação da pagina três

duas fitas magnéticas diferentes...

— Bem, mas nós falávamos há pouco das novas gerações de escritores...

— **Pois é. Embora continue a escrever, uma das coisas mais importantes que julgo poder fazer hoje é estimular o talento dos jovens que tanta dificuldade encontram em publicar. E até gostaria de ajudar mais, se aqui houvesse alguma possibilidade de selecção e de apoio (e talvez a Associação de Escritores venha a contribuir para isso). Porque é horrível a paisagem portuguesa dos que não aparecem e que talvez tenham na gaveta livros melhores do que aqueles que nós temos publicado. Alguns rebentam às vezes para aí cheios de raiva e até se percebe. As editoras só acreditam nos que têm marca comercial. É claro que a marca comercial implica naturalmente a presença do talento, mas não só, porque há vários acasos metidos nisso. Então verifica-se que à parte uns quantos que têm talento, de entre os jovens dos vinte e tal e dos trinta e tal anos, e que conseguiram impôr-se, como o Baptista Bastos, o Mário Ventura, a Isabel Barreno, a Maria Velho da Costa, o Álvaro Guerra, o Almeida Faria, o Nuno Bragança, a Ivete Centeno, o Armando da Silva Carvalho, a Fiama, o Gastão Cruz, a Maria Teresa Horta, etc. (não, não estou a fazer um rol, quando não nunca mais acabava) muitos outros ficaram de fora. O número de autores jovens editados é escassíssimo comparativamente até ao que se verificou numa época em que havia muito menos edição em Portugal. Agora há mais edição, mas são sobretudo livros estrangeiros ou de autores consagrados os que enchem os escaparates e os programas editoriais. E os jovens que aparecem com manuscritos e quantas vezes de alta qualidade, não são publicados. Contra isto, acho que sim, que é importante lutar.**

Mas estávamos prestes a terminar o nosso diálogo. Inquirimos ainda de Urbano como julgava ele possível modificar esta situação, no que respeita ao autor jovem. E ele respondeu-nos:

— **Quem poderia modificar o panorama? Quem deveria fazê-lo? Naturalmente as editoras. Bom, as editoras, não fazem ou fazem-no o menos possível, porque só jogam pelo seguro. Pois bem: será a altura de pensarmos que esta nova instituição que está a surgir e que vai esboçar os seus primeiros passos num clima que não é certamente fácil, a Associação Portuguesa de Escritores, terá de tomar o caso a sério, enfrentando-o e tratando de realizar o que ainda não foi realizado a favor do autor jovem. Como? Não me cumpre a mim dizê-lo, visto que não estou ligado à Associação senão como escritor, um entre muitos e pelo muito entusiasmo que me sobra, quero dizer, que não exerço nenhuma função oficial neste órgão. Posso, porém, dar umas quantas opiniões, no bom sentido, entenda-se. Acho que os prémios, podem desempenhar um excelente papel, embora não sejam tudo. Há outras formas de incentivo. Os concursos de manuscritos, esses são indispensáveis, fundamentais. E tem de haver bolsas para escritores, para os que tentam sê-lo e tem qualidade para isso. E cá volto eu ao mesmo, pedindo mais para os outros do que aquilo que me foi dado. De resto, eu já vivi uma grande parte da minha existência literária e até começo a estar-me nas tintas, no que a mim mesmo se refere, para muitas coisas adjacentes ao ofício. Como as tricas, por exemplo. E não raro penso que é mais importante ser homem do que ser escritor. Perante certos grandes problemas tenho mais orgulho em ser homem integralmente do que em ser escritor. O «ser-se escritor» é, aliás como atitude, uma postura que nos parece amiúde bem deturpada ou deformada só é verdadeiramente escritor, e não um malabarista da palavra, aquele que não se esqueça de que é homem. Porque é importante que o oficial de um ofício saiba do seu ofício, não sendo apenas um sujeito que atire e mai palavras a esmo para o papel. Mas é igualmente importante que ele não se confine nesses limites. Porque uma verdadeira grande obra só pode nascer de uma natureza humana com grandeza, do bem ou do mal, para usar velhos conceitos, em suma de um terreno onde haja autêntica dimensão humana. Do resto, da pequenina vaidade, da habilidade, da mesquinhez, nunca sai senão um produtozinho, transitório e brilhante, que dura o tempo que durar uma moda.**

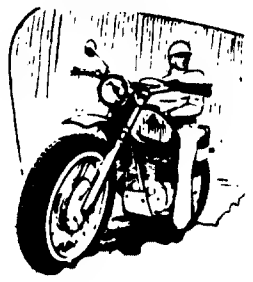
COLECÇÃO
MANAGEMENT
FUNÇÕES
MÉTODOS
EXPERIÊNCIAS

SUÉCIA SOCIALISTA E LIVRE EMPRESA

Uma colecção que inicia o leitor nas grandes funções que compõem a actividade da moderna empresa: gestão, participação, marketing, informática, secretariado, etc.
Uma colecção em que os administradores das empresas, homens do marketing e todos os que trabalham numa empresa particular ou estatal, têm muito a lucrar com a leitura — e o estudo — das obras que compõem a colecção

MANAGEMENT
À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS
um lançamento
EDITORIAL ENCICLOPÉDIA, L.da

motor



FINALMENTE EM PORTUGAL

MITO LO GIAS

ROLAND BARTHES

Tradução e prefácio de JOSÉ AUGUSTO SEABRA

COLECÇÃO SIGNOS
UM VOLUME DE 350 PÁGINAS — 90.00

UM LANÇAMENTO DE
edições 70
AV DUQUE DE ÁVILA, 69-1.º E
LISBOA

MUITA TÉCNICA E ALGUNS TÉCNICOS A CONCEBERAM

UM TÉCNICO APRESENTA E DEMONSTRA

UM TÉCNICO CUIDADOSO A ASSISTE

UM TÉCNICO EXPERIENTE NOS CONSULTARÁ

É A TEKNIKA

É UM DOS NOSSOS VENDEDORES ESPECIALIZADOS

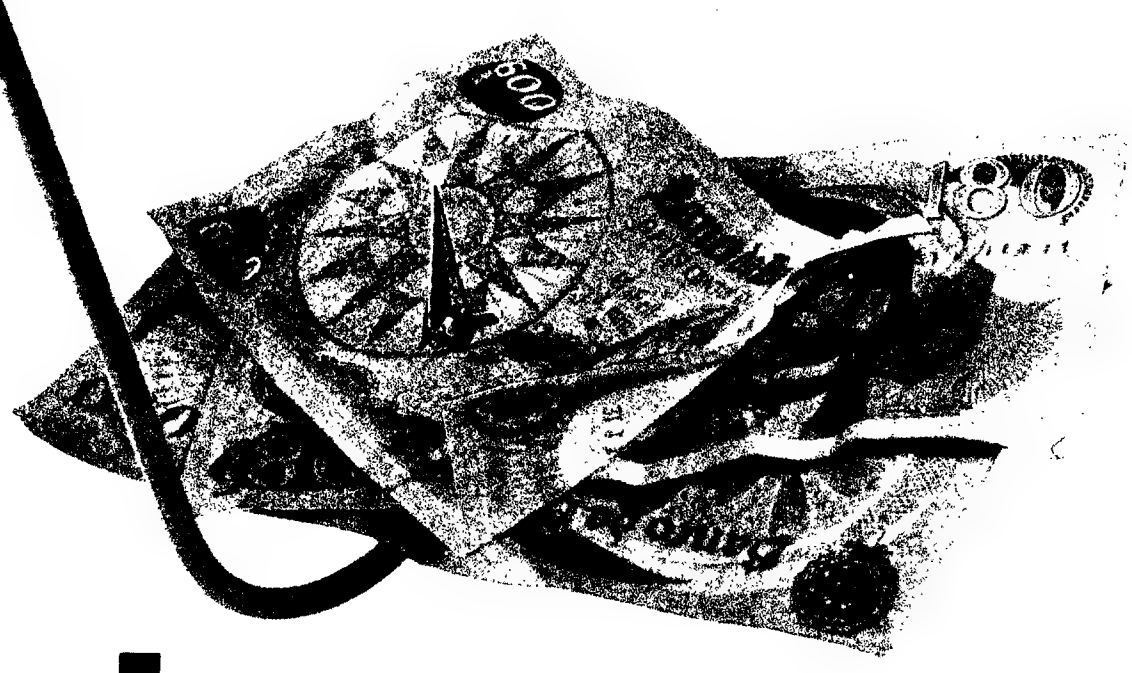
É MEMBRO DO NOSSO LABORATÓRIO, TREINADO PELA G. C., DO JAPÃO

É VOCÊ

CALCULADORAS ELECTRÓNICAS COM VISOR OU IMPRESSÃO, PERCENTAGEM AUTOMÁTICA COM IDL, CÁLCULO TÉCNICO, FACTURAÇÃO, SALÁRIOS, I. T., ETC.
PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO, SEM COMPROMISSO, AOS
REPRESENTANTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL
IBERÁSIA — Importadores & Exportadores, Lda.
R. Alberto Aldim, 22-C-D — T. 975027 — Alfragide

Nome .....
Firma .....
Morada .....
Telefone .....

a nossa isca



chama-se DINHEIRO!

Dinheiro mesmo. Dinheiro forte. Apesar da nossa politica de baixos preços, que significa autêntica oferta de dinheiro, seleccionámos para venda as marcas mais reputadas, os modelos mais recentes, e as mais modernas inovações técnicas.

Venha v. mesmo comprovar que Qualidade e Gosto não custam mais

AVENIDA DA LIBERDADE, 131
AVENIDA ALMIRANTE REIS, 124-B
RUA DE S BENTO, 53 57
PRAÇA DE LONDRES, 7-A E 7-B
RUA D. ESTEFANIA, 193-D-E-F
RUA 1.º DE MAIO, 146

Bardo
Electrodomésticos - Mobílias

Frigorificos · Máquinas de lavar · Televisão · Hi-Fi · Cine-Foto · Candeeiros

AS VOLTAS QUE O TEATRO DÁ

DA ARTE DE ACABAR COM OS CRÍTICOS

Bertold Brecht

O São Jorge exibe um filme inglês (oh quanto!) que se recomenda muito especialmente aos nossos actores: com ele se aprende a arte de acabar definitivamente com a praga dos críticos que, aliás, têm sofrido nos últimos tempos curiosos ataques, na sequência de uma daquelas vagas anticríticas a que assistimos de longe em longe.

Primeiro, se bem lembro, foi a actriz Margarida Mauperrin que não se sabe muito bem porquê começou de súbito a atirar-se aos críticos, aproveitando uma entrevista à «Lorenti's»:

... Naquela altura eu não considerava nenhum crítico de teatro. Tinha-os visto nascer e sabia quem eram... Algumas das críticas eram feitas antes das peças! Encontravam-se antes nos «cafés», para não dizerem coisas muito diferentes uns dos outros... Uma vez o Urbano disse muito mal de mim numa peça e, uns tempos depois, encontrando-me na rua, veio ter comigo, e pediu-me desculpa... Fiquei aparvalhada... Que é que aquilo queria dizer? Já vê que não podia considerar estes críticos capazes de fazerem um bom julgamento ao meu trabalho, e não aceitei definitivamente o prémio!

Como os críticos que agora há são, praticamente, os mesmos que havia na altura em que foi atribuído o Prémio Revelação por causa do seu trabalho em «Victor ou as Crianças no Poder» — não há dúvida de que os críticos de teatro não têm grande sorte com uma actriz que até têm apoiado (e justamente). (A incompreensão manifestada perante o gesto de Urbano é sintomática). E eu que não sabia que a Margarida já foi parteira, pelos vistos... Depois, veio o actor do Teatro Experimental de Cascais, Filipe La Féria que, numa entrevista concedida a este jornal, declarou sem mais aquelas: **Sinto um profundo desprezo pela crítica.** Mas em matéria de desprezo, o actor do TEC não está com meias medidas: além da crítica, Filipe La Féria despreza o público e despreza a profissão. Pensa-se que lhe será atribuído o Óscar do mais Desprezador!

Por fim, o encenador e actor espanhol Angel Fácio que fez no Teatro Experimental do Porto um dos mais importantes espectáculos do teatro português dos últimos anos: «A Casa de Bernarda Alba». Perante o (possível) fracasso do seu novo espectáculo: «Pela boca morre o peixe», com textos de Mrozek, apresentado pelo novo Grupo António Pedro, Angel Fácio atirou-se: **Se os críticos não gostam do meu espectáculo estou-me nas tintas. A crítica teatral está nas mãos de uns senhores que não me dizem nada.**

Pois, a todos estes senhores e a mais alguns, se recomenda, outra vez, «Matar, ou não matar...», o filme em que Vicente Price interpreta a figura de um actor shakesperiano que, despeitado pelas críticas de que é alvo e pelo facto de não lhe ser atribuído o Prémio de Actor do Ano, resolve as coisas à boa maneira do grande Shakespeare. Aproveitando situações adequadas de tragédias do autor de «Hamlet», o actor vai liquidando com requintes de malvadez os seus inimigos que, tanto quanto me pareceu, estavam cheios de razão porque a interpretação de Vicent Price é de um aflitivo cabotinismo (embora, no conjunto, revele notáveis capacidades de transformação). Homenagem insólita a Shakespeare com um senso de humor que não deixa de ser temperado com uma dose de violenta crueldade, o filme do São Jorge sugere, pois, uma solução inesperada e radical. Só nos faltam, claro, os protagonistas indispensáveis: actores shakesperianos, cabotinos ou não, por um lado; críticos de teatro (a sério), pelo outro (vejam-se as casas em que os críticos do filme vivem para que se perceba onde quero chegar).

JOÃO GASPAR SIMÕES (NÃO) LÊ TCHEKHOV

No «Primeiro de Janeiro» do 1 do corrente encontrei um curioso artigo assinado por João Gaspar Simões (1) sobre os males que o uso do tabaco provoca na saúde das pessoas. Como prova de que esse tipo de crítica do vício do cigarrinho já vem de muito longe, o articulista cita o título de uma peça em 1 acto de Anton Tchekhov — autor de quem se **calou** muito ultimamente — intitulada — calcule-se! — «Os Malefícios do Tabaco». Espantoso, hem! Não sei se o leitor conhece o impagável e dolorosíssimo texto de Tchekhov que tem servido de prova a muitos actores. Trata-se de um velho péripatético a quem a mulher manda fazer uma conferência sobre os malefícios do tabaco. Todavia, toda a conferência consiste no desfiar ao mesmo tempo risível e trágico da história de um homem cilindrado por uma vida mesquinha, inútil, fechada, que faz arrancar lágrimas ao espectador menos disponível. Diz a certa altura o conferencista: **Escolhi para tema da minha conferência de hoje, se assim lhe podemos chamar, o prejuízo que traz à humanidade o uso e abuso do tabaco. Quanto a mim, devo confessá-lo, sou um fumador inveterado. Mas a minha mulher ordenou-me que falasse hoje dos malefícios do tabaco, e não tenho por isso outro remédio senão obedecer-lhe.**

Como se vê, uma peça sobre os malefícios do tabaco...

(1) Não me digam que é o consagrado crítico literário!

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA DE BRECHT

(1) O número de Março da revista francesa de cinema «Ecran 73» dedica as suas primeiras 30 páginas a um «dossier» intitulado «Brecht, o cinema e nós». E composto pelos seguintes textos: «Introdução» por Marcel Martin; «Brecht e o Cinema», por Erwin Leiser; «Brecht e o Realismo», por Barthélemy Amengual; «Escritos para filmes», por Wolfgang Gersch; Filmografia; Bibliografia. Os textos de Gersch e de Leiser são particularmente importantes por revelarem facetas pouco conhecidas das relações que Brecht manteve com o cinema.

Brecht — escreve Gersch — **era frequentador assíduo das salas de cinema. Foi o caso em Augsburg e em Munique, em Berlim, e mais tarde nos Estados Unidos onde, parece-viu um grande número de filmes. No jovem Brecht, o interesse pelo cinema era igual ao prazer que a sua visão lhe proporcionava. (...) Brecht propunha-se transformar os filmes de Griffith em filmes realistas.**

(2) Também o n.º de Junho da mesma revista, fala de Brecht a propósito da homenagem prestada por «Ecran 73» ao artista por ocasião do 75.º aniversário do seu nascimento. Nessa homenagem, de acordo com a notícia assinada por Marcel Martin, foram projectados vários filmes ligados a Brecht incluindo «Kuhl Wampe», o único filme que Brecht reconheceu como sendo da sua autoria. Além das projecções, houve dois colóquios em que participaram vários escritores e críticos franceses e alemães.

Estes n.ºs de «Ecran 73» confirmam o interesse que os homens de cinema têm vindo a dedicar a Brecht.

CARLOS PORTO

Prólogo/fot Video 73

Estamos na F.I.L. stand CD 381-5
SOMOS OS PROFISSIONAIS DO SEGREDO

EDUARDO FRANCO
Cofres e Portas-Fortes

Praceta Projectada à Rua Sacadura Cabral,
Lote 3 — Dafundo Telef. 21 58 87 - 639358

MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA E ROUPA — FRIGORÍFICOS E APARELHOS DE ALTA FIDELIDADE,
A PREÇOS SEM CONCORRÊNCIA
VISITE-NOS PARA ACREDITAR

BLOCO ELÉCTRICO
ESTR. POÇO DO CHÃO, 55 — TEL. 70 81 47

10º FESTIVAL DE ROYAN

MÚSICA CONTEMPORÂNEA ITALIANA

A representação italiana ao 10.º Festival de Royan foi mais numerosa e diferenciada por gerações do que a espanhola. E compreende-se: depois de Manuel de Falla, há uma nítida lacuna na evolução da música espanhola, antes do novo surto de compositores nascidos a partir dos anos trinta. Mas em Itália apareceu uma poderosa geração intermédia, ilustrada nomeadamente pelos nomes de um Dellapicola ou de um Petrassi (ambos nascidos em 1904). E não há praticamente soluções de continuidade: Bruno Maderna nasceu em 1920, Luciano Berio e Aldo Clementi em 1925, Franco Donatoni e Domenico Guaccero em 1927, Giacomo Manzoni em 1932. Mais recentemente, despontam os nomes de Giuseppe Sinopoli e Sandro Gorli (este nascido em 1948). Isto para citar apenas os representados em Royan-73, pois, entre os ausentes, ainda há um tão importante e de tão grande projecção universal como Luigi Nono (n. 1924).

A música italiana surgiu logo no primeiro dia do Festival, num concerto pelo **Ensemble Ars Nova**, dirigido por Marius Constant e Boris de Vinogradov, e em que colaboraram os cantores Mary Thomas (mezzo-soprano), Paul Sperry (tenor) e Mario Haniotis (baixo). Duas obras nos prenderam sobretudo a atenção: **Venetian Journal** (Diário Veneziano) de Maderna e **Beatitudines** de Petrassi.

Escrita para tenor e quinze instrumentos, a primeira baseia-se em fragmentos do diário em que o escritor inglês Boswell regista as impressões da sua estada em Veneza em meados do século XVIII. O compositor procura explorar na música o sentido de humor com que o texto literário descreve e ao mesmo tempo critica uma existência fácil, feita do «dolce far niente», das «soirées» mundanas, das noites de ópera, etc. A técnica da colagem de citações (neste caso, música setecentista) é utilizada em cheio. Bruno Maderna aproveita a oportunidade para fazer a caricatura dos hábitos musicais da época: o bel-canto, o contraponto clássico... Basta-lhe, por vezes, tornar mais percucientes (pela insistência com que as repete, ou pela fragmentação) temas já em si tão carregados de sentido de humor como o do 4.º andamento da Sinfonia n.º 88 de Haydn, que a partir de certa altura é quase um **leit motiv** da obra. Como se diz nas notas do programa, este «Diário Veneziano» não pretende ser mais do que um divertimento para os intérpretes e para o público. Mas a «elegância» e «sorridente desenvoltura» que lhe encontra um seu comentador (Harry Halbreich) não lhe dão, no entanto, o fôlego atingido numa obra gémea do seu compatriota Luciano Berio: refiro-me a «Recital», que ouvi em Lisboa, no ano passado, numa interpretação inesquecível de Cathy Berberian (a obra de Maderna também data de 1972 e foi composta nos Estados Unidos).

As **Beatitudines** de Petrassi exigem um contingente instrumental mais restrito (cinco instrumentos: clarinete **piccolo**, trompete, viola de arco, contrabaixo e tímpanos — além do barítono). O texto é do «Evangelho segundo S. Mateus» (sermão das Beatitudes). O subtítulo indicado pelo compositor, «testimonianza per Martin Luther King», dá-lhe o sentido de uma homenagem póstuma, realizada no próprio ano em que o célebre pacifista foi assassinado (1968). A atmosfera rarefeita que esta obra visa criar, na base da multiplicidade dos timbres dentro da economia dos instrumentos, tem sido comparada à expressão religiosa do Stravinsky da última fase. Penso, todavia, que o resultado global (nele incluindo o tratamento das palavras, que por assim dizer está sempre em primeiro plano) é demasiado neutro, ao nível da sensibilidade emocional, para que possa despertar no auditor, mesmo o mais preparado, algo mais do que o reconhecimento da indiscutível qualidade da factura.

Com **I Solisti Veneti** dirigidos por Claudio Scimone, um conjunto que proporcionou dos melhores momentos interpretativos, quer pela qualidade técnica dos executantes, quer pela profundidade e honestidade do trabalho de preparação das obras, quer pela generosa musicalidade, sempre muito à flor da pele, dos instrumentistas e do seu chefe, a música dos compositores italianos transformou-se num dos temas centrais, senão mesmo no tema central, de todo o Festival. Ouvimos então **Spiel**, uma obra variada-contrastada, alegre e com um bom final (em **pianissimo**), de Giacomo Manzoni; **Kardia**, numa versão para duas peças simultâneas, dirigidas respectivamente por Scimone e Guaccero (o autor), obra cujo significado tem que ver com o **coração** «enquanto órgão, enquanto sede dos sentimentos, enquanto centro da vida em geral, enquanto situação a meio caminho entre a razão lúcida e o instinto vital», mas que musicalmente não o prova; **Reticolo: 12**, um modelo de construção para doze instrumentos de cordas, de Aldo Clementi; **Solo**, de Franco Donatoni, para dez instrumentos de cordas, também muito construída, aqui à base de sobreposições de sequências de duração variável.

Foi nesta última obra que Scimone teve um dos seus mais reveladores rasgos de honestidade, ao interrompê-la a meio, exclamando: «É uma obra maravilhosa, quero fazê-la na melhor das versões». E recomeçou do princípio. Com este **Solo** de Donatoni surgia para mim não talvez a personalidade mais interessante, mas pelo menos a personalidade mais marcada, no âmbito da música italiana até então apresentada no Festival deste ano. Posteriormente, a audição de **Doubles II** (por Gilbert Amy à frente da orquestra da ORTF) e **Doubles I** (pela cravista Elisabeth Chojnacka), confirmaram-me esta descoberta de uma individualidade. Dizer em que medida é que ela se revela já é mais difícil. Seja ou não por vezes demasiado prolixo, Donatoni tem um estilo que, diria eu, se baseia numa dialéctica de estímulo-resposta: é o caso, por exemplo, em **Doubles II** do grupo piano-cravo-harpa, ora reflectindo-se mutuamente ou deixando que a música corra de uns instrumentos para os outros «em cascata», ora respondendo ao resto da orquestra.

Quanto a Aldo Clementi, a ele se deve uma das mais importantes obras do Festival, como expressão de um pensamento sintético. Trata-se de uma peça curtíssima para cravo, magistralmente tocada por Elisabeth Chojnacka e intitulada **B.A.C.H.** (alusão de sentido duplo: a Bach e a um elemento estrutural constituído por certas notas da escala). Embora na origem da obra não esteja talvez a intenção consciente de escrever uma **toccata**, não deixou de me ocorrer o paralelo com o Opus 11 de Prokofieff, devido à vertigem rítmica que nela se contém, ditada embora por coordenadas estéticas já muito diferentes das que informavam a música do compositor soviético.

Uldo Clementi foi ainda responsável por uma insólita obra, que, através do xadrez, se relacionava com o artista plástico Marcel Duchamp (um dos mestres do surrealismo). O adjectivo insólito constitui aqui a qualificação de surrealista, que só temerariamente poderia ser-lhe atribuída.

Nesta obra intervieram, numerosos jogadores de xadrez de Royan, um sistema de luzes e um conjunto instrumental. Os xadrezistas encontravam-se em mesas dispostas no centro do recinto, e tinham que efectuar as suas jogadas a cada sinal luminoso emitido periodicamente por projectores. A cada um desses sinais luminosos correspondia uma mudança de acontecimentos musicais. Combinado com tudo isto deveria ter havido ainda projecções de trabalhos de Marcel Duchamp, mas o certo é que não foi possível arranjar a tempo os diapositivos. Como logo se vê, pela descrição, **Blitz** (assim se chamava a sua obra) é constituída pela sobreposição no tempo de acontecimentos independentes (um dos quais, por acaso, é **a música**). **Para quem não saiba, aqui fica registado que Marcel Duchamp é um adepto fervoroso do xadrez.**

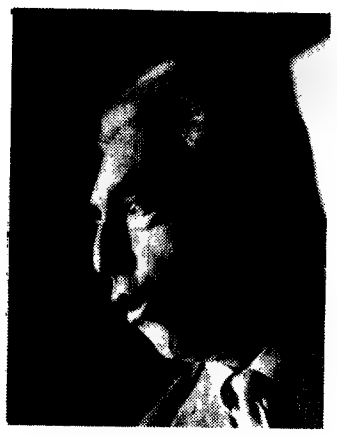
Finalmente, compete-me ainda fazer referências a uma obra de Dellapiccola (**sur commiato**), para voz e instrumentos, que, a falar verdade, não me reteve a atenção, e a duas obras de Luciano Berio: **É vo** e **Concerto para dois pianos**.

A primeira, para além de constituir um exemplo de recriação, em termos inteiramente novos, de material popular (neste caso, uma **berceuse** siciliana), faz justiça à imaginação, ao lirismo, ao poder de comunicação e de sugestão poética do seu autor. Música bela, por excelência, onde pulsa a vida. Quanto ao **Concerto para dois pianos**, pareceu-me, de longe, a melhor obra concertante que ouvi este ano. Também nela abundam todos esses traços distintivos da música sempre admirável de Berio, por sobre transcendentes dificuldades de execução para os solistas. Interpretação empolgante das irmãs Katia e Mariélle Labèque, com a orquestra da ORTF, dirigida por Andrzej Markowsky. Uma das raras obras em que o entusiasmo unânime do público obrigou a bis.

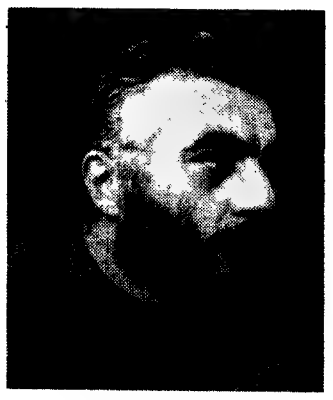
Tal foi, numa breve súmula, o principal da presença italiana no Festival de Royan 73.

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

Bruno Maderna



Luigi Dallapiccola



Franco Donatoni

Aldo Clementi

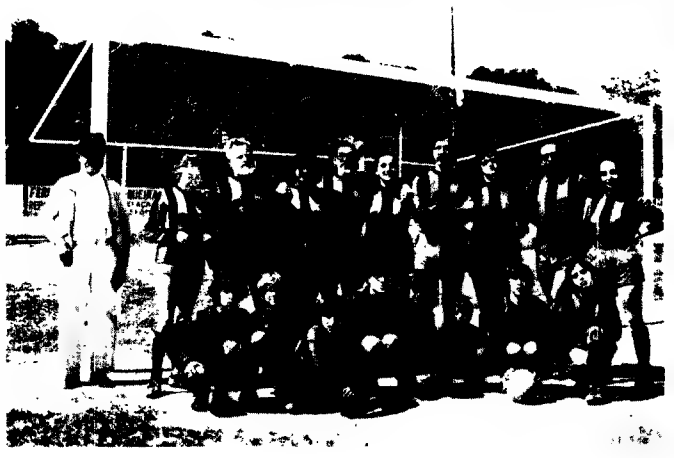
Bem estar para os seus pés

Crítica de artes plásticas

Por JOSÉ LUÍS PORFÍRIO

FESTA NA S.N.B.A.

OBJECTOS METAFÓRICOS CONTEMPORÂNEOS DE PITUM KEIL AMARAL E A SUA EQUIPA



A equipa completa: Em baixo, da esquerda para a direita: Pedro, Francisco, João Carlos, Sofia, Joana, Rita, João, José Eduardo. Em pé, pela mesma ordem: Manuel dos Santos (massagista), Maria, Chico, Adelina, Vaz, Guida, Pitum (capitão), Lira, João José, Minó

São vinte objectos que enchem e quase transbordam da sala do primeiro andar da Sociedade Nacional de Belas-Artes. Nas duas entradas possíveis, sinais de aviso mostram-nos que é perigoso andar por ali: um sinal proibindo o trânsito aos pintores e um triângulo (sinal de perigo, não é?) com um pincel inscrito, não deixam margem para dúvidas a ninguém. O catálogo-cartaz outras dúvidas nos tira e vale a pena citá-lo aqui para, um por um, fazermos referência aos objectos expostos:

1.º. «Os canais da informação», preço: «um pick-up Philips, modelo GF 660». Um homem-manequim, encaixotado, cuja cabeça aparece dentro de um televisor, com um dispositivo ligado a um gravador que permite ouvir um discurso;

. 2.º. «Informática», preço: «um gravador Philips, modelo GF 815». De um esquentador de modelo antigo caem para uma tina centenas de pequenas fichas metálicas com os nomes e moradas de pessoas;

. 3.º. «Burocracia», preço: «pertence à colecção K». Uma estante giratória repleta de papéis e cartas antigas, tendo bem visível um requerimento do autor principal da exposição e a cabeça de um indivíduo certamente mergulhado nos mesmos papéis;

. 4.º. «A maioria silenciosa (homenagem a Lurdes Castro»», preço: «apenas o quadro: 172$30». Num pequeno quarto, um projector passa a sua luz branca sobre um quadro: ao passarmos, fica lá momentaneamente a nossa sombra;

. 5.º. «Enfraquecimento do culto da personalidade», preço: «um piano de meia cauda». Uma força com corda preparada e tudo; penduradas também da barra transversal uma série de molduras, cada vez mais pequenas, mergulham em direcção a um retrato do Kaiser;

. 6.º. «O ritmo da vida (homenagem acelerada a René Bértolo)», preço: «3 bicicletas tipo Vilar, desdobrável, de luxo». Uma mesa posta, sal, pimenta e uma salsicha com ovo estrelado. Carregando numa pera, a mesa roda cada vez mais rapidamente.

7.º. «Velocidade (o carapau de corrida) contribuição de Pedro Bettencourt Keil Amaral», preço: «impagável». Exactamente o que o nome diz, um carapau de corrida.

8.º. «Violência», preço: «12 garrafas de whisky escocês e 6 garrafas de aguardente de peras». Qualquer coisa como um sofá mole, assassinado... à faca e com sangue.

9.º. «Místicas contemporâneas», preço «100 litros de azeite virgem». Oratoriozinho montado com tudo quanto se possa imaginar de santos populares mais ou menos profanos, de Lenine a Eusébio, mais um automóvel assente no chão, à frente, para melhor podermos ver-adorar as sacras figuras;

. 10.º. «Sociedade de consumo (homenagem a Sam» preço: «50 grades de 12 garrafas, de cerveja Cergal». Uma embalagem gigantesca de super-mercado, contendo dúzia e meia de botelhas (abóboras).

11.º. «Moda e tecnologia (com a amável colaboração de Black and Decker)», preço: «apalavrado para o Museu de Arte Contemporânea» (com os meus parabéns: J.L.P.). Melhor será experimentá-la que julgá-la: vibra, mexe, agita plumas e difunde perfume com auxílio de três «Black and Decker».

12.º. «Movimento de libertação da mulher», preço: «100 kilos de bacalhau, do alto». Conjunto de banquinho, máquina de costura cor-de-rosa, sem cabeça, mas com um dispositivo que faz girar duas luvas de borracha, «soutien» e cuecas. Tem junto um açafate com objectos e livro a condizer.

13.º. «Erotismo (homenagem a João Cutileiro», preço: «100 kilos de frutas cristalizadas, assorties». Uma caixinha de «voyeur» que dá para para uma praia, dois fatos de banho secam ao sol e por trás de uma rocha podem ver-se as pernas dos seus donos.

14.º. «Cutura», preço: «um fogão de gazcidla, da fábrica Portugal, com 4 bicos e forno». Enquanto no forno aberto do fogão se pode ver como preparar eça com batatinhas, frita-se prosa num dos bicos de cima, cheiro um tanto ou quanto enjoativo.

15.º. «Renascimento da literatura nacional», preço: «pertence à colecção do Visconde P.». Um carro de bebé, modelo antigo, ancorado a um monte de livros. O bébé, laureado, segura numa das mãos um suplemento literário com um retrato do vate imortal. Suponho tratar-se do super-Camões nascido certamente em 1972..

16.º. «Arte I», preço: «200 latas atum Tenório; 250 latas atum Toneca, em molho de tomate».É uma antipintura.

17.º. «Arte II», preço: «8 cortes de fato, em Terylene». É uma pintura.

18.º. «Protecção à infância», preço: «100 caixas Nestum; 200 latas leite condensado; 200 caixas de papeas Pensal». Num parque de bébé acumulam-se os brinquedos bélicos, bem como um cantil-biberão. O parque está protegido por arame farpado.

19.º. «Poluição», preço: «uma motorizada Masac-Casal». De uma retrete implantada a meio da sala saem brilhantes e coloridas hastes. Ao lado há um espaço para as beatas (o público tem colaborado).

20.º. «A ameaça atómica», preço: «Incluindo o bónus da outra bota — 16 pares de sapatos». De uma bota sai um cogumelo atómico.

É tudo?

..Há mais, há o catálogo-cartaz que venho transcrevendo com pouca prosa da minha lavra, porque já está esgotado (era de borla, está-se mesmo a ver), e que tem ainda, muito útil para quem queira ver esta exposição, o seu.

MODO DE EMPREGO

«Os objectos que nos são propostos nesta EXPOSIÇÃO podem ser encarados do mesmo modo pelo qual um célebre personagem de Lewis Carroll estudava as suas lições: de trás para a frente, de diante para trás, de baixo para cima, de cima para baixo, em pino, de cócoras ou em estação vertical, **mas nunca a fundo**.

«Podem igualmente ser interpretados desde diversos ângulos e diferentes perspectivas: esteticamente, psicanaliticamente, sociologicamente, semiologicamente, metaforicamente, mecanicamente, até mesmo mente sem mais nada, **mas nunca a sério**.

«Compatível com as mais diversas posturas e perspectivas sensíveis ou intectuais, há todavia dois princípios que a exposição absolutamente exclui: a profundidade e a seriedade, isto é, os dois ingredientes fundamentais da tristeza e da estupidez.

«Daqui resulta um modo de emprego particular: num mundo em que somos todos cada vez mais profundos e cada vez mais sérios e, por via de consequência, cada vez mais tristes e cada vez mais estúpidos, esta exposição deve ser utilizada de jusante para montante, quer dizer, contra a corrente, o que é um pouco mais difícil, mas infinitamente mais divertido.

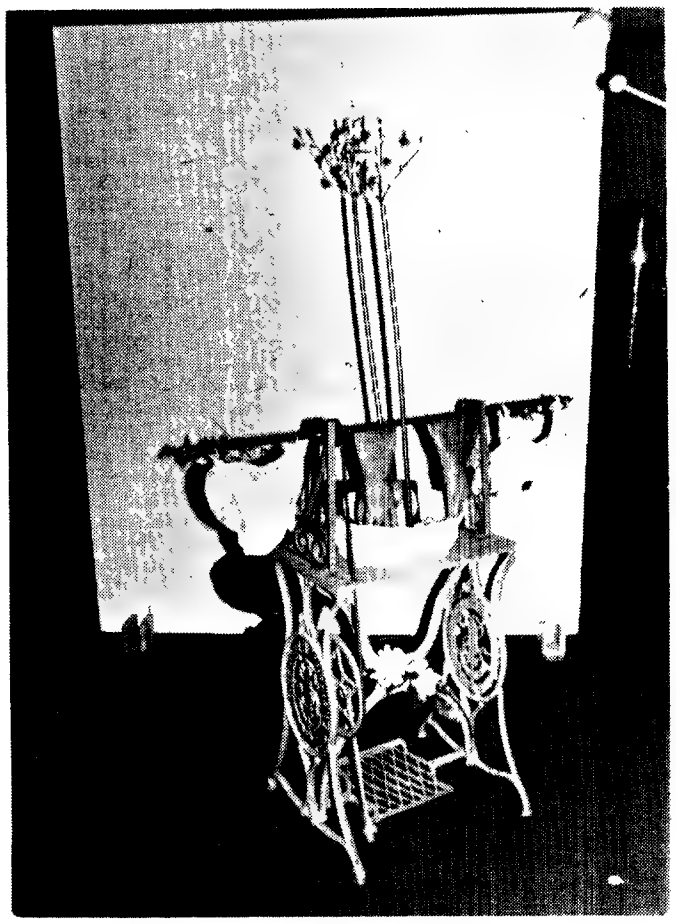
«Se o visitante puder fazer o esforço de abdicar da sua sede de aprender mais alguma coisa, de prescindir de enriquecer-se através da absorção de uma nova experiência artística com que possa enfeitar as prateleiras da sua cultura, de deixar esfriar, por uma vez, a sua febre interpretativa e objectiva, talvez consiga efectivamente desaprender alguma coisa e sair da exposição mais leve do que quando nela entrou, menos rico e mais disponível, menos sobrecarregado, que é como quem diz menos asno. Em relação a esse visitante a exposição funcionou.

«Para que esta exposição fosse possível, **Pitum** e os seus colaboradores recorreram fundamentalmente a dois instrumentos: um «black and decker» e muita alegria. Quanto ao «black and decker» o Pitum não pode cedê-lo porque só tem um e faz-lhe falta. A alegria é para uso de toda a gente que a saiba fazer funcionar, porque a alegria existe sempre em excesso e, vendo as coisas profunda e estupidamente, não faz falta a ninguém».

E agora um conselho: vão e divirtam-se!

..E agora uma opinião: a imaginação de duas pessoas é mais viva que a de uma só, a imaginação de três pessoas é mais viva que a imaginação de duas, e assim sucessivamente, desde que sejam livres e trabalhem, como Pitum, em equipa cúmplice, mesmo que, sobretudo quando, esse trabalho é assim, puro gozo, e se destine, como em muitos casos nesta exposição, a um público restrito (ver as referências culturais, quer queiram quer não, a Lurdes Castro, René Bértolo, Sam e João Cutileiro). Interessaria, pois, uma brincadeira destas na Feira Popular ou no Parque Mayer, a ver como resultava. Comigo resultou... e plenamente!

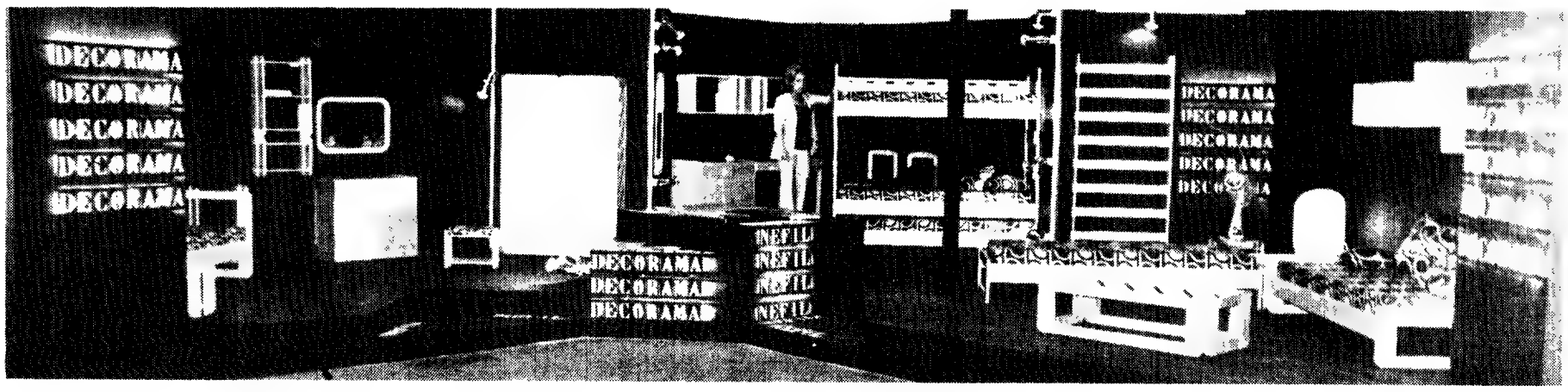
. E agora repito o mesmo conselho: vão e divirtam-se! E, já agora, não esqueçam que «a alegria é a coisa mais séria da vida».



F I L 1 9 7 3

NEFIL — DECORAMA

MOBILIÁRIO MODERNO... DIFERENTE



Pavilhão CD Stand 310/16

LISBOA — AV. MIGUEL BOMBARDA, 21 - A — **PORTO:** RUA SANTA CATARINA, 1355

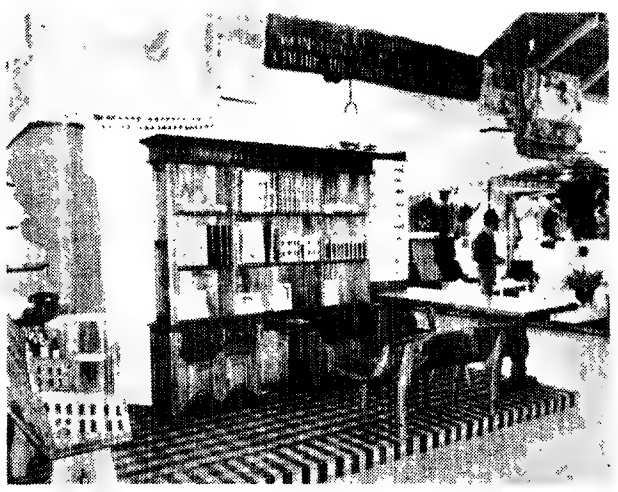
PANIBEL

PANIFICAÇÃO UNIDA DE BELÉM, LDA.

Escritório: Travessa das Florindas, n.º 15-1.º

Tosta sem sal, tosta integral, tosta refimen, tosta glutinada, mini tostas, Gressinos, Croissants Brioches, Pãezinhos de leite, Regueifas, Argolinhas, Pão de uvas, Pão de dieta, Pão de ovos, Pão de forma enriquecido.

Estas são algumas das qualidades da nossa vasta gama de fabrico



ZÉ CUSTÓDIO, LDA.

MOBILIÁRIO ARTÍSTICO, DECORATIVO
E ARTE REGIONAL POPULAR
Tel.: 93260

CALDAS DAS TAIPAS
PÓVOA DE LANHOSO

JORGE M. RODRIGUES, LDA.

IMPORTADOR DE:
Máquinas de Costura **BERNINA** e **WERTHEIM**
Peças e acessórios para qualquer marca
Tudo quanto é necessário para máquinas de costura

Máquinas de tricotar TOYOTA
Manequins PLASTIFORM

BERNINA

Exposição e venda ao público:
Rua Gomes Freire, 3 - B
Telefone 53 33 76
LISBOA

Escritório e Secção de Revenda:
Rua da Cruz da Carreira, 6-2.º
End. Teleg. BERNINEX
Telefone 53 33 76
LISBOA

Sucursal:
Rua Aires de Ornelas, 327
Telefone 41 31
PORTO

RAFAEL BURGUETE, LDA.

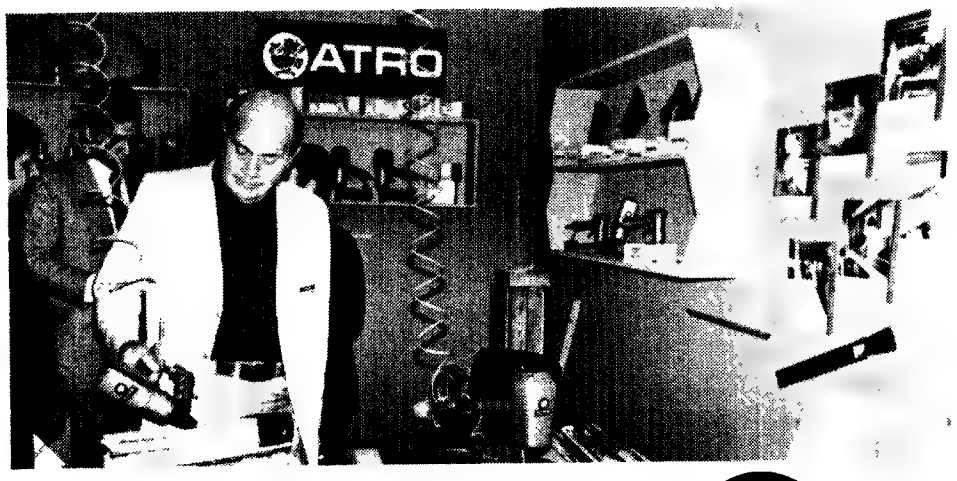
REPRESENTAÇÕES ESTRANGEIRAS

PRESENÇA NA F. I. L. 73

SEDE
RUA ANTÓNIO ENES, 20, 1.º
TELEFONE 56 34 16 (5 LINHAS)
LISBOA - 1 PORTUGAL

FILIAL
RUA DR. ALFREDO DE MAGALHÃES, 97 - 99
TELEF. 2 69 02 (2 LINHAS) PORTO

FIL 1973



AZE
APRESTOS PARA EMBALAGENS

meto
ETIQUETADORAS E ETIQUETAS

DYMO
SISTEMAS DE MARCAÇÃO E FITAS

ATRO®
20046 BIASSONO (MI) - Tel. 75 22 51
-MÁQUINAS DE AGRAFAR INDUSTRIAIS

PORTO – RUA DO ALMADA, 494 – TELEFS. 2 01 05/3 01 56

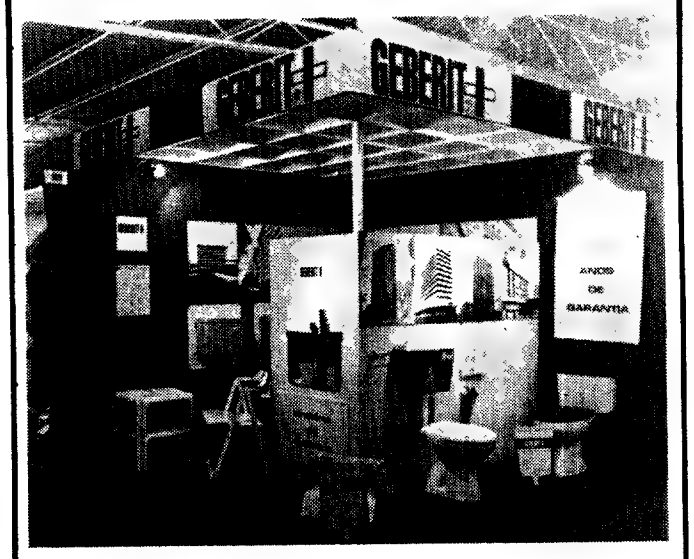
LISBOA – 3 – RUA JAU, 28 – TELEF. 63 50 95

Garcia & Garcia, Lda.

PICLES E PRESUNTOS EMBALADOS NO VACUO E FRUTAS EM CALDA

FRAGATA

FABRICANTES DE RELÓGIOS DE COLUNA E MÓVEIS ARTÍSTICOS



GEBERIT®

O AUTOCLISMO SILENCIOSO SINÓNIMO DE QUALIDADE FABRICAÇÃO SUÏÇA

M. V. MALHEIROS DE SOUSA

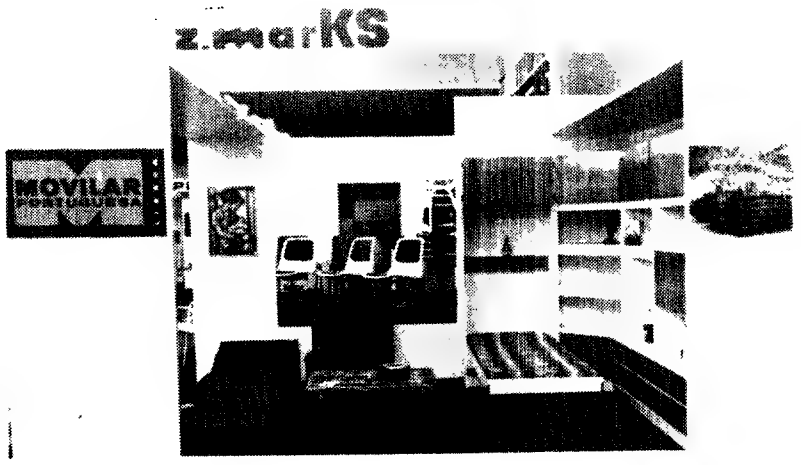
Rua José Pinheiro de Melo, 61 — LISBOA

MOVILAR PORTUGUESA

LISBOA—COIMBRA

MODELOS

Z-MARKS



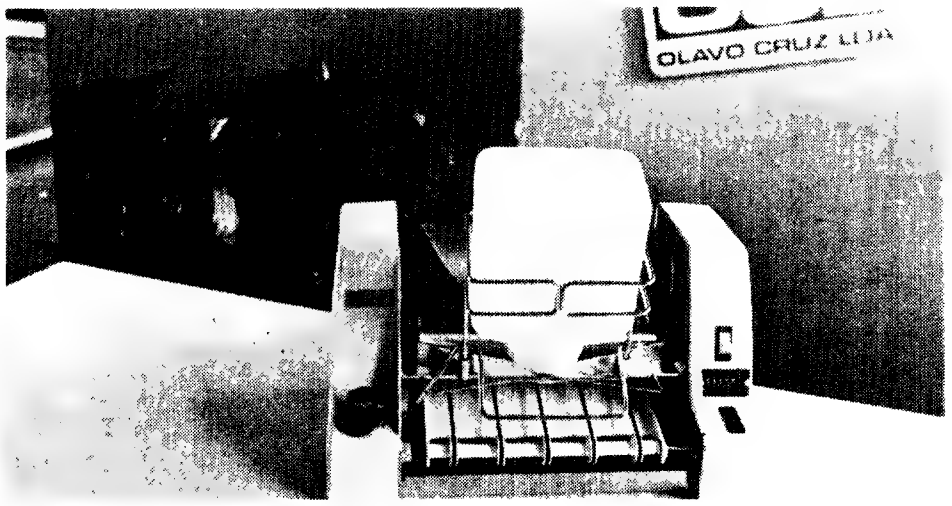
MATERIAL DE ESCRITÓRIO E ESTILOS NÓRDICOS

PAVILHÃO A - STAND 73 - 88 — FII

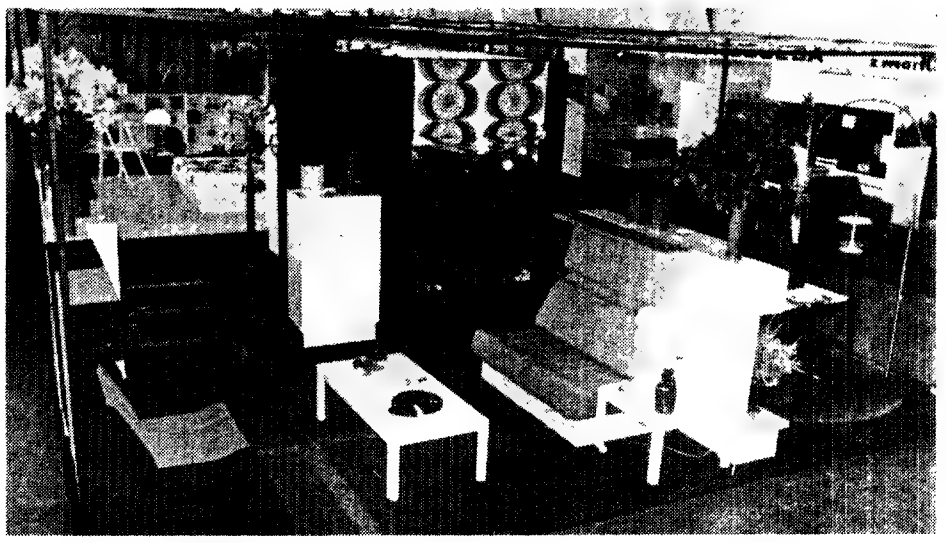
FIL 1973

OLAVO CRUZ, LDA. AO SERVIÇO DA INDÚSTRIA HOTELEIRA NA 14.ª EXPOSIÇÃO NA FIL 73

INTERNAT — Máquinas de Sumos em exposição no Stand O. C. L. na 14.ª FIL-73



MAGICRÊPE — Máquina de fazer crepes em exposição no Stand O. C. L., na 14.ª exposição FIL-73



INTERLÜBKE

ESTE É UM DOS ASPECTOS QUE A INTERLÜBKE OFERECE NA 14.ª EXPOSIÇÃO DA FIL 73, COM O SEU VASTO MOBILIÁRIO DE REQUINTADO BOM GOSTO.

OLAIO

APRESENTA PARTE DA SUA GAMA DE MOBILIÁRIO MODERNO DE ALTA QUALIDADE

NORIPEX — Indústria Portuguesa de Etiquetas e Xerocorafia, Lda.

MIRAMAR — Tel. 961032

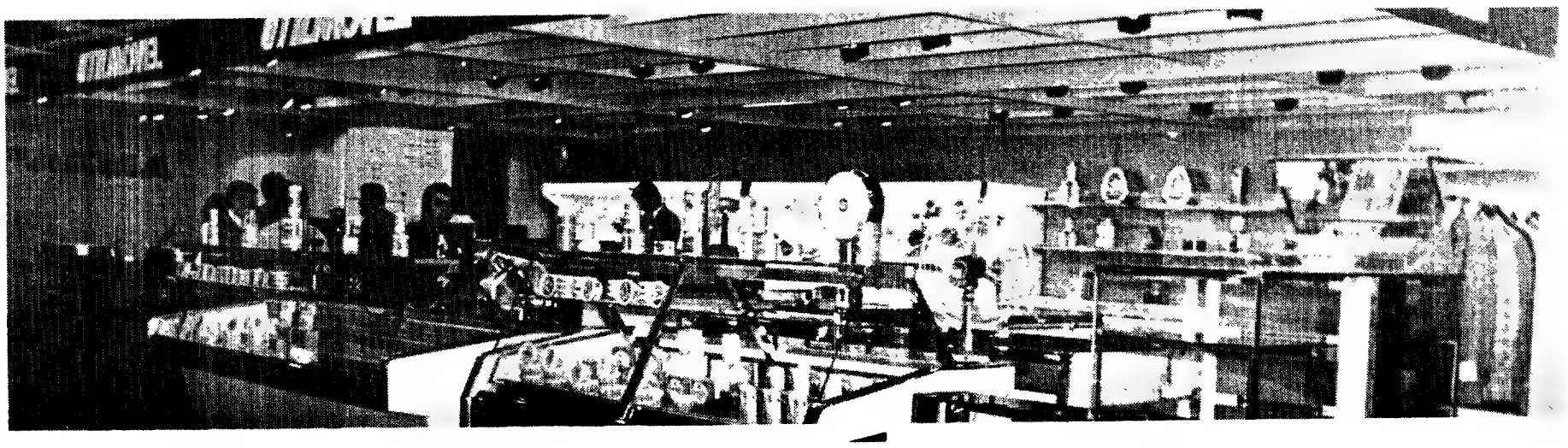
Fabricante de **Etiquetas** de todos os tipos.
Representante em Portugal de:
TIKOCES — Sistemas de impressão e sobreimpressão de Etiquetas. Aplicadores.
NOR — Sistema de marcação de preços.
NOR-SIGN — Marcadores.
NORTACHA — Máquinas de aplicação de Pinos em Etiqueta.
REYVOCON — Filme para embalagem.
Agente na Sucursal: **MELOP, LDA.**
Praceta Projectada à Rua Infante D. Pedro, 5 — Oeiras

ASPECTO GERAL DO STAND

METALÚRGICA ALENTEJANA
CARLOS ROEDER, LDA.

ONDE APRESENTAM UMA VARIADA GAMA DE MOTORES DIESEL DA MARCA **«MWM-DITER»**

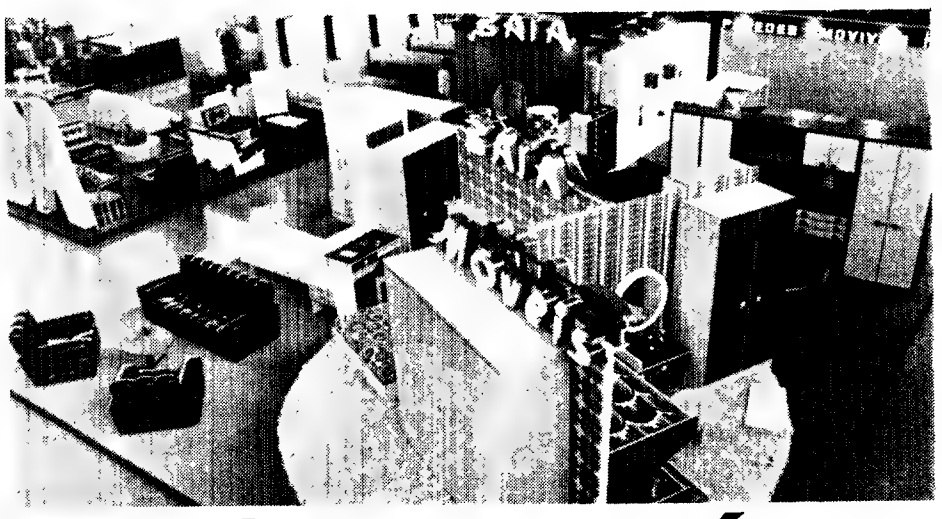
FIL 1973



UTILMÓVEL

UMA ORGANIZAÇÃO AO SERVIÇO DA HOTELARIA E DO COMÉRCIO ALIMENTAR

SEDE: Rua de Santo Amaro (à Estrela), 17-A — LISBOA — Telefone 668112/5

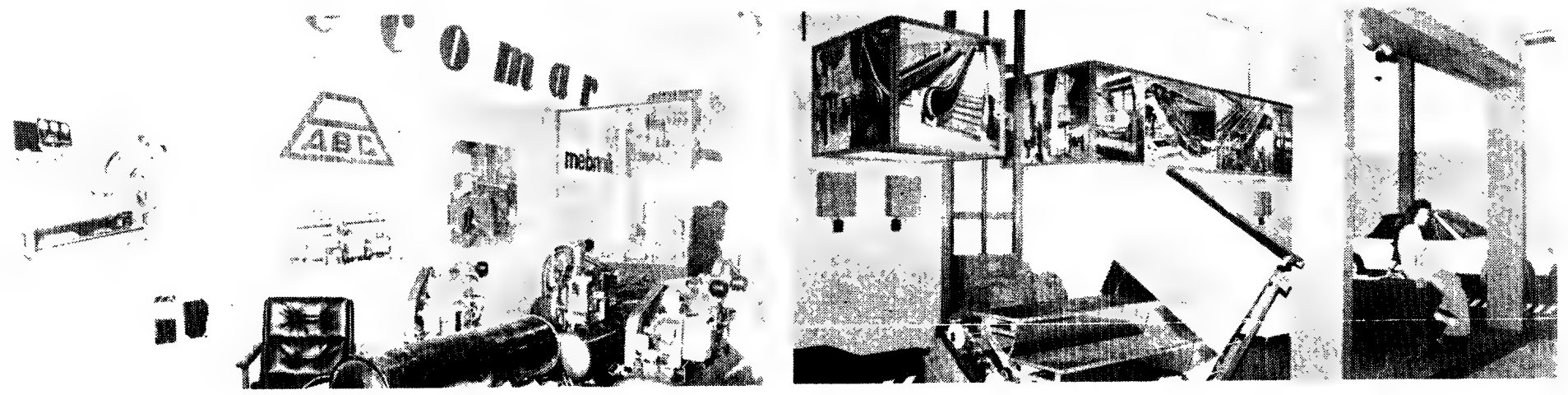


MÓVEIS BAÍA

A SOLUÇÃO DO POUCO ESPAÇO,
NA RODA DO PROGRESSO NACIONAL
VISITE-NOS NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
STAND N.º 202

Visite-nos na **FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA,** Pavilhão BB
Sect. 35 — Stand 1100/03

VENTÉCNICA — MÁQUINAS E FERRAMENTAS, LDA.
Rua José dos Santos Pereira, lotes 12 e 14 — Telef.: 74 09 80/5
L I S B O A



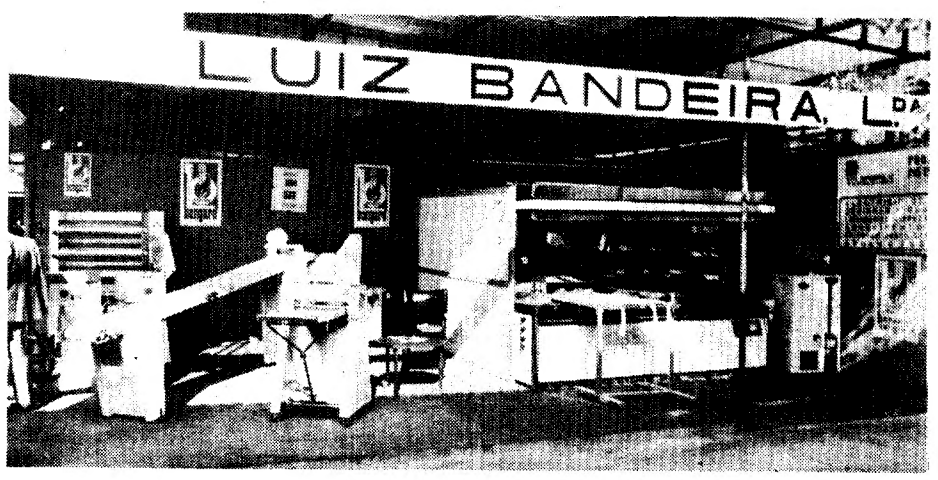
ecomar EMPRESA COMERCIAL DO ULTRAMAR, LDA.

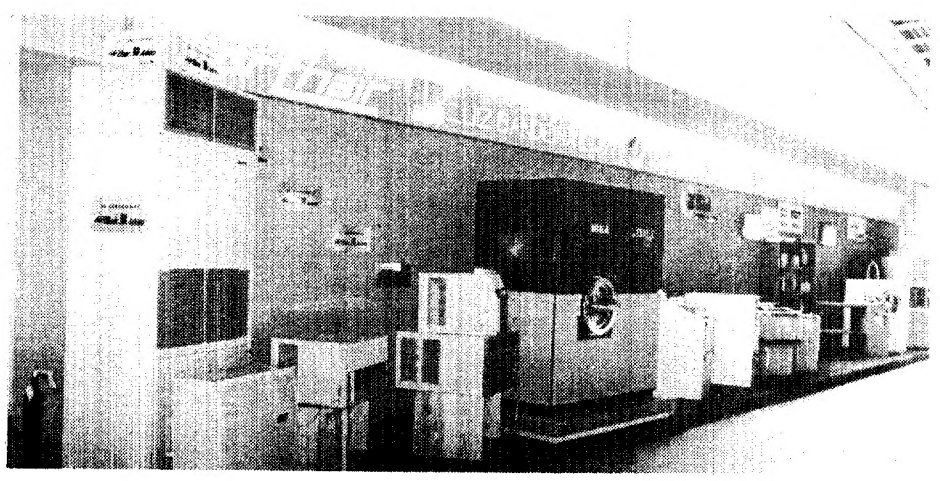
RUA JOAQUIM ANTÓNIO DE AGUIAR, 3-2.º — LISBOA — TELEF. 46591 - 539001 - 539002 — TELEX 1540

Representantes para Portugal de:

— **BOETTICHER Y NAVARRO S. A.**
— **A. B. C.**
— **MEBUNIK S. A.**
— **PILAR NACO**

F I L 1 9 7 3





LUIZ BANDEIRA L.DA
PROJECTOS E INSTALAÇÕES

Equipamentos para:
LAVANDARIAS
CLIMATIZAÇÃO
PANIFICAÇÃO
CONFEITARIA

AV. DO BRASIL, 33-1.°-B e C — TEL. 762650 — LISBOA -5

VISITE-NOS NA F. I. L.

TRIMUNDO

Avenida Ressano Garcia, 45-A — LISBOA
Tel. 48605

Gonçalves Monteiro & Filhos, Lda.

VISITE-NOS NA FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
Pavilhão E S. de Alimentação. Stand n.° 695/96

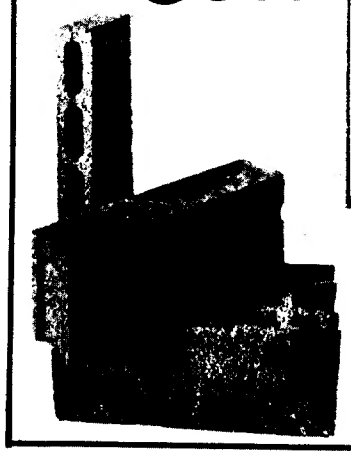
Stephens

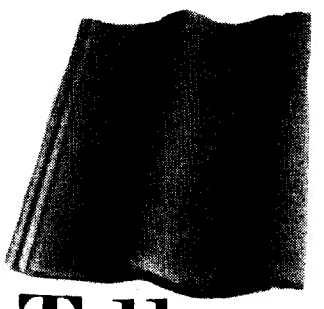
fábrica-escola irmãos stephens · marinha grande · portugal
telefones 52021 e 52022

Delegação em Lisboa: Praça José Fontana, 16-1.°
telefone 53 57 66

fábrica de vidros fundada em 1769

Bloco **Leca**



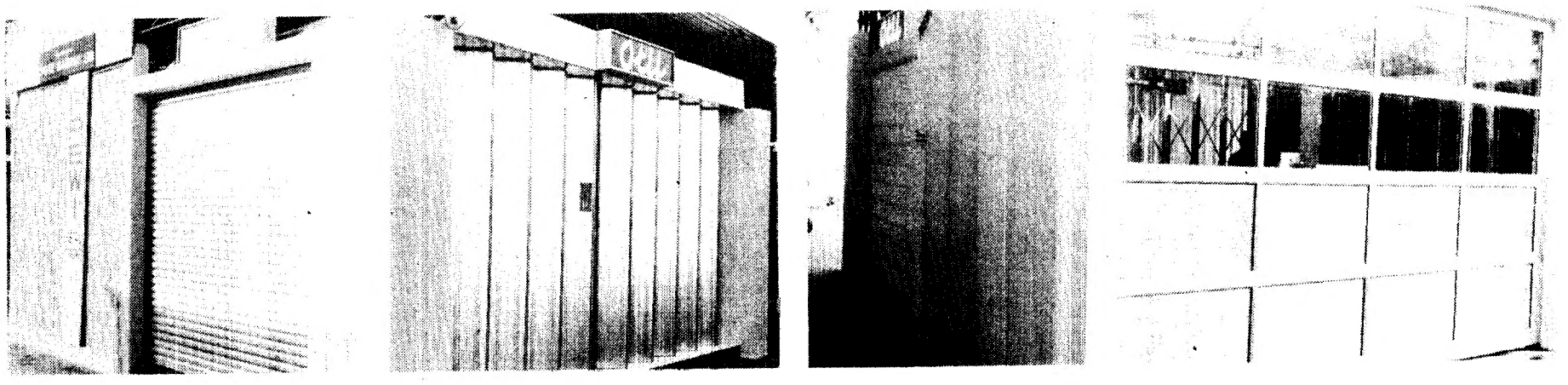


Telhas de cimento coloridas

Lecabetão
PRÉ-FABRICADOS COM ARGILA EXPANDIDA, S.A.R.L.
RUA CASTILHO, 57 R/C-Dto. TEL. 537748 LISBOA
LEIRIA SANTARÉM

argibetão
SOCIEDADE DE NOVOS PRODUTOS DE ARGILA E BETÃO (S. A. R. L.)
Av. António Augusto de Aguiar, 150 F-1.° Dt.° — Telef. 45182/44347 — Lisboa-1

FIL 1973



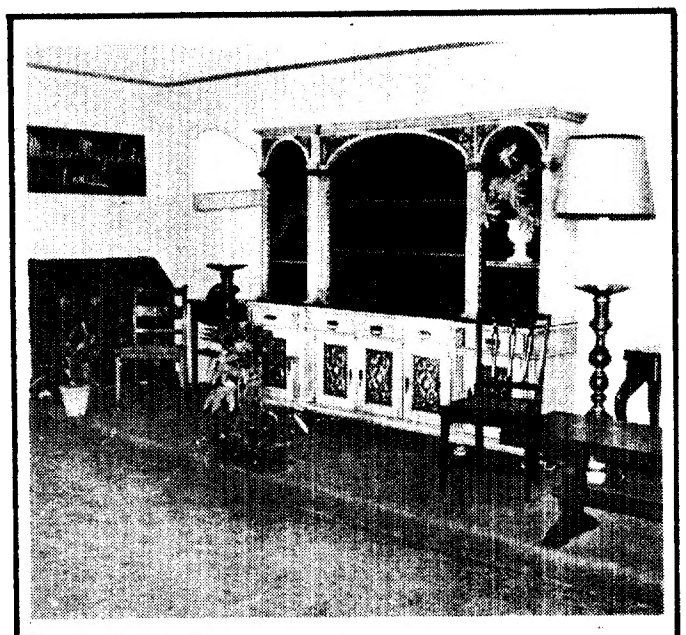
«BOLTON»

PORTAS BASCULANTES E INDUSTRIAIS

Visite-nos na F. I. L.-73 Stand 1348/51

REPRESENTANTE GERAL:
O T I L
Praça Mouzinho da Silveira, 132-2.º — PORTO

DISTRIBUIDOR NO SUL:
JOSÉ BARROS, LDA.
Rua José Duro, 21-B — LISBOA-5 — Telef.: 712540



VISITE O NOSSO STAND N.º 227 NA F. I. L.
Pavilhão A.
MÓVEIS DECORATIVOS, BASEADO NO ANTIGO
MONTEIRO VOUGA, LDA
PENUDE — Apartado 1 — LAMEGO

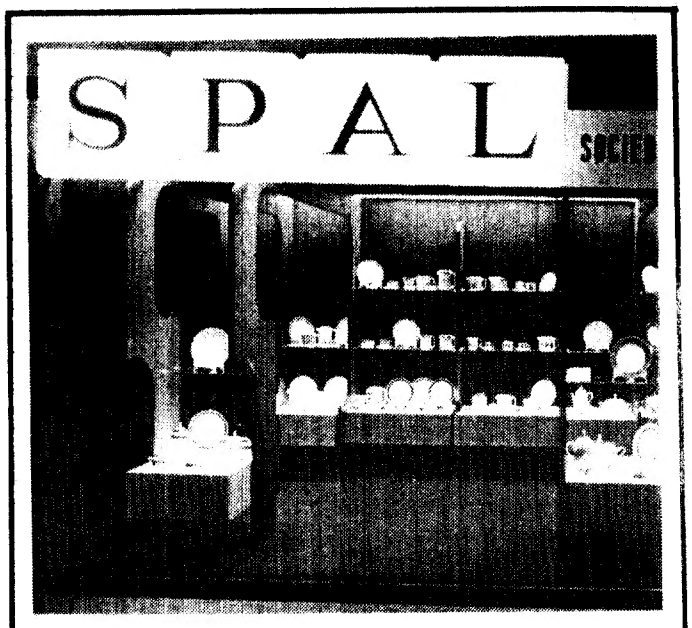
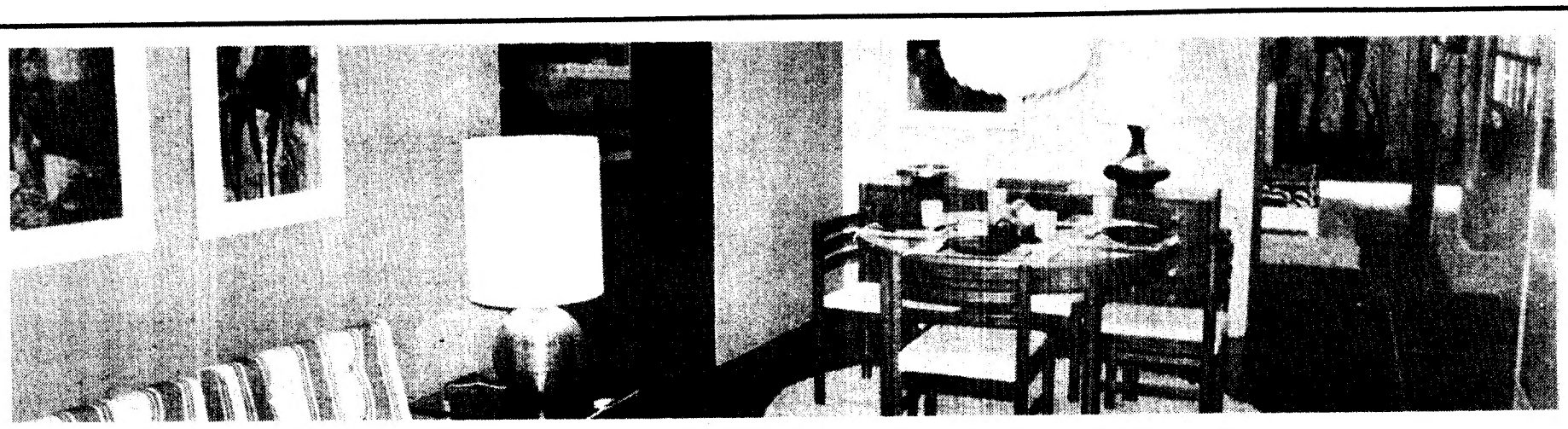


IMAGEM DO STAND DA
SPAL — Sociedade Porcelanas Alcobaça, Lda.
UMA FÁBRICA NOVA QUE PRESTIGIA A INDÚSTRIA NACIONAL

IPC **Nacional**

MASSAS ALIMENTÍCIAS, BOLACHAS E BISCOITOS
Visite-nos na FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA
PAVILHÃO e Secção de Alimentação — Stand n.º 587/89

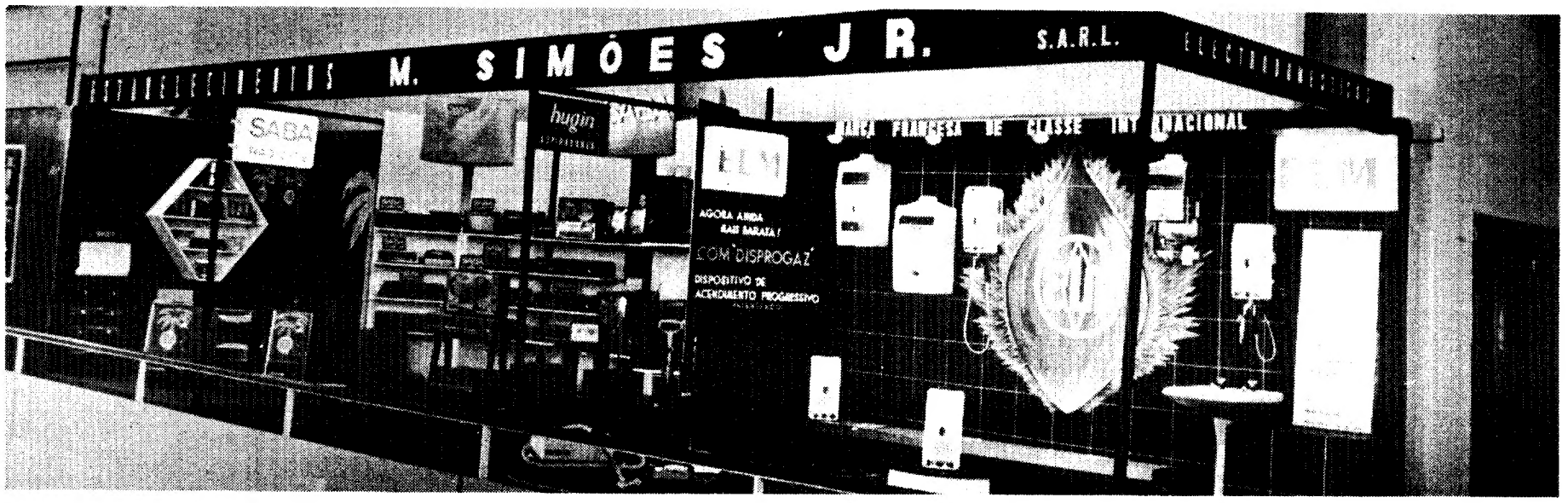


sb

sousa braga
móveis e decoraçōes, sarl

a evolução duma marca a presença dum simbolo
fil 73
visite-nos

FIL 1973



Estabelecimentos M. Simões Júnior, SARL

Presente na 14.ª Exposição da FIL-73 com algumas das suas categorizadas marcas: «SABA», «BUFA THERMEX», «E. L. M.», «HUGIU», «JURA», «INCA», «BISSELL» e «ENO»

Sociedade de Aparelhos de Precisão
BRUNO JANZ (Herd.) S. A. R. L.

Fabricantes de: CONTADORES DE ÁGUA, CONTADORES ELÉCTRICOS, CALIBRES E PEÇAS DE PRECISÃO

Avenida Infante D. Henrique, Lote A — Cabo Ruivo — LISBOA

BSJ ILUMINAÇÃO

Bronzes São Jorge, Lda.

Endereço-Adress: R. de Sto. António dos Capuchos, 94-A-Lisboa 2-Portugal
Telefones: 51825-51618-556629
Telegramas: BRONJORGE-LISBOA

ASPECTO GERAL DO STAND ABREU & C.a, L.da — AMARANTE

ONDE APRESENTAM UMA VARIADA GAMA DE MOBÍLIAS, PORTAS E OUTROS ARTIGOS DE PARTICULAR RELEVO.

MOVILAR PORTUGUESA

APRESENTA NA 14.ª EXPOSIÇÃO DA FIL 73, MAIS UMA DAS SUAS VÁRIAS ACTIVIDADES INDUSTRIAIS

FIL 1973

PAVILHÃO DE MOÇAMBIQUE

ESTÃO PRESENTES NA 14.ª EXPOSIÇÃO DA FIL 73

AS FRUTAS TROPICAIS DE MOÇAMBIQUE

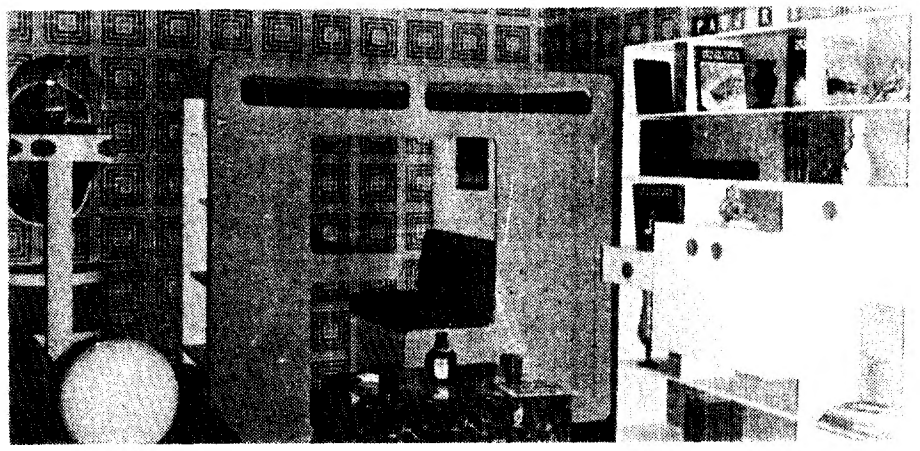
A Repartição de Normalização da Inspecção-Geral dos Produtos Agrícolas e Industriais e o Centro de Normalização, promoveram a representação da Normalização Portuguesa na FIL-73

INDÚSTRIAS TÉRMICAS NUNES CORREIA

S. A. R. L.

AQUECIMENTO — VENTILAÇÃO — AR CONDICIONADO
REFRIGERAÇÃO — HIDRÁULICA — MECÂNICA

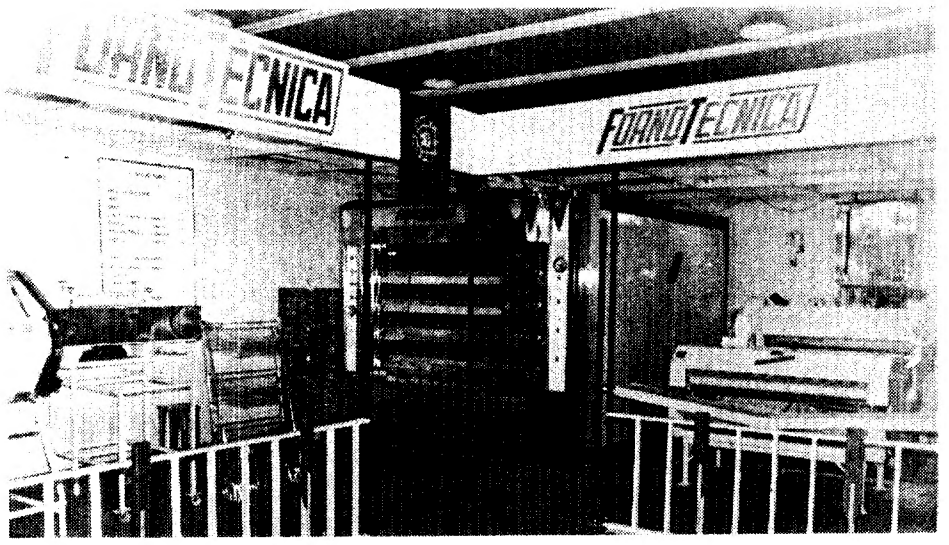
A CARRIER INTERNATIONAL CORPORATION apresenta na **FIL-73,** a sua nova linha de aparelhos para condicionamento de ar, no PAVILHÃO A — STAND 1494/5, com especial relevo para o novo condicionador WALLMATE de insuflação vertical, com aquecimento e arrefecimento, fácil colocação e muito silencioso.



MÓVEIS PAUJORKS

UM EMPREENDIMENTO EM MÓVEIS PARA CADA ESPAÇO...

...UMA SOLUÇÃO À MEDIDA.



VISITE NA FIL O STAND DA

FORNOTECNICA — EQUIPAMENTOS DE PADARIA E CONFEITARIA, LDA.

VALEJAS — CARNAXIDE — LISBOA